



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Prof-Artes**  
Mestrado Profissional em Artes

**ANA CAROLINA CONCEIÇÃO**

**REAL E VIRTUAL: um passeio pelos projetos e afetos de uma professora de artes numa escola de ensino médio no Distrito Federal.**

**BRASÍLIA - DF**

**2018**



**ANA CAROLINA CONCEIÇÃO**

**REAL E VIRTUAL: um passeio pelos projetos e afetos de uma professora de artes numa escola de ensino médio no Distrito Federal.**

Proposta Pedagógica apresentada ao Programa de Mestrado Profissional ProfArtes da Universidade de Brasília-DF, na linha de pesquisa Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso.

**BRASÍLIA – DF**

**2018**

**ANA CAROLINA CONCEIÇÃO**



**REAL E VIRTUAL: um passeio pelos Projetos e Afetos de uma professora de Artes numa Escola de Ensino Médio no Distrito Federal.**

Proposta Pedagógica apresentada ao Programa de Mestrado Profissional ProfArtes da Universidade de Brasília-DF, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes, na linha de pesquisa Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

**Banca Examinadora**

Orientador:

\_\_\_\_\_  
Prof. Doutor Jorge das Graças Veloso  
Universidade de Brasília-DF

Membro ProfArtes:

\_\_\_\_\_  
Prof. Doutor Paulo Sergio De Andrade Bareicha  
Universidade de Brasília-DF

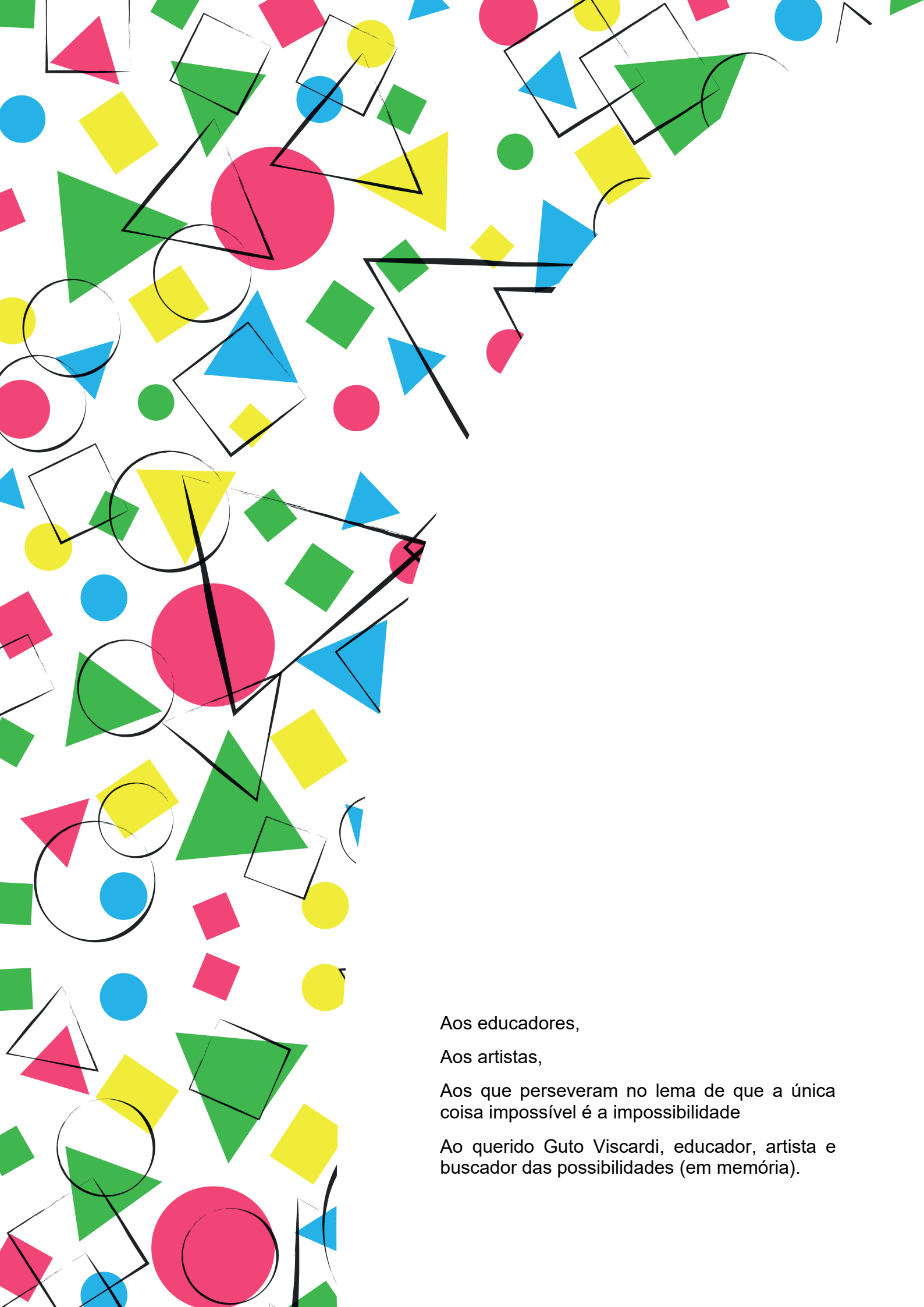
Membro externo:

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ângela Barcellos Coelho Café  
Universidade de Brasília – DF

**BRASÍLIA-DF**

**2018**





Aos educadores,

Aos artistas,

Aos que perseveram no lema de que a única coisa impossível é a impossibilidade

Ao querido Guto Viscardi, educador, artista e buscador das possibilidades (em memória).



## AGRADECIMENTO

Se tem algo de concluído neste trabalho é que tenho muito que agradecer.

Agradeço a todos e todas estudantes, especialmente aos que compartilharam a sala de aula comigo no CED 01 do Cruzeiro nos anos de 2015 e 2016. Foram vocês que tornaram as palavras nas páginas seguinte uma realidade. Sem o retorno, empenho e dedicação de suas partes, não alcançaria plenamente meus objetivos. O carinho, orgulho e admiração que perpassam minha memória quando penso em cada um, são inexplicáveis do ponto de vista racional.

A tríade feminina que me sustenta e me motiva levantar da cama todos os dias: minha mãe, Laura, exemplo de força e fé, minha heroína e porto seguro; minha filha, Verônica, que vive as delícias e os dissabores de ter uma mãe artista e professora, te amo ; e minha irmã, Juliana, pessoa que sei que sempre posso contar;

Ao Pablo por ser como é e por apostar em nós; 1,2,3,4,5,6.

Ao professor Graça Veloso pela calma diante das barreiras de tempo/espço neste percurso. Por sua orientação aberta, pela partilha sincera sobre os caminhos da etnocenologia e pensamentos sobre a educação e a arte.

Aos professores que aceitaram fazer parte da minha banca de qualificação e defesa final, Paulo Bareicha por sua atenção e dedicação na coordenação do ProfArtes e pela valiosa indicação de literatura e Ângela Café, por sua disponibilidade e orientações.

A professora, mestre e amiga Sônia Paiva, por sempre acolher em sua casa minhas diferentes facetas: a aluna, a profissional e a artista e pela criação e manutenção do LTC grupo transdisciplinar e colaborativo que tenho orgulho de fazer parte.

Ao Laboratório Transdisciplinar de Cenografia, fonte de inspiração contínua para concepção de minhas aulas.

Ao designer Matheus McGinity e ao videomaker Caio Sato, por aplicarem suas expertises, técnicas e olhares neste trabalho. Agradeço por me ajudarem a materializar toda essa ideia.

Aos professores do Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes, em especial Clarice Costa, que me resgatou de um desânimo profundo durante meu curso de graduação, e as professoras Delmary Vasconcelos; Maria Cristina e Maria Isabel que me ajudaram a sistematizar e pensar no meu objeto de defesa.

Aos colegas mestres e mestrandos: Wellington de Oliveira pela torcida e dicas de sobrevivência ao mestrado, Luciana Alves pela colaboração em todos os passos administrativos e burocráticos, Adriano Duarte, Belister, Carmen, Cristiane, Getúlio, Jailson, João, Júlia, Rafaela, Alessandro, Gabriel, Jair, Juliano (que infelizmente não continuou conosco) e Mariana por partilhar suas vivências e angústias na trajetória docente. E, a Tatiana Trindade, Valdeci Moreira e Simone Menezes pelas trocas de agora e pelas parcerias futuras.

As minhas amigas Aline Flym e Debora Novaes, pelos momentos de escuta e risadas, pela revisão gramatical e tradução.

Ao Pedro Fernando por sempre ouvir com interesse meus pensamentos sobre educação.


Aos colegas professores e gestores, que fizeram parte da minha trajetória e que sempre contribuíram para a realização dos projetos de artes, obrigada pela parceria, amizade e exemplos de vida;

Aos servidores da limpeza e da copa do CED 01 e CEF 01, que sempre fizeram nosso café com sorriso no rosto e boa vontade, mesmo isso não sendo tarefa de suas obrigações, pois o café é algo muito importante para o bom trabalho dos professores.

Aos integrantes e amigos da Cia Mundin, Cristiane Rocha, Joana Lopes, Marley Oliveira, Claudia Moreira, Gabriel Guirá e Simone Marcelo, sinto-me feliz por tê-los em meu caminho.

A Masashi Kishimoto por ter criado personagens de mangá tão incríveis, cheios de ideais e paixões na saga *Naruto*.

A Ed Catmull, um dos fundadores da Pixar, pela capacidade de perceber que de nada adianta ter técnica se ela não consegue transmitir uma boa narrativa.



Clarice Lispector, em seu texto intitulado *Em busca do outro*, finaliza-o assim: “Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.”

O trabalho ora apresentado está longe de ser um porto de chegada, é um caminho que estou trilhando sempre cercada de companhias. É um passeio com atalhos, bifurcações e momentos de pouso.

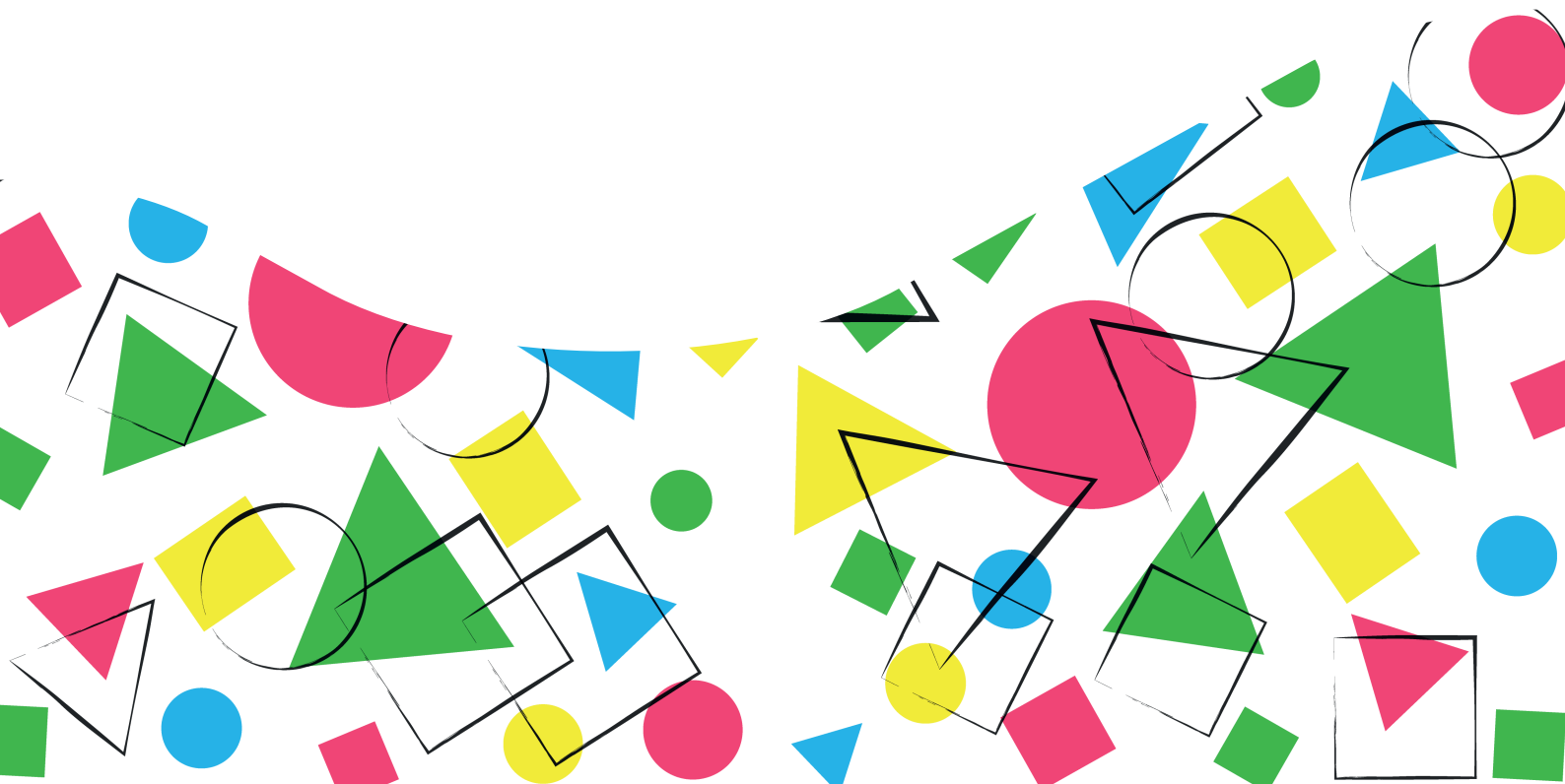
Convido-os a escolher para este passeio um dos estudantes aqui representados. Vejam seus perfis e optem por aquele que melhor te guiará por estas páginas ou ande com todos eles, a escolha é sua.

## LISTA DE IMAGENS

|  |           |
|--|-----------|
| Imagem 1 - Mapa mental - síntese proposta pedagógica, Ana Carolina C. 2018 .....                             | 18        |
| Imagem 2 - Linha histórica do Conceito de pedagogia de projetos.....   | 21        |
| Imagem 3 -Mapa mental sobre o texto Gaiolas Epistemológica - Ubiratan D'Ambrósio. Ana Carolina C., 2018..... | 25        |
| Imagem 4 - A besta Educação Brasileira. Ana Carolina C., 2018 .....  | 28        |
| Imagem 5 Diagrama do Plano de Ensino do CED 01 do Cruzeiro. Ana Carolina C., 2018 .....                      | 31        |
| Imagem 6 - Painel semântico - ambientes da escola .....  | 37        |
| Imagem 7 - Painéis semântico - Ambientes da Escola II .....  | 39        |
| Imagem 8 - Como eu lembro das aulas de artes, Lucas Marques, 2016. ....                                      | 40        |
| Imagem 9 - Painel semântico Fotos desenho de Luz, GRM, 2016 .....  | 44        |
| Imagem 10 - Painel semântico Teatro de Sombras .....   | 46        |
| <i>Imagem 11 - Diagrama dos resultados dos Processos Experienciais Ana Carolina C., 2017 .....</i>           | <i>49</i> |
| Imagem 12 - Painel semântico Musicoteca, Fotos: A turma, 2016.....   | 52        |
| Imagem 13 - Painel semântico Fábrica de Memes, Fotos: Adalberto M., 2016 .....                               | 53        |
| Imagem 14 - Painel semântico Batalha de Rap Fotos: A turma, 2016 .....                                       | 54        |
| Imagem 15 - Painel semântico Teatro de Improviso, Fotos: Ana Carolina C. 2016 ..                             | 55        |
| Imagem 16 - Prezi, Aula Vanguardas Europeias, Ana Carolina C, 2016 .....                                     | 57        |
| Imagem 17 - Diagrama dos Resultados de Vanguardas em Cena, Ana Carolina C, 2018 .....                        | 62        |
| Imagem 18 - Apresentação Surrealismo e Dança, 3º ano A,2016 – Imagens retiradas de vídeo: A turma .....      | 65        |
| Imagem 19 - Apresentação Impressionismo e Dança, 3º ano A, 2016 Imagens retiradas de vídeo: A turma .....    | 66        |
| Imagem 20 - Apresentação Teatro de Fantoques e Cubismo, 3º ano C, 2016 registro: Ana Carolina C. ....        | 66        |
| Imagem 21 - Fases do Conhecimento por Weil, Ana Carolina C.,2018 .....                                       | 68        |
| <i>Imagem 22 - Painel semântico, Vídeos do projeto: Esporte, linguagens e Ação! 2016 .....</i>               | <i>71</i> |
| Imagem 23 - El hombre pálido, cena do filme O labirinto do Fauno Imagem retirada do google, 2018.....        | 76        |
| Imagem 24 - Painel Semântico Projeto Ctrl + C, Ctrl +V, 2016 .....   | 77        |
| Imagem 25 Visão do site Proicere, Ana Carolina C. 2017 .....   | 79        |
| Imagem 26 - Quando a Bia apresentou, Lucas Marques, 2016 .....   | 81        |

## SUMÁRIO

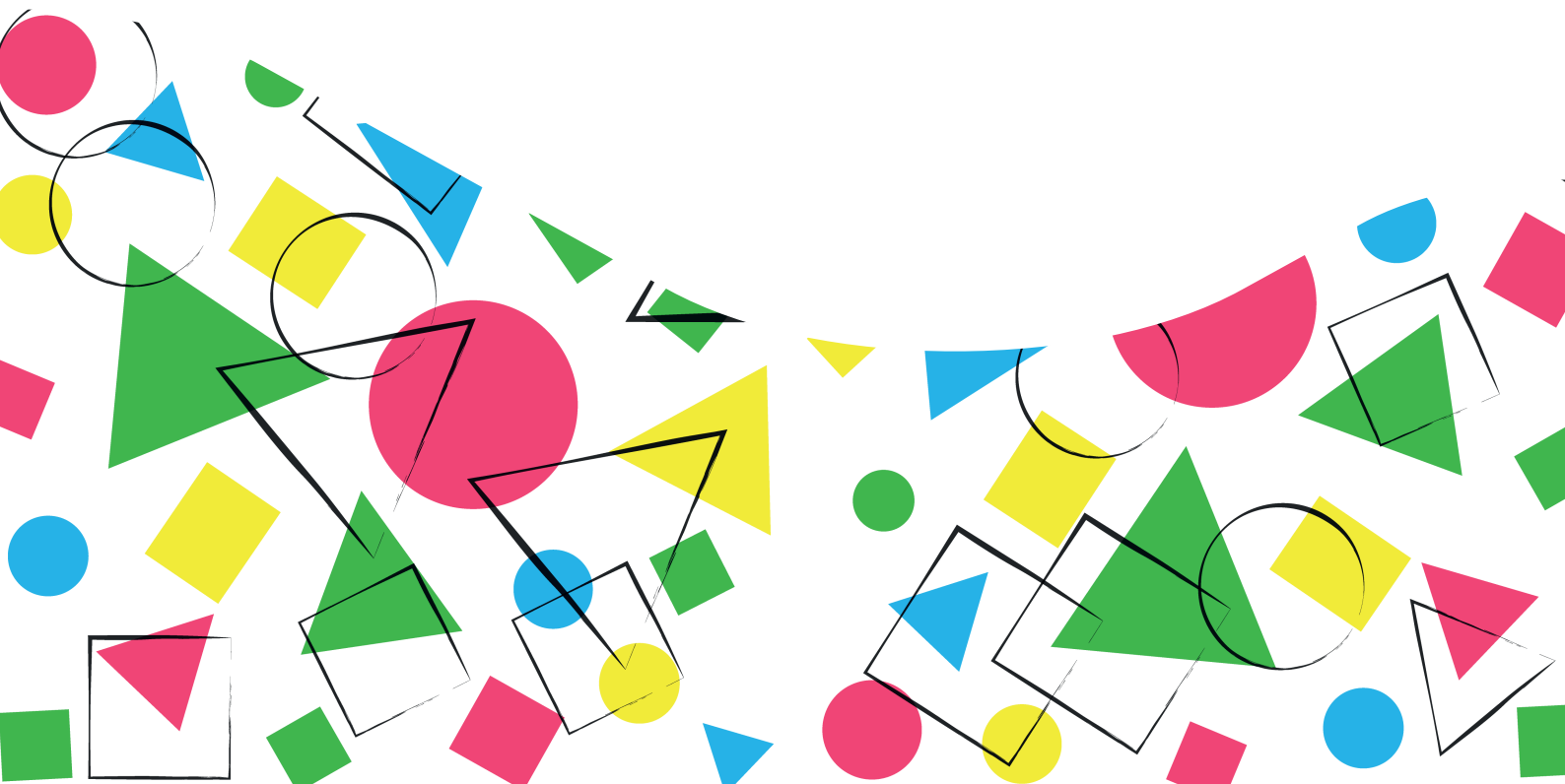
|   |           |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO.....   | 13        |
| NOTAS INTRODUTÓRIAS .....                                     | 15        |
| CAPÍTULO I - PROJETOS.....                                    | 20        |
| <b>CAPÍTULO II – NOSSAS FALAS .....</b>                       | <b>27</b> |
| 2.1 – A escola .....  | 27        |
| 2.2 – Os projetos que aconteceram no CED 01 do Cruzeiro ..... | 40        |
| 2.2.1 – Processos Experienciais .....                         | 41        |
| 2.2.2 – Vanguardas em Cena .....                              | 56        |
| 2.2.3 – Esporte, Linguagens e Ação! .....                     | 67        |
| 2.2.4 – Ctrl+C e Ctrl+ V .....                                | 74        |
| <b>CAPÍTULO III – FERRAMENTAS.....</b>                        | <b>82</b> |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                    | 106       |
| REFERÊNCIAS.....  | 109       |
| APÊNDICE .....  | 111       |



## RESUMO

Trata-se de uma proposta pedagógica, elaborada a partir da descrição e análise das aulas de artes no Centro Educacional 01 - CED 01 do Cruzeiro nos anos 2015 e 2016, baseada principalmente na memória dos estudantes que as vivenciaram. Como alicerce teórico, foram utilizados os conceitos de educação, pedagogia de projetos, pedagogia do teatro, transdisciplinaridade e sistematização de experiências, principalmente a partir de pensadores como Fernando Hernandez e Montserrat Ventura; Paulo Freire; Oscar Jara Holliday; Ubiratan D'Ambrósio e Edgar Morin. Dessa forma, esta pesquisa busca trazer reflexões sobre os projetos de artes realizados no CED 01 do Cruzeiro, além de indicar as contribuições da aprendizagem, a partir de um olhar transdisciplinar sobre o fazer teatral em seu amplo escopo. Os procedimentos adotados para a realização desta pesquisa foram entrevistas semiestruturadas, mapas mentais produzidos pelos estudantes, depoimentos e diálogos feitos por meio de redes sociais e registros fotográficos e audiovisuais. Isso resultou nesta proposta em forma de portfólio interativo e em três vídeos disponibilizados em ambiente virtual. Os resultados apresentados trazem a fala e ação dos discentes, e sugestão de Sequências Didáticas que envolvem a pedagogia de projetos e suas intersecções com meu pensamento docente.

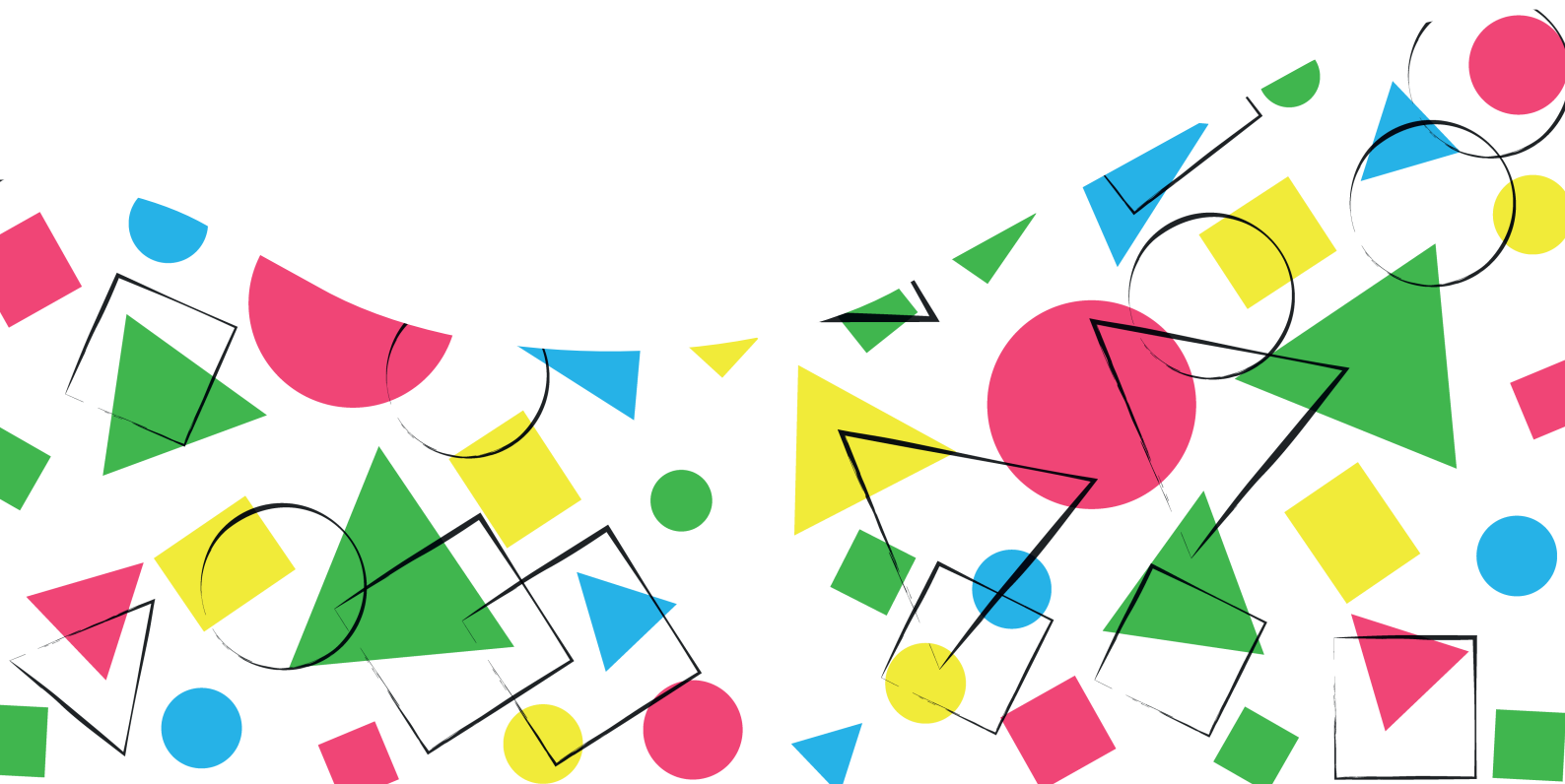
**Palavras-chave:** Escola. Projetos. Pedagogia do Teatro. Dispositivos pedagógicos. Transdisciplinaridade.



## ABSTRACT

This work is a pedagogical proposal built from the analysis of the art classes at the Educational Center 01 - CED 01 of Cruzeiro in the years 2015 and 2016. It is based mainly on the memory of the students who experienced them. As a theoretical foundation, the concepts of education, project pedagogy, theater pedagogy, transdisciplinarity and systematization of experiences were used, mainly from theorists such as Fernando Hernandez and Montserrat Ventura; Paulo Freire; Oscar Jara Holliday; Ubiratan D'Ambrósio and Edgar Morin. In this way, this research brings reflections on the art projects realized in CED 01 of Cruzeiro. In addition, it indicates some contributions in the learning process from a transdisciplinary perspective. The procedures adopted for this research were semi-structured interviews, mind maps produced by the students, testimonies and dialogues made through social networks and photographic and audiovisual records. As a result, this proposal is presented in the form of an interactive portfolio and in three videos made available in a virtual environment. The presented results bring the speech and action of the students, and suggestions for Didactic Sequences that involve the pedagogy of projects and their intersections with my teaching thought.

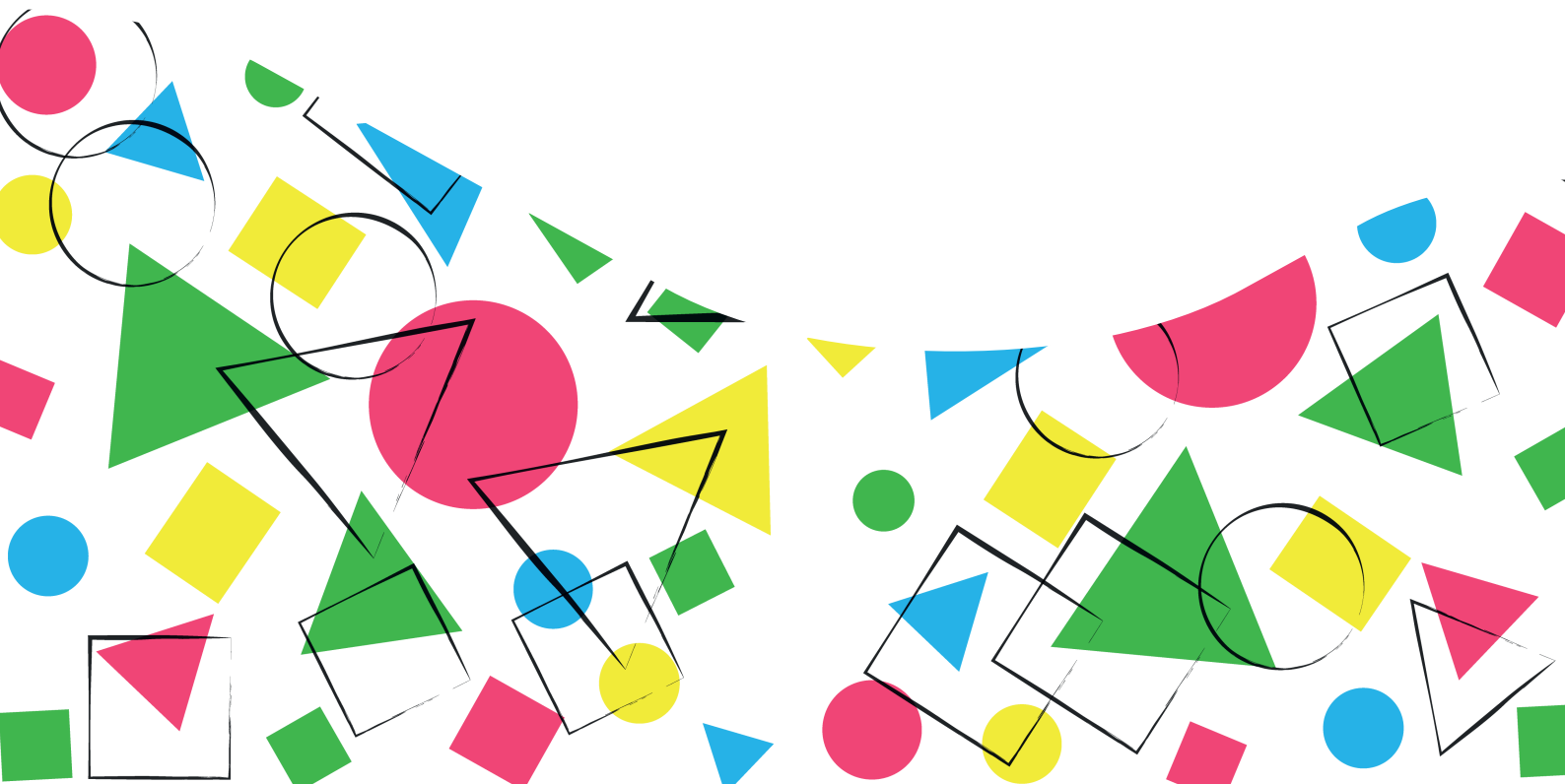
Keywords: School. Projects. Theater pedagogy. Pedagogical devices. Transdisciplinarity.



## RESUMEN

Se trata de una propuesta metodológica, elaborada partiendo de la descripción y análisis de clases de educación artística en el Centro Educacional 01 – CED 01 de Cruzeiro, en los años 2015 y 2016, basada en la memoria de los estudiantes que las han vivenciado y cuáles sus reverberaciones. Como base teórica han sido utilizados los conceptos de educación, pedagogía de proyectos, pedagogía del teatro, transdisciplinariedad y estructuración de experiencias. Especialmente, partiendo de pensadores como Fernando Hernandezy Montserrat Ventura; Paulo Freire, Oscar Jara Holliday, Ubiratan D'Ambrósio y Edgar Morin. De este modo, esta investigación busca traer reflexiones acerca de los proyectos de arte ejecutados en CED 01, además de señalar las contribuciones de aprendizaje, desde una mirada transdisciplinar con respecto al hacer teatral. Los procedimientos adoptados para la realización de esta investigación fueron entrevistas semiestructuradas, mapas mentales producidos por los estudiantes, declaraciones y diálogos realizados a través de redes sociales y registros fotográficos y audiovisuales. Resultando esta propuesta en forma de portafolio interactivo y en dos vídeos, disponibles en enlaces en *youtube*. Los resultados presentados traen el habla y acción de los estudiantes, sugerencia de planes de clases de educación artística que involucran la pedagogía de proyectos y sus intersecciones con mi pensamiento docente.

Palabras clave: Escuela. Proyectos. Pedagogía del Teatro. Dispositivos pedagógicos. Transdisciplinariedad.





## APRESENTAÇÃO

O formato deste trabalho foi concebido a quatro mãos. Quando pensei acerca de toda a fala desta proposta que se pauta num pensamento sobre a educação em que ela deve ser feita em cima da vida, dos interesses, anseios e crenças de cada um. Indaguei porque não fazer um trabalho que mostrasse toda a identidade da minha forma de pensar sobre o educar?

Pensei e elaborei este material para disponibilizá-lo para professores e estudantes de artes. E no desejo de que fosse agradável, divertido e prático, convidei o designer Matheus MacGinity, meu colega do Laboratório Transdisciplinar de Cenografia – LTC, para criar a identidade visual desta proposta.

Considero que a educação em qualquer nível, do básico ao superior, deve servir a imaginação humana, e não é por se tratar de um resultado de pesquisa de mestrado que esse precisa ser rígido em sua apresentação, falo de errâncias, flexibilidade, escutar e buscar compreender o que o outro quer dizer, nada mais justo que tenha um pouco de tudo isso aqui.

É na aceitação da complexidade da existência de múltiplas explicações e modos de lidar com a realidade que eu me permiti apresentar esta proposta pedagógica dentro de um formato interativo. Buscando estabelecer um diálogo manual e virtual com os possíveis leitores.

Dessa forma, foram utilizadas referências visuais que contemplassem o campo da pedagogia, suscitando, imagetivamente, estímulos referentes aos processos de aprendizado. Foram escolhidas duas características recorrentes em tais processos: os quadros-negros — local onde são formadas nuvens de palavras, e formas geométricas básicas — quadriláteros, triângulo e círculos. As cores, excetuando-se o verde, são pigmentos primários — ciano, amarelo e magenta. Propiciando, na identidade aplicada à dissertação, a percepção da pedagogia como aspecto fundador do indivíduo, ao desvendar os campos léxicos verbal e formal.

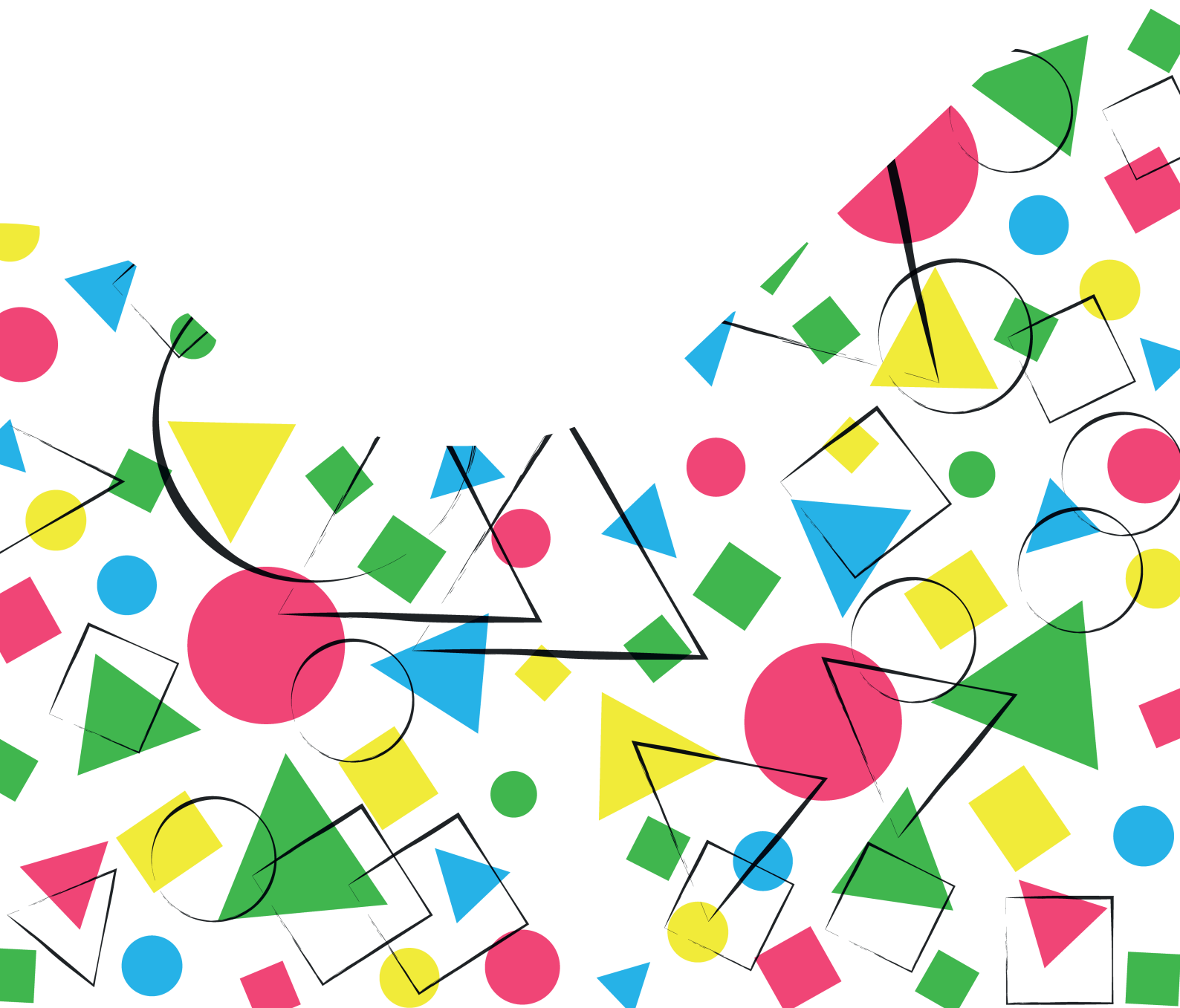
Foi disposto nas vias da dissertação imagens em painéis semânticos. Essa, uma técnica em que, através da compilação imagética, constrói-se uma significação a partir do agrupamento. Expressam-se valores, sensações, e até restrições em torno do motivo explorado. Através de recortes da realidade do sujeito-objeto em análise monta-se um universo simbólico que serve de guia para o planejamento de um produto, aqui, o fichário.

A diagnose dos alunos são apresentadas em formatos de marcadores de páginas magnéticos, são seis perfis diferentes, com descrição das características de variados estudantes com os quais tive contato. Como licença poética, apelidei cada perfil com nomes no plural para identificar que são muitos os Joãos, Caios, Marias e Ludmilas que lidamos ao longo do nosso percurso docente.

Os materiais disponibilizados tais como post-it, marcadores de texto, versão postal de mapas mentais produzidos pelos alunos e a lupa servem para ampliar a relação de interatividade com o texto.

Os vídeos editados por outro colega do LTC, Caio Sato, complementam este trabalho, trazendo o material audiovisual de que tanto se fala nesta pesquisa.

Como dito, é um passeio, aproveitem cada momento desse percurso.



## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Trago nesta proposta muito do meu modo de agir e pensar relacionado à educação e à arte. Minhas primeiras vivências com o fazer teatral se deu no Centro de Ensino Médio Setor Leste, local que estava efervescido com a ideia de projetos. Assim, meus anos neste ambiente foram marcados por dois projetos em especial: Água e (Re)vivendo êxodos.

No primeiro, fizemos pesquisas na CAESB para realizar ações de limpeza no lago Paranoá e assistimos à apresentação de canções do grupo Uakti. No segundo, conhecemos a obra Êxodos de Sebastião Salgado e fomos incentivados a fotografar os nossos arredores com o objetivo de montarmos uma exposição. Além disso, caminhamos até a barragem do Lago Paranoá para conhecermos um pouco mais dos nossos recursos naturais e biodiversidade. Além destes projetos específicos, havia participação em outras atividades paralelas que também me marcaram de forma igual, como o Festival de Teatro, as Feiras de Ciências, o Grêmio e a programação da Rádio escolar, que eram para mim momentos de realização.

Esses momentos reverberaram em mim de tal forma que, mesmo sentindo uma pulsão pelo fazer artístico, decidi, antes, ser professora. Creio que a vivência do chão de escola, um local de formação do conhecimento, não pode ser menosprezado, pois é, além de tudo, local de errâncias e construção.

Destarte, já na Universidade de Brasília - UnB, no curso de licenciatura em artes cênicas, encontrei dois programas essenciais para minha formação: o Programa de Incentivo de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, subprojeto Teatro, coordenado pela professora Dra. Clarice Costa e supervisionado pela professora da Secretaria de Educação, Wanuzza Marques e o Programa de Extensão e Ação Continuada do Laboratório Transdisciplinar do Desenho da Cena – LTC ou Laboratório, coordenado pela professora Dra. Sônia Paiva.

Neste contexto acadêmico, estavam sempre presentes discussões sobre os dilemas da rotina de sala de aula, os debates sobre os pensadores como Paulo Freire, Anísio Teixeira, Jonh Dewey, Deleuze, Bourdieu dentre outros. Além do mais, o desafio de ministrar aula como pibidiana me possibilitaram entender o que é ser uma professora de artes.

Ser docente é, inicialmente, saber ouvir e perceber quais as narrativas que cada um traz consigo para depois saber qual resultado estético e ético podemos tirar disso.

Esse “fazer e ser” em sala de aula afetam os estudantes e a mim mesma. Se perguntada de onde tiro a certeza, afirmo que vem da percepção do envolvimento e do afinco com que os alunos executam seus projetos, além de seu interesse em mostrar aos outros os resultados obtidos, bem como dos seus próprios relatos sobre as atividades em suas redes sociais.

Quanto a minha ação como pesquisadora no LTC, os alcances dessa vivência em minha atuação docente se dão no entendimento do fazer criativo. No Laboratório, somos incentivados a abraçar nossos interesses para juntos criarmos mais do que uma produção estética. Trata-se da busca de uma abordagem colaborativa que reflete nos próprios meios de produção, criação e convivência.

Levo todas as práticas e pesquisas do LTC para a sala de aula, entendendo a pesquisa em artes, realizada por meio de projetos, como uma forma de possibilitar ao discente a realização de um percurso de criação em que cada um consiga entender a linguagem teatral por um campo de observação que lhe traga sentido.

São inúmeros os discursos e teorias da educação que defendem a necessidade de mudança das concepções de ensino-aprendizagem. Entretanto, percebo que os pensamentos estão à frente quando nos deparamos com a realidade da escola. As teorias que consideramos revolucionárias, normalmente, antecedem anos, até mesmo séculos, à sua prática e transformação na sociedade.

Faço estas ponderações porque elas me tranquilizam na busca de uma educação que faça sentido. As ideias existem e estão aguardando serem postas em prática. Escrever sobre a aplicação dessas ideias de forma organizada é “partir do que a própria riqueza das experiências pede que se faça: apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros” (Holliday, 2006, p. 22). Anseio que as reflexões e relatos aqui registrados sirvam como um gatilho de inspiração para os professores das mais diversas escolas brasileiras.

A aprendizagem em artes por meio de projetos é a temática principal desta pesquisa que se propõe a ser um relato de um caminho metodológico. Com base na minha vivência como professora e em materiais produzidos por ex-alunos e seus relatos, busco refletir sobre o alcance e as memórias das aulas de artes ministradas para estudantes do ensino público regular do Distrito Federal.

A metodologia baseada na pedagogia de projetos em si não é algo novo, porém considero relevante o relato da sua aplicação e das adaptações necessárias que vivenciei como uma indicação de caminhos possíveis que ensejam colaborar com os docentes de artes da educação básica. Pois uma proposta que considera que o aluno é capaz de criar suas próprias soluções tem aplicabilidade em variados contextos, e, assim como defendia Paulo Freire, responde a uma necessidade de uma educação que permita aos alunos sua autonomia.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo a descrição e análise das aulas de artes no CED 01 do Cruzeiro nos anos 2015 e 2016, com base na memória dos alunos que as vivenciaram. Além de entrevistas, conto com o material escrito e mapas mentais produzidos pelos estudantes, depoimentos e conversas feitas por meio de redes sociais e registros fotográficos e audiovisuais.

Ao lembrar os alarmantes índices de desinteresse e apatia dos estudantes frente aos conteúdos escolares, trazer a fala deste público é um importante recurso para entendermos os anseios dos jovens e os redirecionamentos necessários em nossa prática docente.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é analisar e descrever as aulas de artes em forma de projetos, e mostrar como estas impactaram os estudantes. E, assim, fortalecer o entendimento da viabilidade de realizar aulas dentro de um pensamento transdisciplinar.

O conceito de transdisciplinaridade que coloco aqui é o de D'Ambrósio (1997) que entende que o conhecimento se dá na cooperação, respeito e solidariedade. A abordagem transdisciplinar é antes de tudo considerar que não há uma hierarquia na forma de adquirir o saber, também não é uma mistura de todas as ciências do mundo, mas sim uma ampliação nas formas de encontrar respostas.

Igualmente, o entendimento do reconhecimento da alteridade apresentado por Veloso (2016) expande a compreensão desta abordagem que permite a aceitação da complexidade da existência de múltiplas explicações e modos de lidar com a realidade.

Tendo em vista a peculiaridade desta pesquisa e seus diversos desdobramentos apresento, a seguir, um mapa mental, que descreve os caminhos deste passeio.

Imagem 1 - Mapa mental - síntese proposta pedagógica, Ana Carolina C. 2018



Assim sendo, o corpo do trabalho apresenta, em um primeiro momento, no capítulo 1, o conceito da Pedagogia de Projetos pela ótica de Hernandez e Ventura (1998) que visa o entendimento da necessidade do pensamento transdisciplinar ou pelo menos interdisciplinar. Pensamento este que desde 1999 está na pauta da UNESCO e que nós, da educação, vamos caminhando a passos trôpegos na busca de uma nova atitude perante o saber, que acaba se traduzindo num novo modo de ser.

As concepções sobre os saberes necessários para a educação do futuro de Edgar Morin (2002) e das gaiolas epistemológicas de Ubiratan D'Ambrosio (1997), bem como a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996) ampliam as perspectivas

e paradoxos ao nosso olhar e nos motivam a buscar novas alternativas para o ensino no contexto escolar.

Logo depois, no capítulo 2, que denomino Nossas Falas, apresento meu portfólio, para contextualização da aplicação da proposta pedagógica e faço uma breve descrição do Centro Educacional 01 do Cruzeiro – CED 01 Cruzeiro, escola onde exerci docência durante dois anos seguidos. Constam ainda a descrição dos projetos desenvolvidos em sala de aula, em forma de um roteiro didático, com sua justificativa, objetivos, desenvolvimento e avaliação, além de imagens e descrição dos relatos dos alunos que fizeram parte desta experiência.

Cabe ressaltar que a concepção dos projetos foi embasada no currículo antes proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e Diretrizes Curriculares Nacionais, hoje superados pela Base Nacional Comum Curricular aprovada em 20/12/2017.

Também em Nossas Falas, insiro uma série de painéis com colagens das conversas realizadas por meio das redes sociais, em que podemos levantar uma síntese das angústias, desejos e motivações dos estudantes além de perceber o potencial pedagógico que estas ferramentas apresentam. Pois, “o que se percebe é a dimensão que adquire o fato de se tornarem públicas e publicadas as práticas de si que, para aqueles atores, os tornam pertencentes a determinados fazeres e saberes.” (VELOSO,2014).

Ainda em Veloso (2014) corroboro com seu pensamento em considerar legítimo que as redes sociais virtuais poderiam também ser vistas como reforçadoras dos sentimentos de pertença. Já que as trocas que acontecem na rede podem ser tão eficazes quanto as que ocorrem nas salas de aula.

Em seguida, no capítulo 3 trarei uma abordagem sobre os dispositivos pedagógicos que permitem a flexibilidade e espaço para o imprevisto que é característico de uma metodologia que se pauta nos interesses de um grupo diverso, mas não cai no risco de defasar os conteúdos que são exigidos em avaliações posteriores. Apresento também, os Mapas Mentais, ferramenta de estudo, elaborada por Tony Buzan (1997), que une texto e imagem numa sequência e categorização que permite a síntese de assuntos complexos num mesmo quadro de visão, e como o ensino na sala de aula.

Ao final, consta um breve relato de quais resultados foram alcançados até aqui.

As tabulações das entrevistas, relatos e depoimentos dos alunos mais uma mídia contendo os vídeos resultantes deste trabalho, são apresentadas no Apêndice.



## CAPÍTULO I - PROJETOS

O termo projeto tem diversos significados. É amplamente utilizado no ambiente corporativo para descrever os objetivos e as metas de uma empresa, bem como o prazo e as ações necessárias para alcançá-las. Hoje em dia, este termo ultrapassa o contexto empresarial e é aplicado em diferentes situações, até mesmo na vida privada.

Destarte, ao buscarmos sua definição no dicionário Michaelis, encontraremos ainda os seguintes termos: previsão, organização, engajamento, programa, plano, intenção, dentre outros. Percebemos então que, quando utilizamos esta palavra, consideramos uma prática que antecipa um futuro em que visualizamos as condições no momento presente e definimos como devemos agir e o que desejamos alcançar paulatinamente para concretizar este futuro imaginado, previsto.

Esta ideia também se desenvolveu no ambiente escolar, visto que a educação se propõe a nortear um indivíduo em sua trajetória. Um exemplo disto é que educadores como Pestalozzi<sup>1</sup> e Froebel<sup>2</sup>, no século XVIII, destacavam a importância de trazer à escola o interesse da criança para possibilitar a construção de sua própria aprendizagem com a prática da pesquisa com objetivos claros e definidos.

Apesar das ressalvas quanto ao perigo do docente enrijecer a dinâmica de seus resultados de ensino em direção a uma meta pré-estabelecida, o projeto de trabalho é indicado quando se quer partir de um conceito geral e abordar seus detalhes por diferentes perspectivas. O teatro, por exemplo, devido ao seu amplo escopo, oferece uma ambientação favorável para este tipo de metodologia.

Voltando às origens da proposição de projetos enquanto prática pedagógica, com base em BEHRENS (2008), podemos traçar a seguinte linha do tempo:

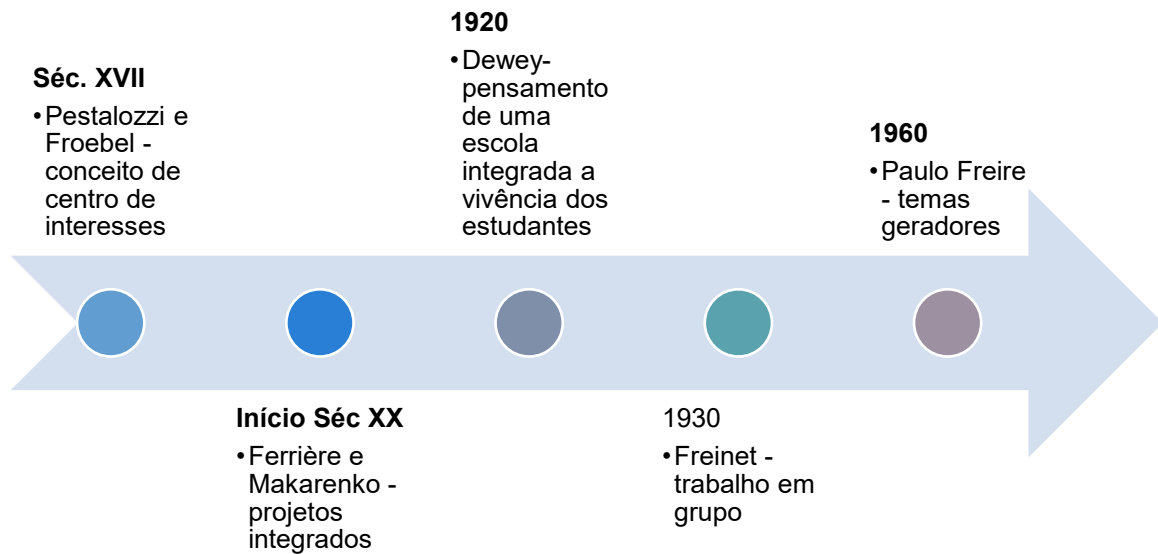
---

<sup>1</sup> Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), pedagogo suíço afirmava que a função principal do ensino é levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais e inatas. A escola preconizada por ele devia ser uma extensão do ambiente familiar, para oferecer um ambiente seguro e afetivo. A criança aprenderia a partir da afetividade num processo de autoeducação.

<sup>2</sup> Friedrich Froebel (1782-1852), educador alemão, fundador dos jardins-de-infância considerava o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação de pessoas.



Imagem 2 - Linha histórica do Conceito de pedagogia de projetos



Nas propostas apresentadas acima, existem convergências tais como: a aprendizagem baseada nas vivências dos estudantes, um objetivo central a ser alcançado por enfoques globalizadores, atividades realizadas de forma colaborativa, execução de tarefas em momentos ora individuais, ora coletivos.

Dentre os educadores supracitados, destaco a atuação, na primeira metade do século XX, de John Dewey, filósofo e educador americano, que foi um dos propositores de um movimento chamado Nova Escola, que criticava os métodos da Escola Tradicional considerando-os passivos, além do que, colocavam os professores num pedestal como se fossem os únicos detentores do conhecimento. Para ele, a escola precisa ser um ambiente de convivência que mantém um clima cooperativo e participativo em que as crianças tenham oportunidade de desenvolver sua autonomia, e não um espaço cerceador.

Infelizmente, a própria arquitetura da maioria das escolas brasileiras já é um limitante físico que a converte num espaço que não permite a liberdade, dependendo frequentemente da criatividade dos educadores para tornar os limites mais flexíveis.

O pensamento de Dewey teve grande influência no Brasil. Vários educadores se posicionaram pela reforma da educação brasileira inspirados em suas propostas, as quais foram divulgadas no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, que traz, em parte

do seu escopo, a importância de se trabalhar com projetos que valorizem a pesquisa e o cotidiano dos alunos, permitindo o desenvolvimento do senso crítico, da capacidade para a investigação científica e a busca de solução de problemas.

Outro reflexo que se nota do pensamento de Dewey nas proposições da Escola Nova, é a ideia de que o conhecimento se promove na ação. A experiência vivida entre os processos de adaptação do meio e do homem é o que gera a aprendizagem.

Acrescenta-se ainda, que a apresentação do termo propriamente denominado Metodologia de Projetos ou Pedagogia de Projetos é utilizado pelos autores Fernando Hernandez e Montserrat Ventura (1998), Marilda Aparecida Behrens (2008) e Antoni Zaballa (apud Behrens, 2008). Dentro desta pedagogia, os projetos de trabalho são desenvolvidos por alunos em uma ou mais disciplinas, no ambiente escolar, sob a orientação dos professores com a meta de adquirir determinados conhecimentos, habilidades e valores.

Fernando Hernández e Montserrat Ventura (1998) apontam que o requisito precípua para se trabalhar com a pedagogia de projetos é voltar-se mais para as indagações do que para as respostas. Este requisito pode ser contemplado na aula de artes cênicas que, enquanto incentivadora da criação, aceita o “e se...”, esta expressão que abre espaços para muitas questões e invenções.

Como dito anteriormente, sou uma docente que vivenciei a escola por meio de projetos, por isso, pensar as aulas de artes neste formato foi o percurso escolhido para guiar o processo de ensino-aprendizagem, com a crença de que este modelo abarcaria a participação de todos os estudantes. Pois, “a educação é mais autêntica quando mais desenvolve este ímpeto de criar [...] É necessário darmos oportunidades que os educandos sejam eles mesmos.” (Freire, 1986, p.32)

Parti do pressuposto de que, se os alunos se vissem como agentes no processo de aquisição do conhecimento e reconhecessem na professora seu papel mediador para auxiliá-los dentro de suas necessidades e habilidades, a assimilação da disciplina seria mais concreta.

Vale ressaltar que o conhecimento do termo pedagogia de projetos surgiu durante a realização da pesquisa para o mestrado, pois até então, acreditava aplicar uma pedagogia do teatro, mais especificamente da metodologia experienciada no Laboratório Transdisciplinar de Cenografia- LTC.

Notadamente, não foi possível abranger toda a gama de vivências de um programa universitário num contexto de escola de ensino regular. Entretanto, há uma aproximação da minha prática docente com dois conceitos fundamentais do LTC:

Construímos nosso escopo artístico/teórico a partir de um ciclo constante de experimentos/estudos/experimentos[...] Assim, ao compartilharmos nossas visões, criamos rapidamente um campo de múltiplos sentidos advindos das mesmas experiências. Essa pedagogia é calcada em metodologias de documentação processual: documentos de armazenamentos e experimentações que são índices materiais dos processos, que clareiam e aproximam a gênese das criações, estudos e experimentações; memória coletiva na qual deixamos os rastros de nossos passos. Vamos nos formando à medida que anotamos nossos percursos e esses caminhos traçam o mapa de nossa história grupal. (PAIVA, 2016, p. 47)

Ou seja, os alunos são incentivados a experimentar, estudar, experimentar de novo, documentar, registrar, filmar, observar a prática dos demais colegas para, a partir daí, poderem opinar.

Sendo assim, entendo as aulas de artes como um local de exploração, tentativa, erro e de descobertas de habilidades; seja na escrita, na interpretação e na concepção de imagens ou materialidades. Corroborando com Hernandez (1998), “a experiência é fundamental, a aprendizagem passa pela tentativa e obtenção de resultados não satisfatórios até o alcance dos resultados pretendidos”.

Lecoq (2010) ressalta que se deve aceitar o tempo de cada indivíduo para a criação, tendo em vista que “o ato criador é permanentemente incentivado seja em propostas de improvisação, e em aceitação do tempo que cada um leva no seu labor artístico.” Aprecio a metáfora em que aulas de artes são como o ato criador. Elas devem considerar que, assim como o labor artístico demanda tempos diferenciados para cada um, a aprendizagem estética ocorre de maneira diversa para cada indivíduo dentro da classe.

E é no entendimento de que nem sempre obteremos resultados que consideramos satisfatórios, tanto para os professores quanto para os alunos, que reside a beleza desta abordagem. É no momento em que testamos que percebemos o que é preciso melhorar ou se devemos refazer todo o trabalho. Ainda somos submetidos a lidar com as frustrações, ainda mais, devemos reconhecer e assumir que aquela ideia inicial tão interessante não era tão boa como aparentava ser. Vamos buscar a aprendizagem em outros lugares além da sala de aula, atrás de respostas

nas experiências de outros que nos precederam, na internet, em livros, ou seja, nos recursos disponíveis.

Esta busca de soluções, em muitos momentos, exige dos estudantes um esforço ao qual não estão acostumados, mas cabe ao professor facilitar a movimentação nesta busca. Como afirma Hernandez Ventura:

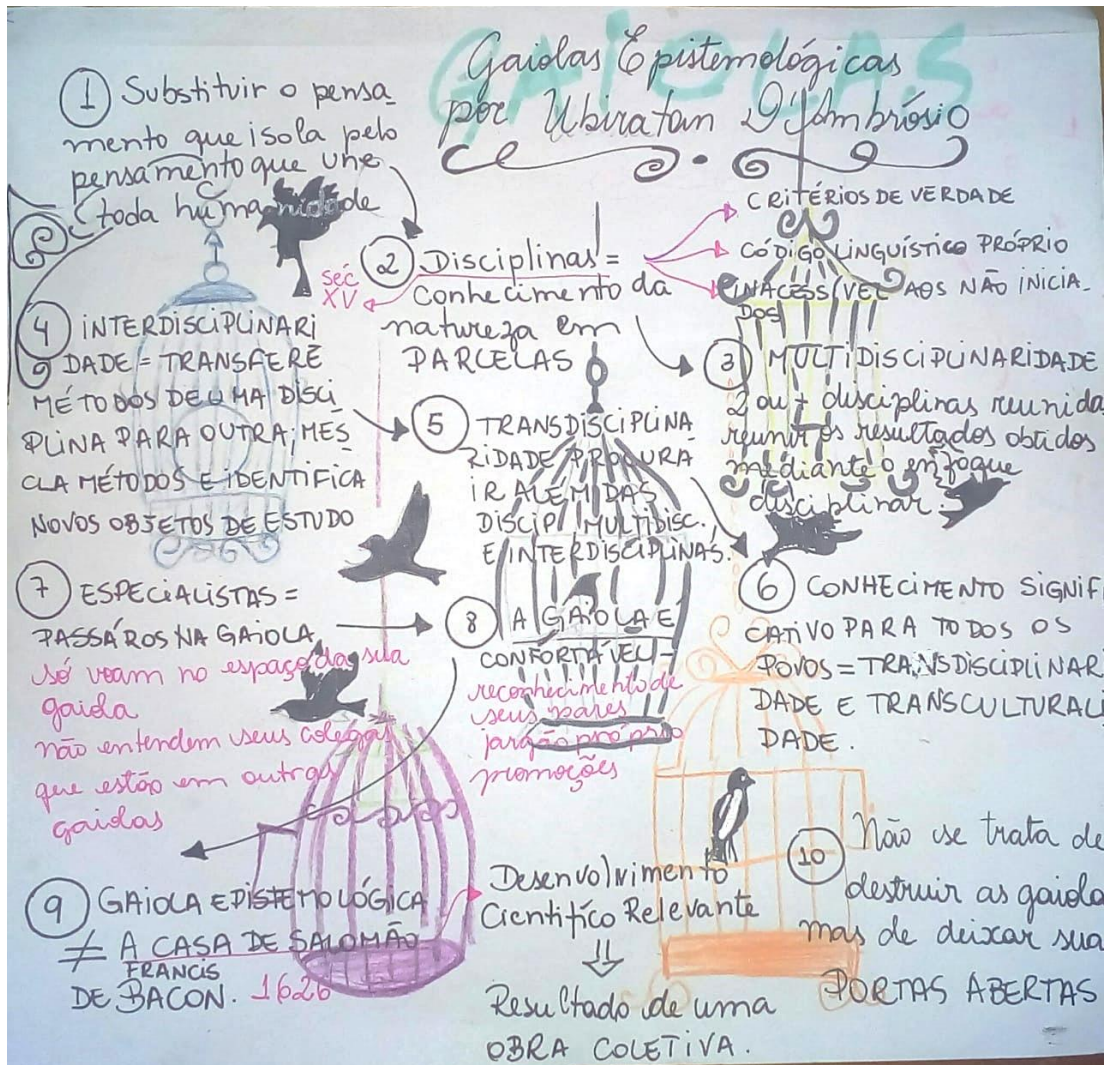
Mas se a busca das fontes de informação favorece a autonomia dos alunos, é sobretudo o diálogo promovido pelo educador para tratar de estabelecer comparações, inferências e relações, o que ajuda a dar sentido à forma de ensino e de aprendizagem que se pretende com os projetos. (HERNANDEZE VENTURA, 1998, p.76)

Trazer à escola a pedagogia de projetos motivando o protagonismo do aluno em seu processo de aprendizagem é “saber que ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 47)

Não são poucos os entraves que surgem frente a esta abordagem: o trânsito na escola incomoda os docentes de outras disciplinas e interfere na rotina escolar. A criação, mesmo iniciando na sala de aula, em alguns momentos, vai reivindicando outros espaços, o que para uns são movimentos criativos para outros não passa de caos e desorganização.

Ubiratan D’Ambrósio (1997) tem uma metáfora que traduz bem a origem desses conflitos – as gaiolas epistemológicas. Ele chama de gaiolas as disciplinas que na defesa de seus critérios de verdade, códigos linguísticos próprios, e inacessibilidade aos não iniciados em suas formas de operar, privilegia um olhar que isola em detrimento de um pensamento que une a humanidade. O autor ainda afirma que os muitos que são especialistas em suas respectivas áreas se assemelham a pássaros que só voam em sua gaiola incapazes de entender seus colegas que estão em outras gaiolas.

Imagem 3 - Mapa mental sobre o texto *Gaiolas Epistemológicas* - Ubiratan D'Ambrósio. Ana Carolina C., 2018



Ainda assim, defendo que a pedagogia de projetos pode viabilizar uma forma de lidar com a complexidade de relações dentro do próprio campo das artes e do contexto escolar. Ela se apoia numa relação educativa baseada na colaboração em sala de aula, na escola e com a comunidade.

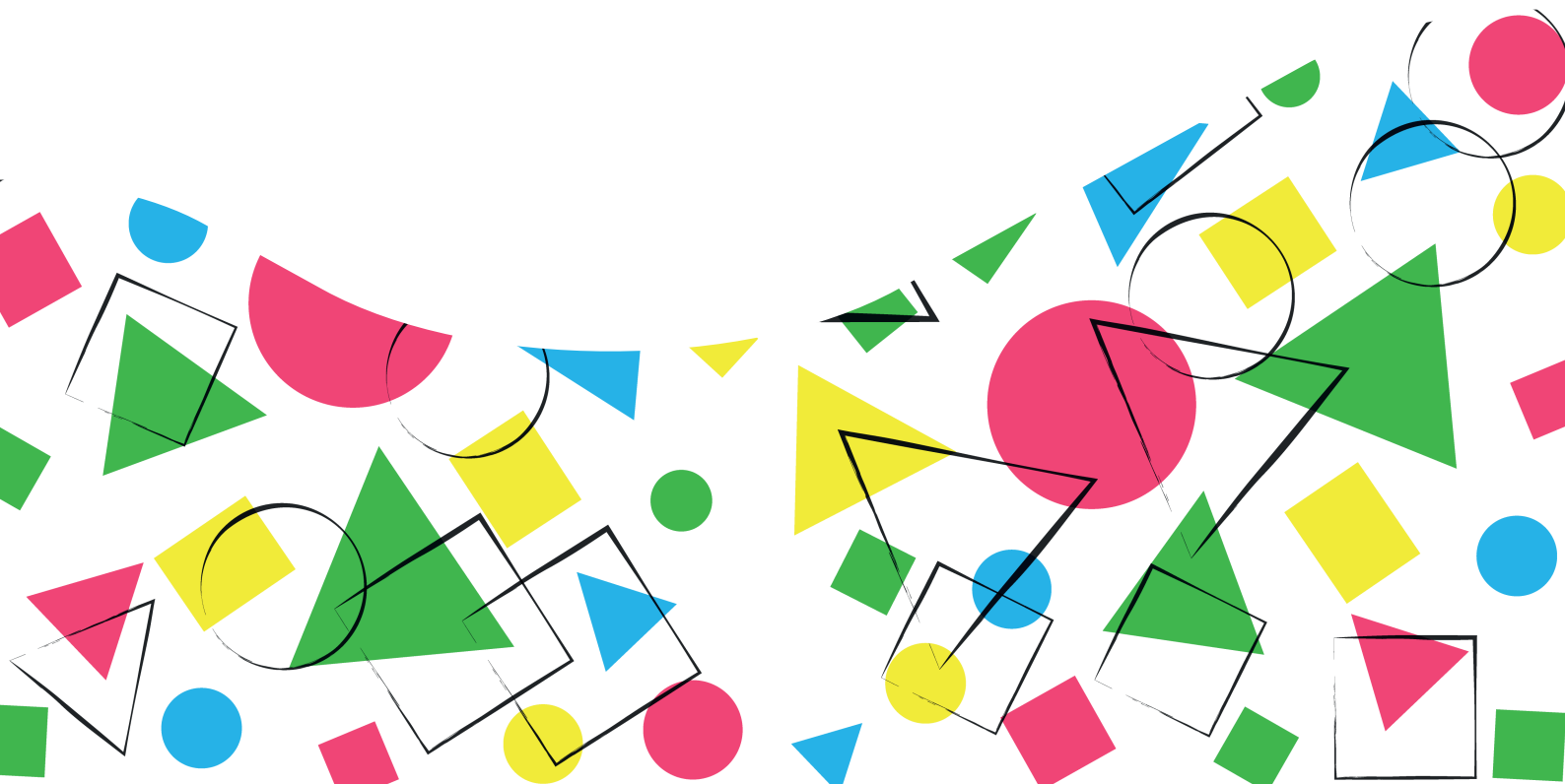
A seguir, apresento o Centro Educacional nº 01 do Cruzeiro e a metodologia de projetos experienciada. Em um caminho intermediário entre as minhas falas e as falas de antigos alunos, vou traçando minha reflexão numa Concepção Metodológica Dialética que “é uma maneira de conceber a realidade, de aproximar-se dela para conhecê-la e de atuar sobre ela para transformá-la.” (HOLLIDAY, 2006, p. 46).

A Concepção Metodológica Dialética como apresentada por Holliday (2006) se aproxima da minha prática docente e da minha crença epistemológica ao entender a

realidade como uma criação humana que constrói a história dando-lhe um sentido, segundo nossas emoções, ações, sentimentos e pensamentos. Além do mais, compreende a realidade histórico-social como uma totalidade:

[...] um todo integrado, em que as partes (o econômico, social, político, cultural; o individual, local, nacional, internacional; o objetivo, o subjetivo, etc.) não podem ser entendidos isoladamente, senão em sua relação com o conjunto. É uma totalidade que não é vista como soma aritmética das partes e sim como a articulação interna de todas as suas múltiplas relações. (HOLLIDAY, 2006, p. 46)

Nota-se então as confluências nos discursos de alteridade apresentado por Veloso (2016), e transdisciplinaridade sob o viés de Morin (2002) e D'Ambrosio (1997). Por fim, ao me convencer que “a teoria nunca é definitiva nem absoluta, está sempre em construção e recriação crítica, a serviço da prática transformadora e seus inéditos desafios.” (Holliday, 2016, p.53) alcanço um pensamento que justifica a forma de apresentação desta Proposta Pedagógica.



## CAPÍTULO II – NOSSAS FALAS

### 2.1 – A escola

- “Professora, é muita matéria que a gente tem que estudar. Me diga a verdade, qual matéria você acha mais importante aprender na escola?

- Sério mesmo?”

- Sim

- Na verdade não acho que aprender uma matéria em si é mais importante. Para mim, a escola tem que mostrar as várias formas de conhecer para que vocês encontrem um jeito de conhecimento para chamar de seu.

- É, mas se eu escolho um jeito só, eu reprovo nos outros jeitos.”

Foi de forma semelhante que ocorreu um diálogo entre Yasmin e eu logo após um dia de prova. Essa estudante, que atualmente faz graduação em artes na Universidade de Brasília, sempre foi considerada excelente: atenciosa, participativa, trazia para sala de aula dúvidas pertinentes. Entretanto, na época deste questionamento, passava por momentos difíceis em casa o que afetou diretamente no seu rendimento escolar.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, entrei em contato com a referida aluna, pelo celular, para indagar se recordava dessa conversa e o porquê de me fazer aquela pergunta, ela respondeu então:

*“- Eu lembro que na época eu tava passando um período meio complicado na família e com minhas notas também, e eu precisava muito de alguém que não só me ensinasse que  $2+2=4$ , mas que também depois de toda tempestade o sol ainda brilha. E eu via nas suas aulas e com sua matéria que ali eu tinha um espaço pra me expressar, pra criticar, pra dizer o que gosto o que não gosto, e como todo adolescente normal, dá uma extravasada, sabe? Com a arte eu posso falar e eu acho que isso faz muita falta em outras matérias na escola, tipo, eu tenho que estudar filosofia e sociologia, mas muitas vezes eu não posso pensar! É um crime isso! Porque querem que a gente engula a fórmula e pronto; quando na verdade a fórmula é só um meio pra achar várias outras respostas”. (Aluna Yasmin, 2ºano – Ensino Médio)*

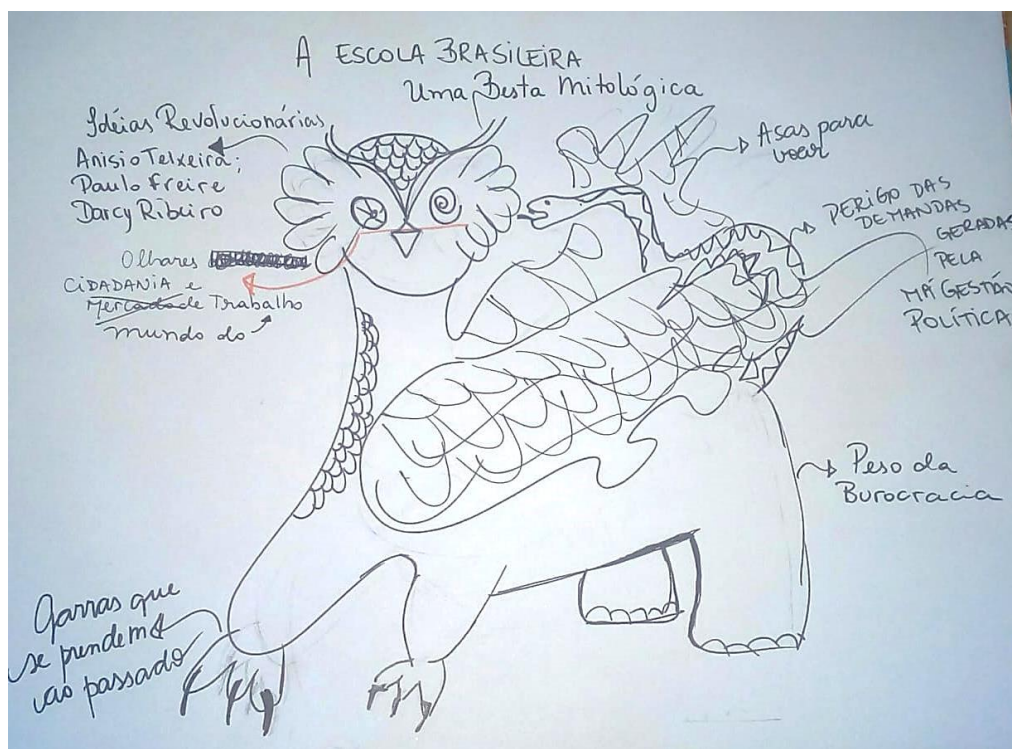
O relato dela me lembra o motivo que me faz não desistir de ser professora: para nos defender do sistema que ignora que somos humanos sedentos por escrever a nossa própria história. Reiteradas vezes, a lógica do ensino básico não mata a nossa sede. A escola ocupa grande parte da nossa existência, o ensino básico completo se desenvolve no mínimo por doze anos na nossa vida. Passar por esse tempo sem



compreender qual sentido somos capazes de elaborar e o que podemos assumir no nosso trajeto de aprendizagem, é um crime, como afirma Yasmin.

Ao refletir sobre a escola que quero e a escola que temos. Vejo a escola como uma espécie de besta mitológica, composta por muitos bichos. Um híbrido que se apoia numa estrutura concebida no século XIX e que tenta se adaptar à contemporaneidade. Além disso, a ela é facultada a missão de educar, organizar e mudar a sociedade, sendo ela mesma um local que reflete e sofre os problemas desta mesma sociedade.

Imagem 4 - A besta Educação Brasileira. Ana Carolina C., 2018



Embora possa soar utópico, acredito numa escola que se preocupe em abrir espaços para que os indivíduos se desenvolvam com autonomia e pensamentos próprios e, principalmente, seja um sujeito humano. O que seria este sujeito humano? Um sujeito com capacidade de pensar no outro, na sociedade da qual faz parte e no próprio planeta. Capaz de compreender existências diferentes da sua e respeitá-las. Que valorize a vida humana ciente de que todos temos direito à dignidade.

Existe um texto que circula na internet com a seguinte história: Um sobrevivente de um campo de concentração nazista descreve como eram intelectuais e bem formados os médicos, cientistas, advogados e jornalistas, que, apesar de tais atributos, utilizavam sua inteligência e pesquisas para causar dor e terror aos judeus



confinados. Ao final do texto o autor assevera que não basta uma boa escola que garanta acesso ao conhecimento se esta não vier com uma formação humana.

Embora soe ingênuo, desejo uma escola em que o aluno se forme desejando usar suas qualidades e inteligências em prol do seu bem e dos outros. É uma ingenuidade que, nas palavras de Freire, se configura como astuta, aquela que compreende que a educação não é neutra. Portanto, posiciono-me no sentido de afirmar que preservar os valores humanitários é ponto nevrálgico de qualquer currículo.

Para tal feito é preciso que esta própria escola se humanize. Não dá para conceber a ideia de cidadãos livres, sendo trancafiados em salas de aula superlotadas, com disciplinas passadas de forma mecânica, onde o conhecimento é induzido e decorado, e não apresentado e apreendido. Tornando “a complexa natureza humana totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano.” (MORIN,2002, p.15)

Buscamos uma escola não violenta, mas a maioria das escolas são construídas esperando este tipo de comportamento: grades, muros, salas trancadas.

Negamos uma escola que seja desigual, porém quando temos alunos com diferentes características, julgamos e agimos sem equidade, até mesmo quando há intenção de protegê-los podemos, muitas vezes, nutrir a separação.

Deste modo, a escola que quero tem espaços de diálogo, onde as necessidades e expectativas dos estudantes são ouvidas, os professores trocam suas experiências, dúvidas e conquistas, inclusive tendo a liberdade de realizarem projetos em conjunto, mesmo sabendo que será necessária a adição de trabalho e estudos para realizá-los.

Sendo ainda um local criativo que reconhece seus erros e por isso mesmo pode rever seu percurso e alterá-lo, já que não é concebido num modelo fechado de forma que não se possa questioná-lo.

Questionar é o primeiro passo para sabermos se realmente estamos preparados para mudar a escola que não queremos. Trata-se de uma defesa epistemológica, em que outros modos de pensar a realidade são frequentemente considerados em contraposição ao que encontramos no cotidiano escolar.

A escola que não queremos está presente há muito tempo, convivendo com iniciativas e propostas que podem transformá-la na escola que almejamos. Porém, esta mudança não acontece magicamente. Ela é fruto de labor, discussões e

enfrentamentos. Quando se trata de educação, todos tem boas intenções, resta saber quais são as propostas que mais se aproximam do resultado que acreditamos ser o melhor.

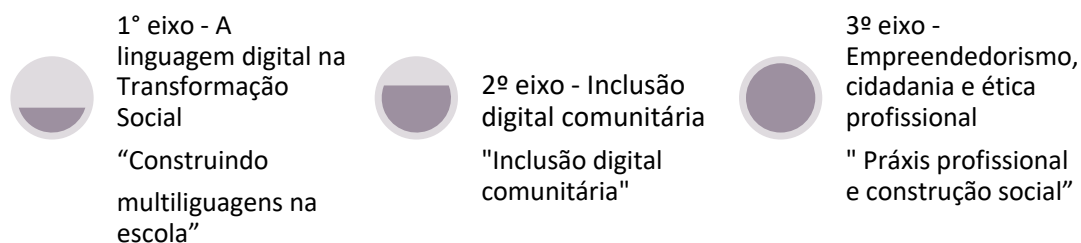
O Centro de Ensino Médio 01 do Cruzeiro, foi fundado em 20 de janeiro de 1964, sendo a primeira escola a ser construída no Cruzeiro, região administrativa do Distrito Federal - DF, já incorporado ao Plano Piloto.

A instituição, em 2014, decidiu ofertar a Educação Integrada em Tempo Integral dentro do Programa Ensino Médio Inovador, ProEMI. Passando a oferecer curso técnico de forma integrada (regular e técnico de informática para a internet na grade curricular) mantendo a semestralidade. Modalidade em que os alunos têm as 15 disciplinas do currículo divididas em 2 semestres.

Em decorrência desta reestruturação iniciada em 2014, em 2015 estavam matriculados 300 alunos no curso propedêutico, apenas no turno matutino. Em 2016, com os sistemas integrados o número de matrículas aumentou para 568 estudantes. Pode-se considerar o ano de 2016 como híbrido, a escola atendeu alunos de 2º e 3º ano cursando apenas o turno matutino das 07:15 às 12:30 e o 1º ano tendo o turno integral das 08:00 às 17:30. Em 2018, todos os anos são integrados.

Segundo informações retiradas do folder de divulgação da escola e de seu Programa Político Pedagógico– PPP, o Plano de Ensino prevê a integração entre os componentes da base comum (propedêutico) e da parte específica (técnico). O eixo transversal do curso construído, a partir das discussões dos atores que fazem parte deste processo, ficou definido como “Diversidade e Multilinguagens”. Além deste eixo, foram agrupadas dimensões formativas para progressão da aprendizagem do educando em eixos integradores divididos ao longo de 03 anos. Divididos da seguinte forma:

Imagem 5 Diagrama do Plano de Ensino do CED 01 do Cruzeiro. Ana Carolina C., 2018



Além da base comum, destaca-se a disciplina de robótica, o projeto de teatro que ainda está ativo e é coordenado pelo atual diretor da escola, Getúlio Cruz, e a Orquestra. Há também um Centro de Iniciação Desportiva – CID de Basquete e Badminton. Cabe citar também a realização da Feira de Ciências e dos Jogos escolares Interclasses, todos constam no PPP e não se configuram como “*letra morta*”<sup>3</sup>.

Em 2015 e 2016, período em que atuei em tal instituição, estavam matriculados 300 alunos e 568 alunos respectivamente. Toda a diversidade de projetos bem como esta ampla estrutura possibilitaram o desenvolvimento da minha proposta para as aulas de artes. Usufruíamos de todos os espaços da escola de acordo com as necessidades dos planos de aula.

Cabe ressaltar que a escola contava com 14 salas ambientes, 01 quadra poliesportiva coberta, vestiários feminino e masculino próximos a quadra, 01 auditório para 120 pessoas, com palco, cabine de som e luz e camarim e 01 sala de vídeo.

A escola é situada no Cruzeiro, bairro considerado de classe média e classe média-alta, porém o perfil do seu público é diverso. Em 2015, 65% dos alunos moravam nas proximidades do colégio, enquanto 32% eram oriundos da Cidade Estrutural, cidade periférica do DF, e os 3% restantes de outras cidades como Vicente Pires, Riacho Fundo e Núcleo Bandeirante, cidades de classe média baixa.

Já em 2016, com a oferta para turmas de 1º anos do curso técnico regular, a origem dos estudantes tornou-se mais diversificada, atraindo pessoas de cidades mais distantes da escola como Planaltina, Riacho Fundo, Vicente Pires e Recanto das Emas. Em virtude do interesse pelo curso técnico em tempo integral, tanto os

<sup>3</sup> Termo jurídico que se utiliza ao citar algo que está escrito, mas não se pratica. No uso de lei que não tem valor embora ainda esteja em vigor.

responsáveis pelos jovens como os próprios estudantes viram no curso uma boa oportunidade de concluir o ensino médio com um vislumbre de uma carreira a executar.

A diferença de condições financeiras e infraestrutura do Cruzeiro e da Cidade Estrutural (chamada pelos residentes de lá, Vila Estrutural), são notáveis. Enquanto o primeiro tem em seu histórico a proposta original de ser um bairro militar para atender as forças armadas no início da nova capital, a segunda tem sua origem numa invasão que cresceu ao redor de um “Lixão”. Casas e prédios de alvenarias em um, barracos de madeira e papelão em outro.

Identificar o local e como vivem os estudantes, como se dão as relações afetivas no âmbito familiar e na comunidade escolar, o que esperam da vida é fundamental para refletir a prática pedagógica apoiada na perspectiva transdisciplinar em que se considera o indivíduo como um todo complexo.

Fazia parte do cotidiano da escola a chegada dos alunos vindo a pé, de bicicleta, de carro com seus pais e do ônibus escolar que trazia os estudantes da Estrutural. O transporte oferecido pela SEDF era de suma importância para a permanência destes alunos na escola, tanto que em 2016, com a ameaça de retirada deste direito, toda a comunidade escolar se mobilizou para evitar esta perda. A distância da Cidade Estrutural para o Cruzeiro é de aproximadamente 10 Km, o acesso é dificultoso, até hoje não existe uma linha de ônibus que passe por dentro da cidade. Sem o transporte da SEDF, os alunos tinham que descer numa parada que tomava de 15 a 20 minutos de deslocamento a pé, além de comprometer a segurança dos alunos, pois o percurso oferecia riscos.

Perguntei via *WhatsApp* para um antigo aluno como era morar na Estrutural e estudar no Cruzeiro e ele prontamente respondeu assim:

Tem seus lados bons e seus lados ruins...

Lado bom: que conhecemos pessoas novas com vidas totalmente diferente da nossa, com condições super diferentes de vida. E isso por um lado é bom, tanto pra eles quanto para nós; o lado ruim :

é acordar mais cedo, é ter que ir pra parada pegar ônibus e, tipo, quando vc perde aquele ônibus não tem mais jeito de ir para escola, e muitas vezes não temos nem tempo de lanchar para não ir pra escola com fome, e muitas vezes o lanche da escola não é muito bom kkkk enfim...

Acho que é isso...

Espero ter ajudado 🙏🇧🇷❤ (WSL, 22 anos)

Nota-se na fala o olhar positivo sobre a diversidade encontrada na escola e o transtorno da dependência do ônibus. Outras estudantes me responderam, mas não de forma tão completa.

É interessante pontuar que, embora a Cidade Estrutural seja uma cidade pobre, quando os estudantes são chamados a falar sobre a cidade, citam mais as melhorias, comparando a situação atual com a anterior. A vila olímpica, que abre para a comunidade a noite e durante final de semana é um centro comunitário muito lembrado pelos alunos.

Como dito anteriormente, a comunidade atendida pela escola era muito diversa, suas famílias se constituíam das formas mais variadas. A família que entendemos como tradicional, formada por pai e mãe casados uma única vez, eram raras. Haviam os que sempre viveram apenas com a mãe, sem contato com a figura paterna, os que viviam com os pais, irmãos, tios e primos sustentados por um único provedor, muitos com madrastas ou padrastos, os que tinham seus pais morando em cidades interioranas e viviam em Brasília com os tios, os que eram filhos de trabalhadoras domésticas e moravam nas residências dos patrões durante a semana e fim de semana iam para suas casas, até mesmo, os que já eram pais ou mães precoces.

Sabia-se também que tínhamos estudantes infratores sob custódia do estado, porém suas identidades não nos eram reveladas por motivo da manutenção de sua segurança e integridade, bem como filhos de presidiários.

Outro fator importante é o perfil religioso destes estudantes. Meus alunos em grande parte eram cristãos. No Cruzeiro havia os que frequentavam a igreja Católica e outros, em grande maioria, participantes da Igreja Sara Nossa Terra. Porém, o que chamava a atenção era o engajamento dos jovens líderes desta igreja. Eles convidavam os colegas para festas e reuniões com intuito de aumentar a sua célula, para tal, a escola era espaço propício para arrebanhar pessoas. Já na Estrutural, maior parte dos estudantes que afirmavam ter uma crença, eram evangélicos que se dividiam em igrejas mais tradicionais como a Batista e Adventista do sétimo dia e as neopentecostais, como a Universal, Igreja Internacional da Graça, Deus é Amor entre outras.

Faço questão de pontuar esta condição da religiosidade porque levantava muitas questões nas aulas de artes. Mostra-se até cômico o desentendimento entre arte e religião, visto que ao longo da história sempre se mostraram como facetas complementares. Interferências de pais e responsáveis eram comuns, principalmente

quando alguns trabalhos resultavam em estudos das culturas de matrizes africanas mesmo quando não eram ligadas diretamente às questões religiosas.

Embora seja comum no ambiente escolar a prática de preconceitos movidos por questões de raça, cor, gênero e classe social, na escola não se observava casos graves de isolamento ou diferenciação motivadas pelas diferenças de condições econômicas ou região de moradia. As atitudes intolerantes eram mais ligadas ao machismo e questões religiosas, mesmo estas eram pontuais. Considero positivo não haver este tipo de discriminação bairrista que eu já havia presenciado em outra escola de ensino fundamental da mesma região, situações em que os estudantes que moravam no Cruzeiro não se misturavam com os estudantes que vinham da Estrutural, resultando em agressões morais e físicas, tanto dentro como fora da escola.

Um bom exemplo que identifica a postura destes alunos perante certos tipos de discriminação foi quando realizamos uma atividade de Teatro do Invisível. Proposta por Augusto Boal, essa forma cênica acontece em um espaço público em que os espectadores não sabem que estão presenciando uma cena, é vista como um instrumento de intervenção política e faz parte de um ramo da árvore do Teatro do Oprimido.

Motivados pelos exemplos dados em sala de aula, uma turma se propôs a realizar uma ação na escola. Optaram por tratar de um caso de discriminação racial. Uma aluna, que aqui denominaremos A., relatou que em uma escola anterior, a professora pediu um trabalho de caricatura valendo nota e um colega fez o desenho de uma macaca usando um laço grande que ela costumava usar, a sala toda riu e ela saiu de sala chorando. Segundo seu relato, a professora em questão tratou como se fosse uma besteira.

Foi decidido, então, como se daria nossa intervenção. Os alunos fizeram várias caricaturas, sendo uma no mesmo modelo que A. tinha descrito. Expomos os trabalhos no mural do pátio interno da escola e atribuímos a autoria do desenho a uma colega, que vamos nomear L. Como a escola tinha dois intervalos, o primeiro de 10 minutos e o seguinte de 15 minutos, já no primeiro momento, houve comoção geral. Alunas de outras turmas vieram me procurar dizendo que eu não podia aceitar aquele tipo de trabalho. A. chorou no banheiro (propositalmente) e foi prontamente consolada. A representante do grêmio escolar arrancou o desenho do painel, outros colegas foram tirar satisfação com L., estava montado nosso cenário.

Ainda como parte da encenação, a turma tinha decidido que A. e L. se enfrentariam ao ponto de ocorrer agressões físicas, tomamos, porém, o cuidado de cercar a área do conflito. Os colegas de sala que incitavam a discussão eram os mesmos que evitavam que outras pessoas desavisadas se envolvessem na briga, como a funcionária da limpeza que tentou intervir com um cabo de vassoura. Cessamos a confusão com o auxílio da orientadora educacional que já havia sido avisada sobre a intervenção.

Alcançamos nossos objetivos, pessoas filmaram, outras se prontificaram a ser testemunhas dos fatos defendendo a ofendida, outros já queriam “dar uma lição” em L... Para acalmar os ânimos, tive que utilizar o rádio da escola juntamente com o vice-diretor para explicar os mecanismos do ocorrido. Explicações dadas, reações diversas: gritos, incredulidade, “professora você me paga, eu me preocupei”, ou “faz um desse com a nossa turma também”, “Quem é Boal?”. Além de considerar exitosas as reações, acredito que este é um bom identificador de que para aquela comunidade era inaceitável esse tipo de ação preconceituosa.

Ministrei aulas para as duas últimas turmas do propedêutico e a primeira turma do ensino médio integrado. Embora tenha participado apenas do primeiro ano do curso integrado, acompanho seus progressos pelas redes sociais e creio que este plano de ensino se mostrou eficiente, visto que os estudantes apresentaram uma conduta mais empreendedora e participativa nos projetos escolares.

Em minha caminhada docente conheci diversas escolas, e concluí que por mais que tenham bons professores, a direção tem um papel fundamental na caracterização da identidade da escola. Conheço escolas que, a priori, pelo ideal de sua concepção, deveriam estar abertas a projetos e formas alternativas de aprendizagem, que se mostraram engessadas e cheia de restrições. Já o CED 01 do Cruzeiro que é uma escola técnica de Ensino Médio, que suporta uma pressão bem maior nas expectativas de resultados em exames nacionais, sempre se mostrou um espaço aberto para sugestões e novidades.

Posso dizer que o CED 01 do Cruzeiro é uma escola que se aproxima do tipo de educação que eu defendo, é para mim, um animal mitológico com mais asas e cabeça de coruja do que garras e rabo de cobra.

Horta comunitária, método de irrigação por gotejamento, executado pelos alunos sobre orientação da Professora de Português Aline Flyn e do Professor de Química Marco Antonio, 2016

Aula de Artes no auditório, apresentação de trabalho. 2015

Aula de artes no pátio interno, Jogos de improviso, 1º ano, 2016

Aula de artes na sala de vídeo, Jogos Teatrais, 3º ano. 2015

Aula de Artes na Biblioteca, Leitura Dramatizada, 1º ano, 2016

Aula de Artes, gravação de vídeo para o projeto Esporte, Linguagem e Ação. 2º ano, 2015



*Imagem 6 - Painel semântico - ambientes da escola*



Apresentação do Espetáculo Tsunami no Auditório da Escola, 2016

Aula de Artes no refeitório, confecção de cartazes de divulgação das apresentações, 3º ano, 2016

Sala de Aula de artes, aula teórica sobre Dramaturgia, 1º ano, 2016

Sala de aula de artes, Discussão em grupos, 1º ano, 2016.

Apresentação de um processo experiencial em Artes – Musicoteca, no pátio externo, 3º ano, 2016

Vista geral da quadra coberta de esportes. Aula de Educação Física, 2016

Imagem 7 - Painéis semântico - Ambientes da Escola II



## 2.2 – Os projetos que aconteceram no CED 01 do Cruzeiro

Imagem 8 - Como eu lembro das aulas de artes, Lucas Marques, 2016.



Escolhi esta história em quadrinhos para abertura do portfólio de projetos porque ela é a síntese de como aconteciam as aulas de artes. É uma forma de demonstrar a compreensão do Lucas, que sempre se escondeu nos bastidores ou na plateia, mas que nunca deixou de participar da minha aula. Seus cadernos eram



sempre cheios de desenhos, bem como o verso de suas provas. Autodidata, produzia seus próprios zines em sua casa no Guará.

São retratados, além de mim, sorrindo satisfeita com a fala dos meninos, seus colegas em suas singularidades: os que atuavam, os que desenhavam, os que editavam vídeos, os que escreviam boas histórias, os que evitavam o palco. Todos participando e exigindo para si o reconhecimento de sua autoria e participação na atividade proposta.

Esta imagem corrobora o pensamento de que organizar o ensino por meio de projetos, propicia ao aluno “a descoberta das relações que podem ser estabelecidas a partir de um tema”. (Hernandez e Ventura, p.89, 1998). Além do mais, as relações estabelecidas nestas práticas não são realizadas apenas na esfera do cognitivo, se consolidam também nas esferas sociais e afetivas.

Os recortes de vivências, adiante relatados, visam demonstrar como se procedeu a aplicação da pedagogia de projetos, com base no modelo de operação do LTC, com as turmas de 1º ao 3º ano do ensino médio do CED 01 do Cruzeiro, durante os anos 2015 e 2016.

### 2.2.1 – Processos Experienciais

No primeiro projeto descrito, foi escolhido o seguinte tema: Processos Experienciais em Arte. Por meio do livro didático, Arte por toda Parte, volume único para o Ensino Médio, conhecemos propostas para experimentar diversas linguagens artísticas. Os livros didáticos de Artes buscaram se adequar à visão integradora dos Parâmetros Curriculares Nacional, em vigor até 2017, que propõe como diretriz:

...o fortalecimento da experiência sensível e inventiva dos estudantes, e para o exercício da cidadania e da ética construtora de identidades artísticas. Esse fortalecimento se faz dando continuidades aos conhecimentos de arte... em **música, artes visuais, dança e teatro**, ampliando saberes para outras manifestações, como as **artes audiovisuais**. (BRASIL, 2000)

Isto significa que encontramos nestes livros um pouco de tudo. Obras consagradas como Abaporu de Tarsila do Amaral aparece entre letras de uma música brasileira, Funk, e retratos de crianças Africanas dançando.

O livro adotado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, Arte por Toda Parte da Editora FTD, apresenta uma forma diferenciada de apresentar os conteúdos.

Os capítulos são independentes e exploram os temas: territórios da arte & cultura – mediação cultural, linguagens artísticas, processo de criação; materialidades, forma e conteúdo, e patrimônio cultural, ao final de cada capítulo existem sugestões de projetos de experimentação artísticas.

Confesso que, a primeira vez que tive acesso ao livro, o considerei estranho, pois não seguia uma ordem cronológica ou agrupamento por conteúdos, mas foi esse formato que me fez pensar que era uma oportunidade de encarar este abrangente universo que é a Arte.

Embora não pareça crível, mesmo no ensino médio, me deparei com alunos que pensavam que as aulas de artes eram pintar ou desenhar. Ainda assim, tais atividades eram percebidas de forma reduzida, desconsiderando as diversas técnicas e materiais possíveis.

Nesse contexto, utilizei o próprio livro didático e busquei ampliar esta percepção propondo aos alunos que procurassem em seus livros sugestões de processos artísticos que quisessem experimentar independente da linguagem.

Ainda, podiam decidir se faziam de forma individual ou em grupo. Essa liberdade de escolha tinha como meta colaborar com a formação de sujeitos capazes de compreender tanto o labor artístico quanto uma apreciação estética. Desta maneira, corroborando as ideias de Freire ao afirmar que “a educação é mais autêntica quanto mais desenvolve o ímpeto ontológico de criar” (Freire, 1983, p. 32), a ideia principal era aumentar o arcabouço artístico dos estudantes, primeiro pela pesquisa, depois pela realização e, por último, pela troca entre eles.

Nesse projeto, além de poder reconhecer quais os interesses dos alunos, sua realização abriu espaços para outras discussões como: porque produzimos arte de tantas formas? Qual sua utilidade? Ela precisa mesmo ser útil para alguma coisa? Porque validamos uma forma de fazer arte e outras não?

Como era de se esperar, cada turma apresentou uma variedade de procedimentos e resultados. Assim, muitas aulas foram moduladas pelos desejos dos estudantes diante de uma nova descoberta ou interesse em determinados processos. Deste modo, estabeleço aqui um paralelo com a Hernandez e Ventura, no seguinte trecho:

A ideia fundamental de os Projetos serem uma forma de organizar os conhecimentos escolares é que os alunos se iniciem na aprendizagem de procedimentos que lhes permitam organizar a informação, descobrindo as relações que podem ser estabelecidas a partir de um tema ou de um problema (Hernandez e Ventura, 1998, p. 89);

O que teve como ponto de partida a experimentação sugerida por um livro didático converteu-se numa série de intervenções e resultados dos quais descrevo alguns momentos a seguir:

### Light Painting

Fazendo uso de celulares próprios, um grupo de 05 alunos de 1º ano do ensino médio, fez fotografias de desenhos com a luz. O resultado desta atividade foi excelente e, por isso, despertou extremo interesse do restante da turma. No dia da apresentação dos resultados para os demais colegas, o segundo horário de aula foi utilizado pelos próprios integrantes do grupo para que pudessem ensinar aos colegas como fazer o Light Painting. Esta é uma técnica fotográfica que consiste em deixar a câmera aberta em longa exposição para registrar o movimento de uma origem luminosa, permitindo assim a composição espacial de desenhos com a luz. No relato de um dos alunos, um ano após o corrido, pode-se perceber como ficou marcada a experiência.

*O projeto que mais me marcou, foi o de light painting, que baixamos um aplicativo no celular, capturando todos os frames e depois desenhamos figuras de luz com lanternas de outros celulares. A gente queria só apresentar o resultado, mas como a turma toda gostou a professora pediu pra gente ensinar pra eles, ela deixou a gente ser professor por um dia e como todo mundo da turma queria fazer, foi fácil, e fizemos várias figuras no auditório. GRM, 16 anos, aluno do 1º ano*

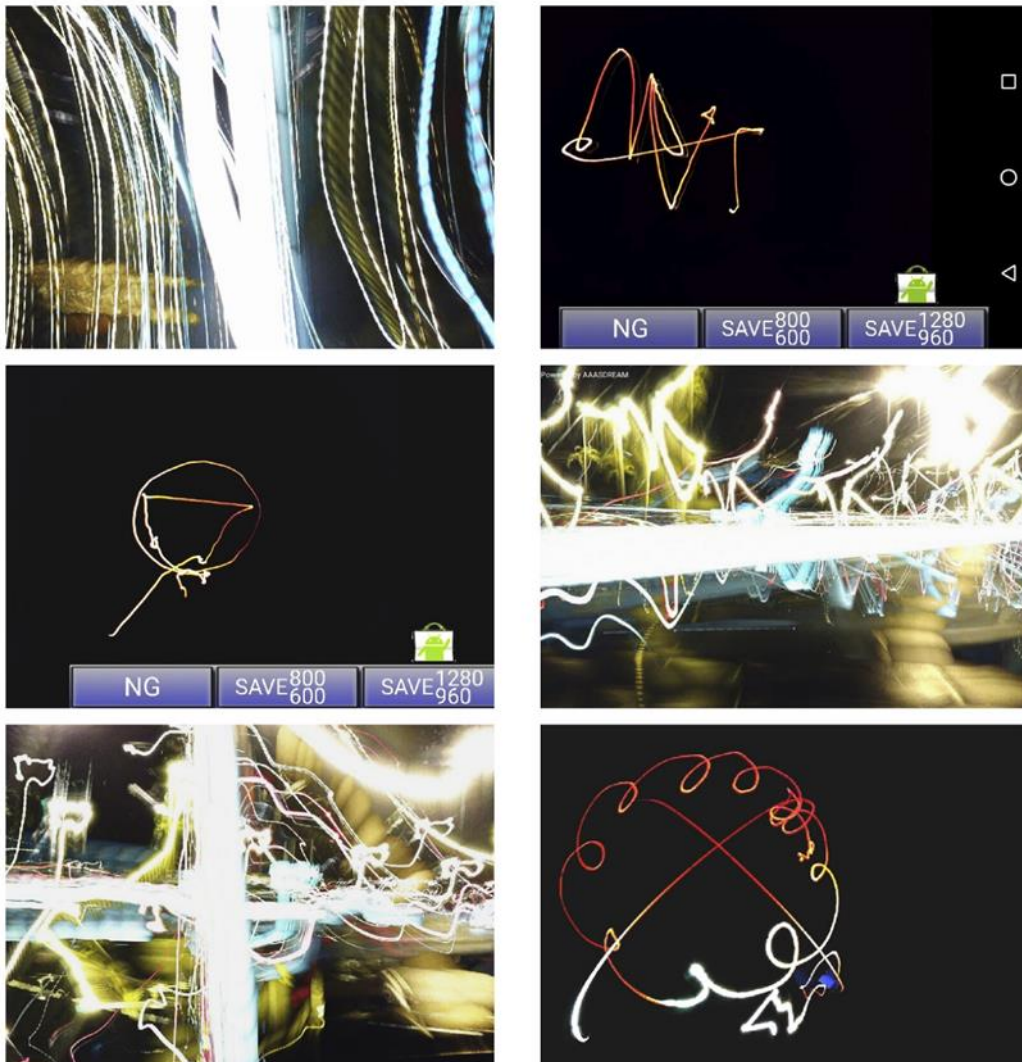
O grupo que escolheu testar esta técnica precisou pesquisar fora do ambiente escolar como utilizar a câmera do celular em vez da câmera fotográfica e quais os aplicativos gratuitos que tinham que baixar, com preferência para os que funcionassem no modo off-line. Nesta busca encontraram o aplicativo *LongExpoFree*.

Nas aulas de artes, pela necessidade de um ambiente escuro, dividiam a sala de vídeo com outro grupo que estava ensaiando uma peça com Teatro de Sombras. Utilizaram como fonte de luz a lanterna de outros celulares e papel celofane para

colorir a luz. Finalmente, utilizaram um projetor para mostrarem aos colegas, suas fotografias.

A apresentação despertou grande interesse da turma e, como retorno de um trabalho bem realizado, os participantes do grupo foram convidados a ensinar a técnica. Dessa forma, um processo que foi previsto para ter como resultado uma exibição de imagens gerou também uma oficina de light paint, a qual foi clara a execução prazerosa, tanto dos estudantes oficinairos quanto dos alunos participantes.

*Imagem 9 - Painel semântico Fotos desenho de Luz, GRM, 2016*





## Teatro de Sombras

Outro grupo da mesma turma optou pelo Teatro de Sombras. No início, brincaram com as imagens e proporções criadas na projeção, depois elaboraram um roteiro que abordava as temáticas da exclusão social, do alcoolismo e do altruísmo.

O espaço para a prática do Teatro de Sombras necessita de uma tela para ser o suporte da cena, uma fonte luminosa e algo material entre estes dois elementos. Assim sendo, o grupo utilizou em seus primeiros ensaios: TNT branco, lanterna de seus celulares e, para segurar o tecido, fizeram uma estrutura de apoio com carteiras empilhadas e fita crepe.

Nesta turma, havia um aluno que não queria realizar atividades em grupo, nem individualmente. aproveitei que ele gostava de eletrônica e o pedi para fizesse luminárias utilizando latas. Ele aceitou a ideia e acabou se unindo ao grupo de Teatro de Sombras, ajudando a iluminar, trocando as cores para a cena e até mesmo sugerindo o melhor o posicionamento do corpo para criação das imagens.

Posso dizer que Teatro de Sombras faz parte do meu repertório docente. Como a linguagem desta forma teatral apresenta muitas oportunidades de experimentos – corpo, luz, silhuetas, objetos - são inúmeras as possibilidades estéticas e pedagógicas desse recurso. Prova disso constata-se neste relato:

“O teatro de sombras foi muito divertido porque o Vitor não queria fazer nada e depois “tava” era dirigindo a gente. E foi muito doido aquela cena do atropelamento que Helen saiu voando, pareceu de verdade. Eu só não gostei da história que criamos, nada a ver aquele pai bêbado e também não deu para ler nada que escrevemos porque a luz era muito fraca tinha que ter decorado antes.” (MCL, 16 anos, 2º ano)

O processo seguiu o fluxo dos interesses dos alunos e após a apresentação, outros estudantes da plateia criaram cenas aleatórias com o uso da estrutura feita pelo grupo responsável.

Imagem 10 - Painel semântico Teatro de Sombras



Utilize seu papel autoadesivo e identifique as cenas como: Ensaio, Apresentação ou Momento aleatório da plateia.

## Dança

Cada opção acabava envolvendo os estudantes de alguma forma e muitos escolheram algo por curiosidade ou por que já gostavam da linguagem, como o caso da dança. Alguns aproveitavam para se desafiarem, como pode ser observado no relato a seguir:

“O projeto de dança foi o mais marcante, pois escolhi dançar sem saber e tive que aprender a confiar e foi bem difícil.” (HB, 17 anos, 1º ano)

Outros escolheram dançar pela afinidade e interesse, como foi o caso das alunas Maria Carolina e Samantha Fernanda. Elas fazem parte de um grupo cultural do Cruzeiro - o Grupo Pellinsky - que foca sua performance nas danças folclóricas da região norte do país. Apresentaram para a turma uma coreografia K-pop, música pop coreana. Atualmente ambas postam suas coreografias na página *Wild* do *Youtube* e, mesmo com o ensino médio concluído, ainda aproveitam o auditório da escola para gravarem seus vídeos.

Como dito anteriormente, o livro didático utilizado neste projeto era bem abrangente, apresentando inúmeras técnicas e artistas dentro da história da arte e da contemporaneidade. O livro apresenta o artista Rudolph Laban da seguinte forma:

Rudolph Laban, dançarino, coreógrafo e teórico da dança é um dos artistas descritos no livro que sugere uma proposta de criação coreográfica a partir dos gestos cotidianos, segundo o livro, Laban, desenvolveu uma metodologia em que se buscava movimentos baseados em quatro fatores: espaço, peso, tempo e fluxo. Ainda sistematizou cinco elementos que considerava fundamentais para a criação de uma imagem visual do movimento que são Corpo, Esforço, Forma e Espaço e Ritmo. (UTUARI, LIBANEO, E PASCOAL, 2013, p.129)

Motivados pelo processo descrito, um grupo composto por quatro estudante escolheu testar a criação de uma dança baseada em seus gestos. Depois de muitas brincadeiras e discussões, eles encontraram nas mãos uma potente ferramenta de criação.

A partir destes testes, o grupo concluiu que o ato de fazer uma prece poderia ter várias formas de se mostrar e, até mesmo, de identificar algumas religiões. Pelas características particulares dos integrantes do grupo, a equipe conseguiu executar o movimento no espaço de forma cômica, sem desrespeito as manifestações religiosas elencadas. A comicidade advinha das relações estabelecidas entre os gestos de personagens da cultura pop para invocar superpoderes, e os gestos que comumente são relacionados às práticas de prece e meditação de religiões conhecidas.

Nas entrevistas realizadas posteriormente, este projeto do livro foi um dos mais citados. Ele colaborou para ampliar a visão da arte como algo que significasse em suas vidas, tanto o fazer como o apreciar. Considero que as expressões artísticas são reflexo de nossos entendimentos de mundo, que são tantos, e podem sim, ser uma porta para novas possibilidades de atuação na vida.

As propostas propiciaram a vivência e o contato com as mais variadas técnicas das artes cênicas e visuais como: Pintura corporal, Teatro de Sombras, Light Painting, Danças a partir dos movimentos cotidianos (estudo sobre Laban), montagem com desenhos e fotos resultando numa fábrica de memes, intervenções no espaço, improviso e jogos teatrais ministrados pelos alunos. Tudo isso fez parte do cotidiano escolar durante duas semanas, invadindo o horário do intervalo e de outras disciplinas.

No esquema a seguir, demonstro as escolhas de cada turma, salientando que foram amplas as opções de linguagens. Mesmo havendo a repetição de interesses em algumas técnicas propostas, o resultado foi diverso, pois, cada coletivo criava dentro de seu próprio contexto e trazia novas circunstâncias ao processo sugerido.

Imagem 11 - Diagrama dos resultados dos Processos Experienciais Ana Carolina C., 2017



Utilize sua caneta  
marca texto para  
destacar os processos  
que mais despertaram a  
curiosidade das turmas.

Para realização e concretização de tais atividades, cada turma utilizou 6 aulas de artes com duração de 45 minutos cada, que descrevo em forma de Roteiro Didático:

### **Roteiro Didático: Processos Experienciais**

#### **Objetivos:**

- Perceber as múltiplas formas de linguagens artísticas;
- Saber reconhecer variadas técnicas e valorizar o labor artístico;
- Desenvolver percepção estética.

**1ª etapa:** Procure mostrar aos alunos que eles devem estar cientes sobre os materiais necessários, e o porquê de escolherem determinada linguagem. Dê um tempo para conhecerem as propostas. Depois de levantada as opções, deve-se orientar sobre a realização da atividade. Confirme a viabilidade da execução individual, ou se a tarefa é apropriada para um grupo maior afim de garantir que ninguém fique ocioso. Após a escolha do projeto, inicie analisando com os alunos, o que cada um pode fazer. O intuito, nessa fase, é ensinar como se organizar para realizar o processo. Pensar o cronograma e a forma de conseguir os materiais. No quadro, ensine como fazer estas tabelas de tempo e atribuições para que consigam visualizar melhor.

**2ª etapa:** Permita aos alunos testarem suas ideias, deixando-os livres. Pois dependendo de suas escolhas alguns deverão ensaiar, enquanto outros vão testar técnicas com materiais que não estão acostumados. O professor deverá estar atento para ajudar os grupos e indivíduos nas suas atividades, tendo que circular entre eles. Trata-se aqui de identificar os recursos que trará qualidade ao trabalho que se propuseram. Perceba os que não estão motivados e tente oferecer alternativas para se envolverem.

**3ª etapa:** Convide os alunos para falarem sobre seus processos ou apresentarem seus resultados. Procure manter a forma de apresentação livre para que não se sintam pressionados. Estabeleça com eles critérios de organização. Caso tenha resultados em que tenha como culminância a apresentação, defina com eles quem será a plateia, apenas a turma, a escola inteira, ou convidados.

**4ª etapa:** Retome as discussões iniciais, para revisar coletivamente – agora, considerando que vivenciaram o produzir e o apreciar arte em suas diversas

manifestações. Por fim, incentive que todos falem sobre as dificuldades, as expectativas e suas percepções sobre o que foi realizado. Uma boa forma de perceber como apreenderam a vivência é solicitar que produzam um mapa mental sobre a atividade.

**Avaliação:** Observe a participação de cada aluno com base nos seguintes aspectos: ele se esforçou para realizar a proposta de sua própria escolha? Comprometeu-se e levou os materiais que precisaria? Identificou as principais características da linguagem que trabalhou? É capaz de explicar sobre a técnica escolhida? Soube apreciar e respeitar as produções dos colegas?



Imagem 12 - Painel semântico Musicoteca, Fotos: A turma, 2016



Utilize seu papel autoadesivo e identifique as cenas como: Ensaio, Apresentação ou Momento aleatório da plateia.



Imagem 13 - Painel semântico Fábrica de Memes, Fotos: Adalberto M., 2016



Área para você  
criar seu meme

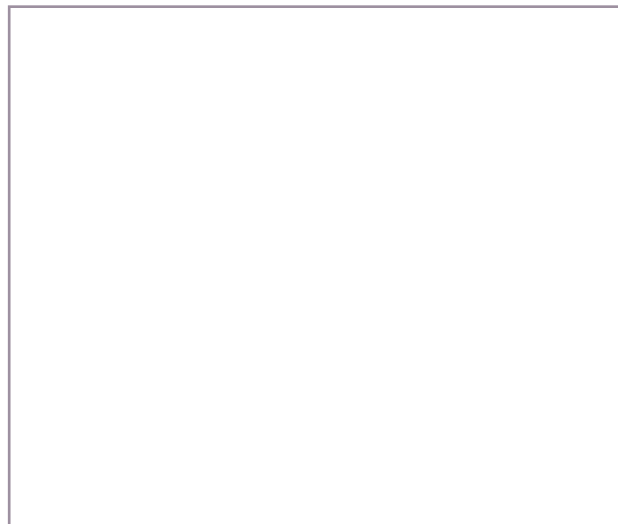


Imagem 14 - Painel semântico Batalha de Rap Fotos: A turma, 2016



Você pode ouvir a produção do Kayo no seu canal Karod MC:  
<https://youtu.be/XGrUUIYM1ts>

Das suas aulas hahaha Sem querer puxar saco Mais quando era dia de artes pra mim era a aula mais esperada E também você tinha e tem até hoje um jeito muito único e original de dar aula Fugia de todo tipo de padrão de professor, porém nunca perdia o foco da matéria Tinha aulas muito inovadoras que faziam você brincar e ao mesmo tempo absorver todo conteúdo passado. (Kayo, ex-aluno e um super artista do rap)

Imagem 15 - Painel semântico Teatro de Improviso, Fotos: Ana Carolina C. 2016





### 2.2.2 – Vanguardas em Cena

O segundo projeto mais recordado pelos estudantes foi o que denominei Vanguardas em Cena. Neste trabalho os alunos deveriam criar cenas teatrais ou coreográficas, tendo como referencial imagético as produções do movimento artístico cultural que eclodiu na Europa a partir do século XX, as vanguardas europeias.

Segundo levantamento feito pela editora Abril, para o site Guia do estudante em julho de 2017, as questões do conteúdo de artes nas provas do PAS UnB e ENEM, nos últimos 5 anos, sobre os temas correlatos ao estudo das vanguardas artísticas corresponderam a 48 % da prova do PAS e 32% da prova do ENEM.

Entender os saberes historicamente construídos dentro da nossa cultura é tido como relevante para o nosso entendimento de identidade. Ocidentais que somos, não há como negar a influência do referencial europeu na nossa formação, embora existam iniciativas para ampliação do nosso olhar, tanto para as manifestações culturais de outros povos quanto para as nossas próprias. O entendimento da repercussão das mudanças da arte ocidental no início do século XIX são ainda consideradas essenciais para refletirmos a cultura da qual fazemos parte.

Partindo desta premissa, aliada à necessidade de tornar este conteúdo acessível ao meu público, alunos do ensino médio, elaborei as bases gerais deste projeto, contando com as ramificações que se dariam a partir do movimento dos estudantes.

Ao comparar com os Processos Experienciais anteriormente descritos, esse foi menos livre. Fiz exigências quanto ao resultado ser em forma de apresentação cênica e que fosse realizado em grupo com o mínimo e máximo de 4 e 6 participantes respectivamente.

No decorrer das aulas, em que os grupos começaram a definir suas apresentações, constatou-se um conceito central da Pedagogia de Projetos que segundo Hernandez e Ventura, é:

... a ideia fundamental do Projeto como forma de organizar os conhecimentos escolares é que alunos se iniciem na aprendizagem de procedimentos que lhes permitam organizar a informação, descobrindo as relações que podem ser estabelecidas a partir de um tema ou de um problema. (HERNANDEZ; VENTURA, 1998)

Embora, inicialmente, tenha tido limites claros quanto a quantidade de pessoas por grupo e o resultado final se dar por meio de uma apresentação cênica, no decorrer das pesquisas, os discentes iam criando alternativas que se aproximavam de seus próprios interesses, e ao final tivemos grupos com mais integrantes, alunas fazendo parte de mais de um grupo, e até um campeonato de videogame totalmente justificado no contexto que esclarecerei adiante.

Para que o assunto não fosse algo totalmente desconhecidos dos alunos, preparei aula expositiva com o conteúdo do tema a fim de criar uma base comum de conhecimento. Apresentei os principais conceitos, contexto histórico e artistas dos movimentos, com imagens e vídeos.

Na figura abaixo, apresento o quadro geral da aula expositiva, disponível no link: [http://prezi.com/xshgla5gyqcv/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy](http://prezi.com/xshgla5gyqcv/?utm_campaign=share&utm_medium=copy), que ocupou dois horários de 45 minutos em cada turma. Ainda, com o objetivo de fixar esta base comum, ao final da aula, os estudantes resolviam questões tipo A em que deviam julgar sentenças como Certo ou Errado.

Imagem 16 - Prezi, Aula Vanguardas Europeias, Ana Carolina C, 2016



Somente após esta contextualização, dividimos os grupos para a realização dos trabalhos. Por se tratar de turmas que já tinham um repertório de possibilidades cênicas, e que já conheciam meu modo de conduzir as aulas, não houve muitas dificuldades no desenrolar deste projeto.

O tempo para pesquisa e aprofundamentos nos movimentos das vanguardas foi executado dentro do prazo. É importante notar que neste projeto considero que a maior aprendiz fui eu, pois as relações que foram concebidas pelos discentes ultrapassaram minhas expectativas.

Em um pequeno momento de devaneio, faço uma comparação com um conceito que conheci num canal de *youtube* chamado Nerdologia, do professor e biólogo Átila Iamarino. Ele fala sobre o conceito do Princípio da Incerteza do físico Werner Heisenberg. Nesse princípio Heisenberg demonstrou que o comportamento de partículas como os elétrons não é determinado, sendo que só temos como saber com certeza ou a posição ou a velocidade da partícula, nunca os dois ao mesmo tempo. Como a matéria se comporta como onda quanto mais certos estamos da posição de uma partícula menos sabemos sobre a velocidade dela e vice-versa.

A analogia que faço aqui é que a incerteza está integrada a todos os aspectos da nossa realidade, no entanto, como docentes, agimos dentro de uma certeza que nos leva a busca do conforto, da padronização, da normatividade, e é de fato, um exercício de abrir ao “e se...” propostos pelos discentes.

Em muitos momentos, tive que ceder para que todos participassem. Ouvir os alunos foi primordial para os bons resultados. Paulo Freire (1996) diz que ensinar exige saber escutar e, saber escutar não é só ouvir o que o aluno diz, mas sim dialogar ao ponto de entender a sua fala e se comunicar de forma que seja clara, como se professor e alunos falassem a mesma linguagem de forma não hierárquica.

Quando um grupo de alunos sugeriu que os jogos de vídeo games atuais poderiam ser um ótimo exemplo de realismo, considerando que os avatares se aproximam do movimento natural e que suas características são mais próximas possíveis as dos seres humanos, considereei que eles tinham um bom argumento. Mesmo assim, na ânsia de fazê-los entender que o Realismo como movimento artístico abordava questões do cotidiano e a vida de operários e pessoas menos favorecidas, os indaguei sobre o que os jogos trariam em comum. Eles responderam

que o jogo de vídeo game FIFA Football que simula jogos de futebol, com jogadores e times reais da atualidade, e o GTA Grand Theft Auto que simula as ações de gangues que roubam automóveis, traziam coisas do dia-a-dia bem como cenários muito realistas de várias nações e sociedades. Aceitei então que a apresentação deles fosse na forma de um campeonato de vídeo game.

Ainda assim, continuei receosa imaginando que o grupo focaria apenas na organização do campeonato e sugeri que fizessem uma apresentação por meio de slides sobre o movimento realista. O grupo acabou me surpreendendo, pois, além da apresentação, criou um jogo de perguntas e respostas sobre o tema. Cada acerto de algum estudante da turma se transformava em bônus de tempo de jogo.

Não só neste caso tive que ser flexível. Em outra turma abri exceção quanto ao número de integrantes de um grupo, limitado previamente ao máximo de 06 pessoas. Permiti que uma equipe que já estava completa incluísse mais dois alunos que ficaram sem grupo. Por serem conhecidos como baderneiros, outros grupos menores não os aceitaram. No entanto, neste trabalho, as meninas do grupo conseguiram fazê-los, não só apresentar, mas também aproveitar suas performances exageradas para tornar o trabalho interessante e divertido.

O grupo tinha recebido o tema Surrealismo, a partir daí optaram então por apresentar uma coreografia inspirada no clipe da música *The Wall* da banda de rock britânica *Pink Floyd*. A estética surrealista surgiu na subversão do que seria uma sala de aula. Alunos sobre a mesa, ou segurando a mesa de cabeça pra baixo, escrevendo a matéria com objetos que não são comuns (sapato, copo, cabelo); o professor, em vão, tenta colocar ordem neste caos, mas ao final sucumbe a loucura de toda a turma.

Na coreografia as alunas apresentavam à turma cópias das obras de Magritte e Salvador Dalí, além do que, demonstraram também uma preocupação em definir uma paleta de cor no figurino. Todos de preto e branco, com características também incoerentes, como o aluno de calção na escola e sobreposição de roupas que não são comuns no dia-a-dia do colégio devido a obrigatoriedade do uniforme.

O grupo optou por apresentar a dança primeiro e depois explicar a relação entre ela e o Surrealismo. Na comunicação oral o grupo demonstrou coerência e entendimento do assunto, citando as características oníricas do movimento e mais

uma vez a subversão do lugar comum. Utilizaram como exemplo o quadro “Isto não é um cachimbo” para justificar os objetos que se tornaram lápis.

Nas apresentações das turmas, fui aos poucos encontrando ressonâncias da fala de Paulo Freire na minha prática docente:

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar, com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. (FREIRE, 1996.)

Mesmo em dúvida sobre quais os melhores exemplos que certificam este vislumbre, descrevo aqui dois dos quais tenho registros em fotos ou vídeos. Na turma do 2º ano C, tive um grupo que optou por falar sobre o Cubismo por meio do Teatro de Fantoques. Tentaram fazer os bonecos com formas geométricas e tridimensionalidade, porém não obtiveram sucesso nesta empreitada. Para sanar o problema, optaram por utilizar os bonecos que conseguiram fazer e resolveram apresentar a história do quadro Guernica de Pablo Picasso.

Este pequeno grupo de estudantes vivenciou uma série de momentos que considero um bom exemplo de como o tempo para testes e errâncias é importante na trajetória e elaboração de um trabalho artístico. Eles tinham uma ideia bem definida: fazer fantoches deformados tais como as pinturas de Pablo Picasso e criar um romance novelesco com características dos dramas mexicanos, porém costurar um boneco cubista não foi tão simples como imaginaram.

A mudança de foco resultou numa associação entre a dor de qualquer guerra e o evento retratado pelo pintor. Na ocasião da escolha de representar o tema com fantoches, emprestei uma apostila que eu tinha desde o tempo da graduação, quando fiz uma disciplina de Técnicas Experimentais em Artes Cênicas -TEAC de Teatro de Formas Animadas. Devido ao estudo da apostila para a confecção dos bonecos, o grupo inovou ao explicar a parte teórica do teatro de fantoche, algo que eu não havia solicitado, e depois desta iniciativa a maioria dos grupos dessa turma fez o mesmo.

As alunas explicaram tanto a técnica do teatro de fantoches quanto os conceitos do movimento cubista. Para tal, montaram uma empanada com papelão e a televisão da sala de vídeo onde se via a imagem de uma feira de vendas de frutas e verduras. Ao final da peça, o aluno responsável por passar as imagens na TV jogou



aviões de papel para simular o ataque de bombas, em seguida a imagem da feira foi substituída pela imagem do quadro Guernica.

A outra demonstração ratificadora das palavras de Paulo Freire foi de um grupo do 2º A que apresentou um *tableau vivant* (pintura viva) - técnica teatral em que os atores partem da obra pictórica para a cena.

Isto posto, como o movimento artístico estabelecido para o grupo foi Impressionismo, optaram por focar nas obras de Edgar Degas, da sua série de bailarinas e de sua escultura *A pequena bailarina de 14 anos*. Mesmo não tendo conhecimento prévio do ballet, as estudantes buscaram aprender passos básicos em vídeos da internet.

Sendo assim, criaram uma sequência de cenas em que apareciam na posição das bailarinas representadas por Degas. Desenvolveram a partir daí pequenas partituras de danças que se entremeavam na narração de uma história em que a menina da escultura se isolava do grupo por se achar desengonçada e sem talento. No entanto, as outras bailarinas a viam de outra forma, considerando sua distância como prova de sua personalidade orgulhos. Encerrando a trama, elas resolveram suas diferenças por meio de uma conversa sincera.

Ao final da apresentação, as alunas fizeram perguntas para a turma sobre o impressionismo e premiaram com bombons os alunos que responderam corretamente as indagações. Cabe ressaltar que em nenhum momento sugeri estas elaborações de questionamentos, muito menos a premiação.

As meninas deste grupo, com exceção de uma, são da mesma igreja e, nos dois anos que acompanhei suas narrativas, percebi que todas se baseavam no discurso de moral cristã. Mesmo quando abordavam temas violentos como um pai de família bêbado ou um assalto, as finalizações das histórias apresentavam a redenção, o perdão, a mudança de consciência do agressor ou sua punição queimando nas chamas eternas do inferno. Quando questionadas sobre o porquê destas escolhas, uma delas respondeu que sabia que nem sempre as histórias têm final feliz, mas lá no teatro ia ter que ter.

Torna-se claro nestes exemplos, o envolvimento e interesse do alunato no bom desenvolvimento do projeto e, por esse motivo não tivemos nenhum resultado aquém

dos objetivos esperados. Pelo contrário, eles se superaram ou cumpriram bem o que foi delineado.

Na tabulação dos depoimentos que busquei para realização deste trabalho (APÊNDICE 1), muitos alunos citaram o Vanguardas em Cena como o projeto de artes mais “legal” de fazer e de assistir, pois a cada apresentação um grupo fazia melhor do que o anterior.

Os trabalhos Vanguardas em Cena foram desenvolvidos com alunos dos 2º anos apresentando seguintes resultados:

*Imagem 17 - Diagrama dos Resultados de Vanguardas em Cena, Ana Carolina C, 2018*

| 2º A  | 2º B  | 2º C  | 2º D  |
|---|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tableau Vivant e Impressionismo</li> <li>• Improviso e Realismo</li> <li>• Dança e Surrealismo</li> <li>• Documentário e Dadaísmo</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Curta metragem e Romantismo</li> <li>• Teatro de improviso e Expressionismo</li> <li>• Teatro de sombras e Pop Art               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dança circular e Fauvismo</li> </ul> </li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo Game e Realismo</li> <li>• Teatro de Fantoches e cubismo</li> <li>• Paródia e Romantismo</li> <li>• Teatro de Improviso e Futurismo</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dança Africana e Expressionismo</li> <li>• Vídeo e Futurismo</li> <li>• Dança e Surrealismo</li> <li>• Dança e Impressionismo</li> </ul> |

O Roteiro Didático a seguir demonstra os passos necessários para a realização deste projeto. Cada turma utilizou oito aulas de artes com duração de 45 minutos cada. Sendo as duas primeiras para a contextualização do tema por meio de aula expositiva. É preciso que se tenha clareza do tempo disponível para cada grupo a fim de que se cumpra o cronograma estabelecido.

### **Roteiro Didático: Vanguardas em Cena**

#### **Objetivos:**

- Conhecer a importância dos movimentos da Vanguarda Europeia e as mudanças no modo de perceber a arte através dos tempos;
- Perceber diferentes características de cada movimento dentro do Modernismo;
- Relacionar a produção artística com o seu contexto histórico;
- Produzir maneiras elaboradas de transmissão deste conteúdo por meio da linguagem cênica.

**Conteúdo:** Vanguardas Europeias.

**Material necessário:** A depender da linguagem cênica escolhida pelos alunos.

#### **Desenvolvimento**

Por ser um tema de alta relevância, devido sua cobrança nos principais exames de avaliação para acesso ao ensino superior, por meio de aula expositiva, discuta sobre o tema e passe questões para fixar o conteúdo. Somente após esta aula, apresente a proposta do Projeto “Vanguardas em Cena”.

**1ª etapa:** Solicite aos alunos que se separem em grupos. Após a escolha do grupo, sorteie os movimentos: a) Romantismo; b) Neoclassicismo; c) Realismo; d) Impressionismo; e) Cubismo; f) Fauvismo; g) Futurismo; h) Dadaísmo. Depois de organizados em grupos, os alunos devem ter tempo para pesquisar seu tema. Em seguida informe que em um momento posterior, deverão decidir qual a forma que irão apresentar. Para este projeto é importante que os alunos tenham conhecimentos prévios sobre as diversas possibilidades das artes cênicas. Estabeleça um tempo para organização, apresentação e reorganização do espaço para cada grupo.

**2ª etapa:** De posse do conteúdo, deixe os alunos elaborarem suas narrativas. Perceba se eles estão considerando a estética do movimento em seus trabalhos, ou estão apenas preocupados em explicar o conteúdo por meio de uma representação.

**3ª etapa:** Monte o cronograma com as datas da apresentação.

**4ª etapa:** Convide os alunos do grupo para falarem sobre seus processos e os demais colegas que assistiram para compartilharem o que entenderam ou deixaram de entender.

**Avaliação:** Observe a participação de cada aluno com base nos seguintes aspectos: compreendeu as principais características do movimento que apresentou? Esforçou-se para realizar a proposta? Comprometeu-se e levou os materiais que precisaria? Soube apreciar e respeitar as produções dos colegas?

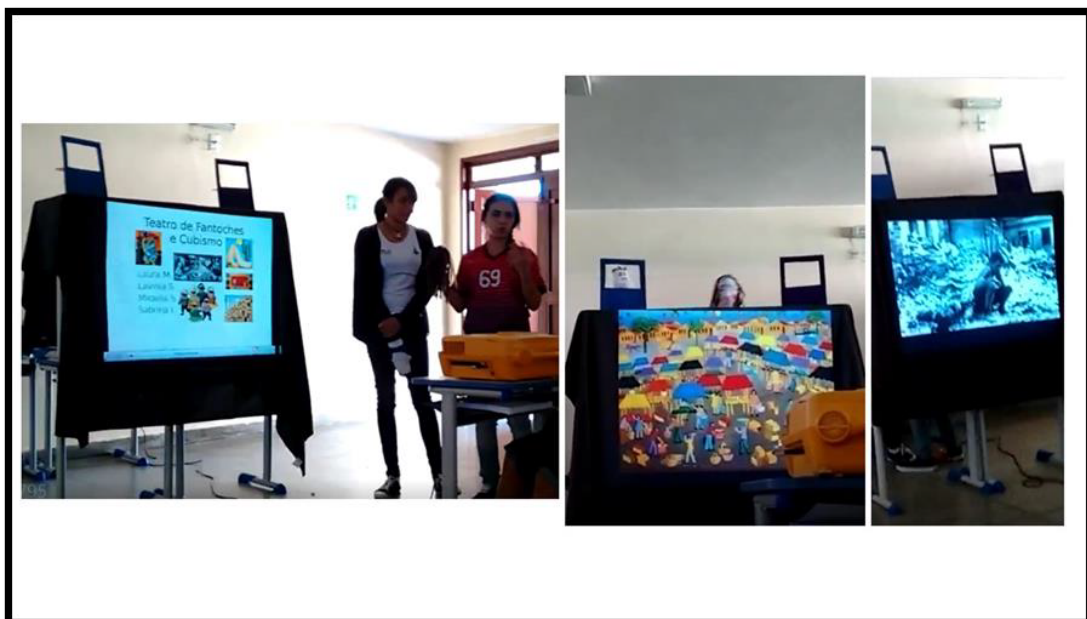
Imagem 18 - Apresentação Surrealismo e Dança, 3º ano A, 2016 – Imagens retiradas de vídeo: A turma



*Imagem 19 - Apresentação Impressionismo e Dança, 3º ano A, 2016 Imagens retiradas de vídeo: A turma*



*Imagem 20 - Apresentação Teatro de Fantoches e Cubismo, 3º ano C, 2016 registro: Ana Carolina C.*



### 2.2.3 – Esporte, Linguagens e Ação!

Embora com os novos preceitos apresentados por uma Base Nacional Comum Curricular ainda estejam em discussão nos principais setores das comunidades que tratam e discutem a educação em nosso país, há que se considerar que durante a escrita desta proposta, os documentos vigentes eram a As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCNE (CNE/CEB nº 7/2010) e o Plano Nacional de Educação – PNE. Numa breve análise destes documentos norteadores, quanto à organização do currículo, podia-se perceber que os discursos buscavam práticas que ultrapassassem o conceito único da disciplinaridade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCNE (CNE/CEB nº 7/2010) orientam, quanto à organização do currículo, que a metodologia de ensino precisa ressaltar a contextualização e a interdisciplinaridade para a articulação e o fortalecimento dos saberes, objetivando a intervenção na realidade a partir da colaboração entre os docentes.

O Plano Nacional de Educação – PNE propõe a diversificação curricular do ensino médio com o intuito de incentivar abordagens interdisciplinares apoiadas na relação entre teoria e prática, trabalhando os conteúdos obrigatórios articulados com dimensões temáticas, tais como: ciência, trabalho, tecnologia, cultura e esporte.

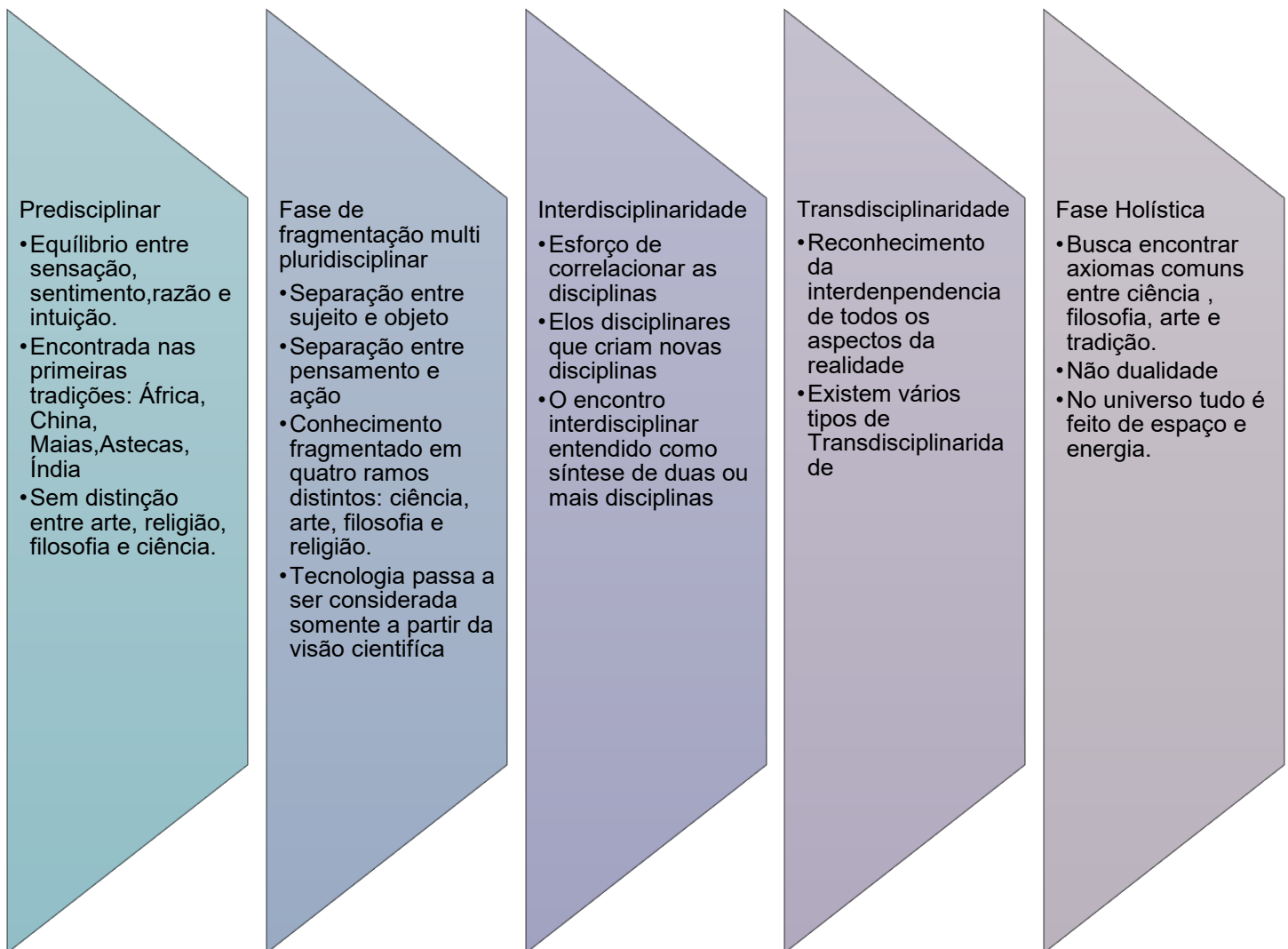
O currículo em movimento, proposta adotada pela SEEDF desde 2014, prevê o ensino de conhecimentos populares, de forma interdisciplinar, dentro das salas de aula. Orienta ainda as escolas a fazerem projetos pedagógicos próprios, relacionados às especificidades de cada local.

Pierre Weil (1993), divide as fases de produção do conhecimento em cinco

fases:



Imagem 21 - Fases do Conhecimento por Weil, Ana Carolina C.,2018



Trago Weil como um contraponto nas concepções de terminologias. Ele atribui o termo multi ou pluridisciplinar de forma oposta as conceituações de Morin (2005) e D'Ambrósio (2016). Nelas, a multi ou politransdisciplinaridade são a busca de união entre duas ou mais matérias para entender, do seu ponto de vista, um tema comum. Entretanto, esta definição para Weil é a de interdisciplinaridade.

Divergência nas denominações à parte, fato é que, nenhum defende o fim das disciplinas específicas. “Não se pode jogar fora o que foi criado” ... “Este é o problema da disciplina, da ciência e da vida: é preciso que uma disciplina seja ao mesmo tempo aberta e fechada.” (Morin, 2005, p.51).



Embora Morin questione o modelo de ensino atual, como, por exemplo, a compartimentação do pensamento, que forma indivíduos com um olhar que valoriza apenas o modo cartesiano e quantitativo, menosprezando a subjetividade e a afetividade dos sujeitos do conhecimento, docentes e discentes, tanto na escola como em suas vidas privadas. O autor admite as dificuldades para a transformação deste modelo que se estabeleceu há tanto tempo.

Mas é preciso ampliar o olhar para outras formas de lidar com o conhecimento, já que este é “uma aventura incerta que comporta em si mesmo, permanentemente, o risco de ilusão e do erro” (MORIN, 2002, p. 86).

O Projeto Interdisciplinar realizado em 2016 na área de códigos e linguagens, no qual alunos dos 1ºs e 2ºs anos produziram um curta, com temática esportiva, utilizando personagens literários, em versão bilíngue, além de pesquisa com retorno de produção escrita. Foi um trabalho colaborativo realizado por mim, a professora de Língua Portuguesa, Aline Flym, a professora de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol, Debora Novaes e a professora de Educação Física, Giselle Rodrigues.

Destarte, com o objetivo de aproveitar a realização das Olimpíadas de 2016 em solo brasileiro, a pesquisa foi direcionada de forma interdisciplinar no sentido em que aproveitamos um único trabalho para avaliar as perspectivas de cada disciplina.

Dessa maneira, cabia a mim avaliar o uso dos planos de enquadramento, interpretação, qualidade da filmagem e edição, adequação de cenário e figurino; à professora de português, avaliar argumento e roteiro; à professora de espanhol analisar a tradução correta nas legendas ou avaliar a pronúncia dos que preferiram dublar em vez de legendar, e à professora de educação física avaliar se pesquisaram corretamente os jogos olímpicos que resolveram usar como plano de fundo.

Os vídeos eram produzidos e editados em seus próprios celulares, exceto quando no grupo havia alguma pessoa que levava o computador para trabalhar com algum software específico de edição.

Utilizamos um cronograma rigoroso, pois a intenção era que além da produção das cenas gravadas em vídeo, haveria sessões em que as turmas assistiriam à produção de outras turmas. Considero esse movimento das trocas entre turmas diferentes uma importante intervenção pedagógica. Flávio Desgranges (2015) diz que

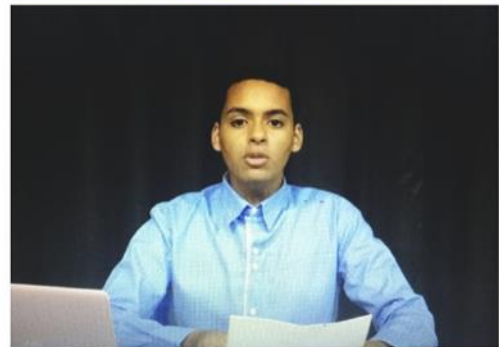
a linguagem artística pode ser desenvolvida de diversas formas em qualquer espaço. É a diversidade e multiplicidade contemporânea que relaciona uma obra com a realidade do aluno. Esta relação promove no estudante uma centelha de interesse e curiosidade pelo novo.

Assim como um espectador de uma obra seja no teatro, pintura, cinema, dentre outros, um estudante se interessa pelas narrativas que o representa, e quem melhor para falar deles do que eles próprios? A hora de apresentar os resultados em vídeos era o momento mais apreciado pelos fazedores, um misto de sentimentos como orgulho, vergonha e humor se misturavam a súplicas de quem podia ver ou não, aquele trabalho. Mesmo os que não apareciam nos vídeos também se manifestavam ora para mostrar que sua edição salvou o curta, ora para reclamar que receberam as gravações em cima da hora.

O retorno deste processo não foi homogêneo. Em alguns grupos tivemos ótimos vídeos faltando a legenda ou a dublagem em língua estrangeira, outras que fizeram um trabalho correto, porém sem muita lógica na história, muitos grupos desistiram de fazer o vídeo e entregaram apenas o trabalho escrito. E, ainda, no meio do processo, a professora de educação física, teve que se afastar por motivos de saúde.

Diante disso, o desenvolvimento desse projeto sofreu muitos riscos e seu resultado foi, de certa forma, ambíguo. Foi positivo considerando o envolvimento dos grupos que se divertiram ao executar seus vídeos e a recepção calorosa dos estudantes que se encontravam na plateia. E negativo pelo fato de não envolver suficientemente todos os grupos acarretando em muitas desistências.

Imagem 22 - Painel semântico, Vídeos do projeto: Esporte, linguagens e Ação! 2016



O seguinte Roteiro Didático demonstra os passos necessários para a realização deste projeto. Cada turma utilizou 4 aulas com duração de 90 minutos de cada disciplina envolvida. Sendo as 2 primeiras para a contextualização do tema por meio de aula expositiva.

**Roteiro Didático: ESPORTE, LINGUAGENS E AÇÃO.**

Objetivos:

- Escrever um roteiro dramático;
- Treinar o uso da língua espanhola na forma escrita e oral;
- Conhecer alguns esportes das modalidades olímpicas, suas regras, as habilidades motoras e grupos musculares utilizados para a prática selecionadas;
- Iniciar o conhecimento da linguagem cinematográfica.

1ª etapa: Monte um cronograma com ação e prazo do que será produzido em cada disciplina

- a) Aula de Artes - Separe trechos de filmes com temáticas que envolvam esportes olímpicos. Aproveite a visualização para explicar os planos cinematográficos, chame a atenção para o uso de enquadramento e trilha sonora utilizada.
- b) Aula de Língua Portuguesa – auxilie os alunos na criação da narrativa para depois transformar em um roteiro de cenas.
- c) Aula de LEM Espanhol – com o texto pronto e com auxílio de dicionários e aplicativos da internet, os alunos devem traduzir o texto para a língua espanhola e treinar a correta pronúncia de suas falas.
- d) Aula de Educação Física – visualizar vídeos e gravuras dos esportes escolhidos como linha temática de seus filmes.

2ª etapa:

- a) Aula de Artes e Português – elaboração do story board e ensaio de cenas.
- b) Aula de LEM Espanhol – ensaio da versão em espanhol.

c) Aula de Educação Física – gravação das cenas com uso de celulares próprios.

3ª etapa: Edição dos vídeos

4ª etapa: Mostra de curtas entre as turmas.

5ª etapa: Convide os alunos para falarem sobre seus processos, e os colegas que assistiram para compartilharem o que entenderam ou deixaram de entender.

Avaliação: Os professores deverão avaliar se o aluno concluiu as etapas do trabalho como um todo. Se houve participação regular, criatividade na elaboração do roteiro e coerência com a temática proposta. Deve considerar também se foram aplicadas as técnicas inerentes a linguagem cinematográfica, trabalhadas em sala de aula.

### 2.2.4 – Ctrl+C e Ctrl+ V

Esse projeto que os alunos apelidaram com a ordem de comando do Windows, que significa copiar e colar, consistiu em adaptar uma cena cinematográfica para a forma teatral no espaço do Palco Italiano.

O projeto foi concebido dentro de uma abordagem transdisciplinar envolvendo as disciplinas de Artes, Espanhol e Química, ministradas por mim, pela professora Divina Alves e pela professora Ana Carolina Cabral respectivamente.

Aqui o foco era o uso didático-pedagógico do cinema no uso pela linguagem como define Marcos Napolitano:

*O uso pela linguagem ocorre quando o professor não trabalha com as questões de conteúdo e representação narrativa do filme em si (a “história”), mas quando se utiliza do filme como mote para a atividade de exercício do olhar (cinematográfico), formação de espectador, elaboração e aprimoramento de outras linguagens expressivas... ( NAPOLITANO, 2004, p.29)*

Escolhemos o filme El Labirinto Del Fauno. Com o objetivo de “treinar os ouvidos” na pronúncia da língua espanhola, passamos o filme em seu idioma original com a legenda em português.

O filme Labirinto do Fauno, dirigido e produzido pelo diretor mexicano Guillermo Del Toro, é uma obra de realismo fantástico em que a personagem principal é Ofélia, garota de 10 anos, cuja mãe casou com um general fascista. O contexto histórico é da Guerra Civil Espanhola de 1944, que vivia sob regime fascista do general Francisco Franco. Ultrapassando a realidade, o filme mescla o contexto histórico com uma aventura mitológica em que Ofélia é princesa em outra dimensão e que está presa no mundo dos humanos, para ela conseguir voltar ao seu reinado, um Fauno a submete a um teste com três tarefas de difícil execução.

Encantados com a arte do filme, os discentes buscaram se aproximar o máximo do que assistiram, mesmo com seus limitados recursos. Na fala de duas alunas que entrevistei dois anos depois desta atividade, ao perguntar sobre suas lembranças de alguns projetos, suas narrativas foram:

*Teve um que foi junto com espanhol que assistimos o filme o Labirinto do Fauno e a gente tinha que criar uma cena teatral da cena do filme, foi legal, fizemos tudo bem bonitinho com cenário, figurino, um monte de coisa. (T.S.A, 18 anos, Aluna do 3º ano de 2016)*

Pra mim o mais legal foi o que foi junto com Espanhol que tivemos que copiar uma cena do filme O labirinto do Fauno. A gente fez com figurino e tudo, até sangue falso na aula de química. Foi muito bom porque o filme foi legal e nós fizemos a cena do parto. (C.J.S, 17 anos, Aluna do 3º ano de 2016)

Nota-se que ambas ressaltam a aplicação dos elementos do Desenho da Cena, como figurino, cenário e outras coisas, e que o termo “legal” se repete nos discursos.

O desafio de reproduzir uma cena de filme no formato teatral deu muito trabalho aos estudantes. Eles tiveram que, tal como cenógrafos, “exercitar os vários pontos de vista: da plateia, do diretor, dos atores, dos técnicos que montam a peça” (PAIVA, 2011, p. 37). Ainda pelo caráter fantasioso da obra, a busca de fazer os efeitos especiais tal como assistiram gerou muitas frustrações que, nós professoras, tivemos que contornar e oferecer alternativas.

Mas até mesmo nesta oferta eu procurava incentivá-los a buscarem suas próprias soluções. Alertava que na linguagem teatral havia a liberdade de utilizar símbolos e modificar a função dos objetos, assim, uma mesa pode virar uma cama, um carro de papelão é tão eficiente quanto um carro real, ferramentas de construção podem se parecer com ferramentas de tortura.

Outro momento desafiador foi quando as pesquisas com a produção de peles se mostraram inviáveis do ponto de vista financeiro. Muitos grupos que escolheram cenas pensando na utilização delas não queriam abrir mão de suas primeiras ideias, tanto que alguns escolheram arcar com os custos, mesmo assim, foi um entrave que desanimou uma boa quantidade de alunos.

Foram encantadores os resultados das montagens. Os grupos se esmeraram na apresentação, ensaiaram, buscaram soluções de iluminação, fizeram adaptações para que a cena fizesse sentido dentro da linguagem teatral, utilizaram todos os recursos possíveis, uso de sombras, interpretação, distribuição do espaço.

Como melhores exemplos dessa movimentação, destaco um grupo do 3º ano D, que solucionou uma cena que devia reproduzir os sentimentos de um bebê no ventre, utilizando uma projeção de uma imagem de ultrassom no datashow. Um grupo do 3º ano C que conseguiu pegar emprestado, com amigos e parentes, uniforme do exército para fazer a cena dos soldados em guerra e, por último, outro grupo do 3º ano C que, ao fazer a cena do monstro que tinha os olhos nas mãos, que ao ser acordado comeu as fadas que estavam por perto. Eles se vestiram totalmente de

preto, cobrindo até a face com aquelas mascaras de motoqueiros e penduraram silhuetas de fadas daquelas utilizadas em enfeites de natal com fio de nylon, dando ilusão que elas estavam voando sozinhas. A propósito, esta cena foi a mais escolhida.

*Imagem 23 - El hombre pálido, cena do filme O labirinto do Fauno Imagem retirada do google, 2018*





Imagem 24 - Painel Semântico Projeto Ctrl + C, Ctrl +V, 2016



Para a execução desse projeto foram necessárias 3 aulas duplas de artes, 3 aulas duplas de Espanhol e 7 aulas de química.

### **Roteiro Didático: Ctrl+C e Ctrl+V**

Objetivos:

- Aprimorar o olhar do aluno;
- Desenvolver a percepção das singularidades e particularidades das linguagens teatral e cinematográficas;
- Estimular o desenvolvimento verbal e a compreensão textual da Língua Espanhola;
- Utilizar os conhecimentos das aulas de reações químicas para a produção de efeitos especiais (sangue e pele falsos).

1ª etapa: Assistir integralmente ao filme O Labirinto do Fauno na forma legendada para aproximação com o idioma espanhol.

2ª etapa: Levantar as percepções dos alunos sobre o filme. Permita aos alunos que tragam questões quanto ao contexto do filme, e discussões sobre fantasia e realidade. Dividir os alunos em grupos com no mínimo cinco e no máximo oito integrantes.

3ª etapa: Fazer o comparativo das semelhanças e diferenças das linguagens cênica e cinematográfica. Iniciar a discussão e escolha de cenas.

4ª etapa: Ensaios e testes de efeitos visuais. Produção de maquiagem cênica nas aulas de química e ensaio da pronúncia em Espanhol.

5ª etapa: Montagem e ensaio das cenas

6ª etapa: Apresentação das cenas

Avaliação: Os professores deverão avaliar se o aluno concluiu as etapas do trabalho em todos os aspectos. Se houve participação regular, se foram capazes de adaptar a cena para o olhar da plateia com uso de luz, cenografia, figurino e maquiagem. Se conduziram bem suas pesquisas na produção dos materiais de maquiagem cênica, fazendo o registro frequente das medidas e resultados obtidos.

Encerro este portfólio na ambição de refletir mais sobre estas vivências. Olhando pelas lentes de hoje percebo que poderia escolher apenas um destes projetos e fazer uma dissertação com intersecções teóricas e recorte mais delimitado, entretanto, o universo escolar é tão rico de possibilidades que preferi detalhá-las aqui.

A partir desta perspectiva este material está disponível no site <https://acaluacarol.wixsite.com/proicere> que se encontra em construção, porém já com conteúdo disponibilizado na rede. Contém mapas mentais de aulas, alguns textos reflexivos, fotos e vídeos produzidos pelos estudantes. É um meio de promover, disseminar e facilitar o acesso ao conhecimento que se gera no fazer teatral.

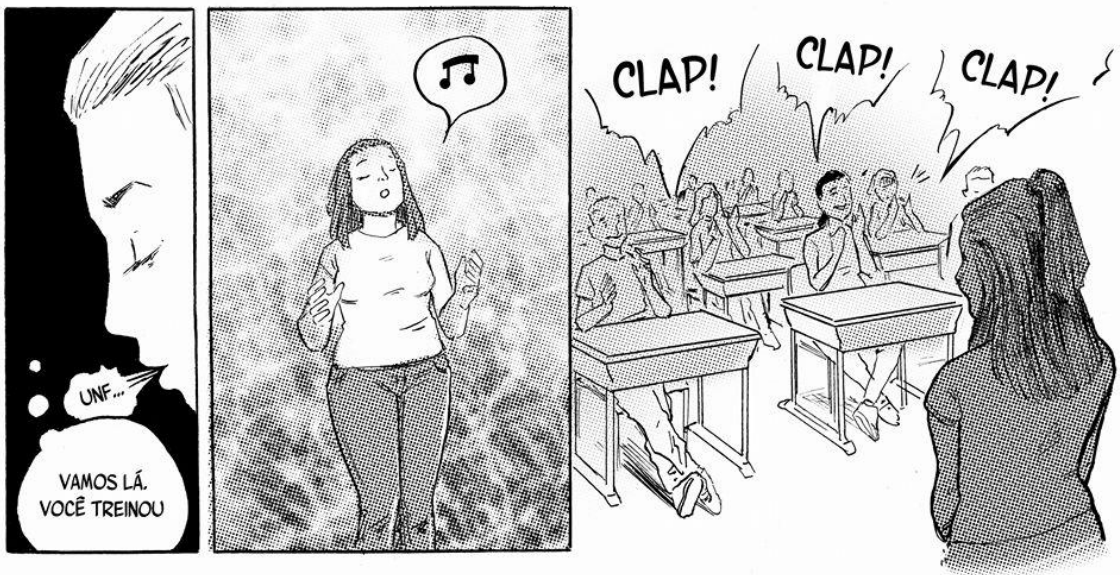
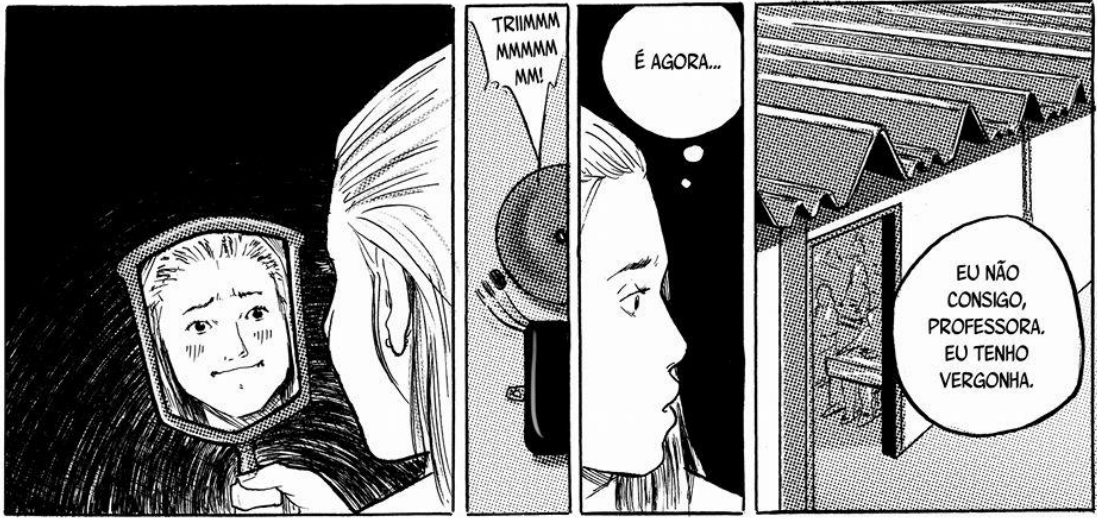
Imagem 25 Visão do site Proicere, Ana Carolina C. 2017



As ações descritas aqui não findaram em 2016, até hoje recebo mensagens de antigos alunos pedindo fotos e vídeos, conselhos pessoais e orientação para realização de trabalhos na faculdade, bem como, indicações de coisas que eles consideram que eu gostaria de utilizar com os meus alunos atuais.

Ainda, já pude aplicar a mesma metodologia, com excelentes resultados, em contextos de local e faixa etárias diferentes. Utilizo como referencial a movimentação dos alunos pela escola, tornando-a um espaço de cultura e mobilização artística. Ainda como referência, busco e rememoro suas caras de alívio após superar suas barreiras sentimentais e se mostrarem para seus colegas. Finalmente, quando terminávamos um processo, e eles soltavam essa frase: - “Profi, vamos fazer tudo de novo?”

Imagem 26 - Quando a Bia apresentou, Lucas Marques, 2016











**Ana Carolina Carolinha** está com **Fabricia Alcântara** e outras 4 pessoas.  
8 de junho · 🌐

Da série de vídeos do CED 01. 3º A de 2015. Direção e produção da Prof. Cilene Pereira !!!



275 visualizações

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

**Jessica Martins** Saudades 🥰🥰🥰  
Curtir · Responder · 4 sem

**Victória Santana** Nossaaa, que saudade! ❤️❤️ Olhem Maryana Luiza Clarissa Lustosa Matheus De Souza Pablo Yves ..  
Curtir · Responder · 4 sem

**Maryana Luiza** · Amigo de Laura T. Luiz e outras 68 pessoas  
Oooh tempo bom que não volta mais! Saudade e muito amor por todos vocês ❤️  
Curtir · Responder · 4 sem

**Fabricia Alcântara** Aaaaaa, que amor ❤️❤️🥰🥰  
Curtir · Responder · 4 sem

**Maryana Luiza** · Amigo de Laura T. Luiz e outras 68 pessoas  
Cilene Pereira ❤️❤️  
Curtir · Responder · 4 sem

**Rairia Sousa** Que fofus ^^  
Curtir · Responder · 4 sem

**Cilene Pereira** Que perfeito! 🥰🥰🥰  
Curtir · Responder · 4 sem

**Henrique Barroso** Ai que legalll !!!  
Curtir · Responder · 4 sem

**Thayná Alves** 🥰 muito amor  
Curtir · Responder · 4 sem

**Isabella Hertel** Saudades...  
Curtir · Responder · 4 sem

**Matheus De Souza** · 35 amigos em comum  
Noossa, que top 🥰 saudades ❤️  
Curtir · Responder · 4 sem

**Clarissa Lustosa** · 47 amigos em comum  
Noossa, melhor vídeo! Arrasamos!! Saudades de todos vocês!  
Curtir · Responder · 4 sem

**Ana Carolina Carolinha**  
16 de novembro de 2017 · 🌐

- Como fulano teve a capacidade de reprovar em ARTES? Eu mesma como professora desta matéria já me fiz essa indagação perplexa . Porém, ultimamente, pensando sobre, vejo que é muito fácil reprovar em uma disciplina que exige a capacidade de ver e ouvir o outro. Estamos tão centrados no nosso mundo que esta tarefa de perceber histórias diferentes da nossa se torna cada vez mais difícil. Artes pede imaginação e criatividade e nós estamos tão acostumados as ideias prontas. Veja os memes e as coreografias fit dance, eu adoro, mas e as nossas criações? Quanto de tempo nos dedicamos a tarefa de imaginar e criar? Como não reprovar em uma disciplina que busca uma relação entre o corpo e a matéria, o corpo e o espaço, o corpo e o tempo em um momento em que estamos imersos numa preguiça e tédio gigante? Em que ninguém quer se relacionar se não tiver garantia de total reciprocidade? Pensando bem, realmente está cada vez mais fácil reprovar em ARTES. E isto, é uma pena.

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

👍👍👍 **Cris Rocha, Laura Gonçalves** e outras 54 pessoas

6 compartilhamentos

**Ingrid Mariz** Boa reflexão Carol! 🙌  
Curtir · Responder · 33 sem

**Luiza Martins** Uau. Verdade 🙌  
Curtir · Responder · 33 sem

**Mary Orfanidis** Interessante ,Carolinha. Vc de cênicas fala de ver,ouvir, e o corpo como movimento no espaço. E nós de plástica, nos referimos a capacidade do indivíduo sensível de ler a arte em suas funções mais importantes:pragmática, formalista e naturalista.sem essa capacidade de leitura, é muito fácil reprovar em arte.Será que a maioria da sociedade, independente do grau de instrução ,está sabendo ler a arte ?Acho que não!  
Curtir · Responder · 33 sem

**Fábio Rafael De Paiva** Boa parte dos brasileiros reprovaria hoje em Artes, principalmente quem colou comido MBL.  
Haha · Responder · 33 sem

**Ana Carolina Carolinha** Eu rio mas acho triste. 🙌  
Curtir · Responder · 33 sem

**Maria Fernanda Fernandes** compartilhou uma foto.  
18 de julho de 2017 · 🌐

Ana Carolina Carolinha

**QUANDO O PROFESSOR É FAN DE NARUTO**

**1) O que é arte ?**

a) A arte é o ato de fazer atividades com o intuito de manifestar a sua visão de determinado fato usando valores estéticos.  
**b) A arte é uma explosão.** ←  
c) A arte é a atividade humana ligada a manifestações de ordem estética a partir de percepção , emoções e ideais, objetivando estimular o interesse de consciência em um ou mais espectadores.  
d) As três primeiras alternativas estão incorretas.



**A RESPOSTA É A LETRA B! KATSU!!**

Central Dattebayo  
18 de julho de 2017 · 🌐

**Haha** **Comentar** **Compartilhar**

Ana Carolina Carolinha





**Ana Carolina Carolinha**  
12 de maio de 2017

Muito feliz em saber que a **Guaxinim** passou no curso de enfermagem! Todo sucesso! Pra você serumaninha!!!  
**Beatriz Souza**

Curtir Comentar Compartilhar

Samantha Fernanda, Kamila Gomes e outras 7 pessoas

**Deusinha Rocha** Qual delas Carol? 1  
Curtir · Responder · 1 a

Ana Carolina Carolinha respondeu · 1 resposta

**Beatriz Souza** Obg prof ❤️❤️❤️❤️ 1  
Curtir · Responder · 1 a

**Deusinha Rocha** Parabéns bichinha!!!!!! 1  
Curtir · Responder · 1 a

**Beatriz Souza** Obg Deusinha 🙏🙏  
Curtir · Responder · 1 a

Escreva uma resposta...

**Larissa Souza** Parabéns amg 🙏🙏 1  
Curtir · Responder · 1 a

**Ana Carolina Carolinha** está com Marcos Rafael.  
22 de julho de 2018

Galera de ouro!!! Da feira de Ciências do CED 01 direto para a Etapa Regional! Parabéns!!!!

Curtir Comentar Compartilhar

Giselle Albuquerque, Yasmin Costa e outras 22 pessoas

2 compartilhamentos

**Beah Lira** Andressa Silva Thayná Alves PARABÉNS 🙏🙏🙏🙏 3  
Curtir · Responder · 1 a

**Thayná Alves** Vaaaleu ❤️ 1  
Curtir · Responder · 1 a

Escreva uma resposta...

**Adrianny Ferreira** Andressa Silva Henrique Cerqueira Miguel Lahiri Soares Campelo aaaaaa 🙏🙏 4  
Curtir · Responder · 1 a

**Ana Carolina Carolinha** Eu ia postar fotos mas vos saíram ou com a boca aberta ou com os olhos fechados ou virados... ou esquisitos... 4  
Curtir · Responder · 1 a

**Adrianny Ferreira** Estranho seria se estivessem normais kkk 1  
Curtir · Responder · 1 a

**Thayná Alves** ué Drika, tá tirando kkkk 1  
Curtir · Responder · 1 a

**Ana Carolina Carolinha** compartilhou uma foto.  
4 de julho de 2016

Tem alguns que fazem este favor... Santo Totó!!!!

Professora Indelicada está com Jéssica R. Farias e outras 43 pessoas.  
4 de julho de 2016

Poxa! Isso não se faz!  
É egoísmo puro!

Curtir Comentar Compartilhar

Rebeca Leticia, Ludmila Leal e outras 23 pessoas

**Célio Eduardo** Que isso professora?? 🙄🙄🙄 1  
Curtir · Responder · 2 a

**Ana Carolina Carolinha** Um momento sincero...  
Curtir · Responder · 2 a

**Célio Eduardo** A senhora só tem alunos 10 1  
Curtir · Responder · 2 a

Escreva uma resposta...

**Jônatas Fernandes** Óh as ideia, Yann, Henrique, Jonh, 4  
Curtir · Responder · 2 a

**Yann Eduardo** Ela é falsiane né kk , quando vamos fugir esse ser humano faz é ir buscar nós ... kkkkkkkkkk 1  
Curtir · Responder · 2 a

**Jônatas Fernandes** Nvs kkkk 2  
Curtir · Responder · 2 a

**Henrique Cerqueira** Kkkk 1  
Curtir · Responder · 2 a

**Henrique Cerqueira** Isso foi uma indireta kkk só faitou marcar nós ai nessa publicação 2  
Curtir · Responder · 2 a

CED 01 do Cruzeiro - os alunos levaram 3 trabalhos para etapa regional do Circuito de Ciências e todos foram classificados para etapa distrital. Parabéns para essa turma que está fazendo bonito, representando muito bem nossa escola!

Curtir Comentar Compartilhar

59

2 compartilhamentos

Ver mais 3 comentários

**Mariana Rocha Ribeiro** Muito orgulho dessa escola ❤️ 3  
Curtir · Responder · 1 a

**Miguel Felipe** Faitou só a gente ai 🙄  
Curtir · Responder · 1 a

**Ana Carolina Carolinha** 7 de junho · 🌐

Pessoas do CED 01 que tem estômagos sensíveis melhor não ver este vídeo, cenas de preconceito, intolerância, protagonizado pelo 1 B de 2015! Calma Rebeca!!!



238 visualizações

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 Laise Saal, Ronaldo Magalhaes e outras 19 pessoas

**Rebeca Leticia** Sou uma atriz de primeira kkkkkkk o pessoal tudo se assustado, saudades! 1

**Wellington Cardoso** Saudades 😊 sou um ator de novela msm 1



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 Carlos Drik, Mateus Ximenes e outras 71 pessoas

**Jéssy Silva** Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa 🥰 que lindas ❤️ as melhores professoras 1

**Yasmin Feitosa** Sinto falta de trio me dando aula 1

**Diogo Ykaro Sdds** define ❤️ 1

**Samara Dias** As melhores 🥰🥰🥰🥰🥰🥰🥰🥰🥰 Professoras mais tops da galáxia 🥰🥰🥰🥰 1

**Vivy Santos** Sdds trio top 🥰❤️ 1

**Sidney Silva** sdds de vcs lindas e melhores 1

**Giovanna Flores** está com Ester Raquel e outras 2 pessoas. 14 de novembro de 2016 · 🌐

Pombo Correio com nossa estrela Carol!!!



👍 Amei    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 Você, Ester Raquel, Álex Eime Bellório e outras 75 pessoas

**Ana Carolina Carolinha** Fiquei tão feliz pela presença de vocês!!! 1

➔ Ester Raquel respondeu · 2 Respostas

**Isa Pimenta** Que povo lindo! 1

**Ana Carolina Carolinha** 30 de junho de 2017 · YouTube · 🌐

Pra quem tá procurando uns beijos para beijar...rs veja isso Rita Louzeiro



YOUTUBE.COM  
**GINCANA CED 01 DO CRUZEIRO 2017 (EQUIPE - 3A)** ✓  
É isso aí, você está mais que convidado para nossa festa junina!!

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 Beatriz Silva, Anna Julia e outras 7 pessoas

2 compartilhamentos

**Rita Louzeiro**



**TENOR**

👍 Rita Louzeiro aaahahahaha adorei, Ana Carolina Carolinha 1

**Lis Shadday** Vc é a melhor kkkk 1



**Ana Carolina Carolinha**  
7 de junho

**Será que meus ex alunos do CED 01 vão ficar muito indignados se eu colocar umas gravações deles em cena aqui???**

Curtir Comentar Compartilhar

Ronaldo Magalhaes, Vinicius Ferreira e outras 75 pessoas

1 compartilhamento

**Yasmin Feitosa** Depende da turma e qual gravação  
Haha - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** 1ª A de 2015  
Curtir - Responder - 4 sem

**Yasmin Feitosa** Misericórdia  
Curtir - Responder - 4 sem

**Yasmin Feitosa** Nem brinca!!! KKKKKKKKKKKKKK  
Curtir - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** Hamlet!!!  
Curtir - Responder - 4 sem

**Yasmin Feitosa** Nunca nem vi Quem é que fez?  
Curtir - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** Vou postar o vídeo e logo sua memória refrescará!!!  
Curtir - Responder - 4 sem

**Dayrta Jhenis** Naaaaao kkkk  
Curtir - Responder - 4 sem

**Wesley Ribeiro**  
Curtir - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** tem uma ótima com vc!  
Curtir - Responder - 4 sem - Editado

**Wesley Ribeiro** Sem problemas 🙌👍  
Curtir - Responder - 4 sem

Escreva uma resposta...

**Ludmila Leal** Nao mas tem q fazer uma visita pra gente  
Amei - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** eu vou lê que agora trabalho do lado de casa e a tarde...  
Curtir - Responder - 4 sem

**Ludmila Leal** Ok ... Entao aguardando a oportunidade de te ver.  
Curtir - Responder - 4 sem

Ver mais respostas

Escreva uma resposta...

**Yasmin Rodrigues** Mkkkkkkkk se pagar a coxinha a gente negocia prof  
Haha - Responder - 4 sem

^ Ocultar 16 respostas

**Ana Carolina Carolinha** caracas só pq tenho uma gravação sua cantando uma paródia...!!! Mas não vou pagar NADA!!!  
Curtir - Responder - 4 sem

**Yasmin Rodrigues** Q????? Kkkkkkkkkkk  
Curtir - Responder - 4 sem

**Beah Lira** POSTAR!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!  
Curtir - Responder - 4 sem

**Beah Lira** EU APOIO! 🙌  
Haha - Responder - 4 sem

**Bruno Aquino** pra minha sorte eu acho que não tem nenhuma minha kkkkkkkk  
Haha - Responder - 4 sem

**Yasmin Rodrigues** Só aceito se também postar o do Junior Chagas de fada  
Curtir - Responder - 4 sem

**Beah Lira** Essa é relíquia, postar ele de fada, a fada mais fofa e delicada ❤️  
Curtir - Responder - 4 sem

**Beah Lira** Bruno Aquino eu estou torcendo pela mesma coisa kkkkkkkkk, porém eu só andava com a Yasmin Rodrigues então a probabilidade é Grande de eu ter um videozinho ❤️  
Curtir - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** Bruno Aquino mas tenho fotos!!  
Curtir - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** Beah Lira De saião e declamando poesia...  
Curtir - Responder - 4 sem

**Beah Lira** Socorro kkkkkkkkk  
Curtir - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** Beah Lira e dançando tango, e cantando a música do elefante, e ...xe  
Curtir - Responder - 4 sem

**Beah Lira** Eu sou a mais zuada não gostei kkkkkkkll  
Curtir - Responder - 4 sem

**Beah Lira** Eu quero ver kkkkkkkk  
Curtir - Responder - 4 sem

**Junior Chagas** - 48 amigos em comum  
Mas oque é isso que tá acontecendo aqui 🙄  
Haha - Responder - 4 sem

**Saulo Batista** Coloca aeee 🙄🙄🙄🙄  
Haha - Responder - 4 sem

**Kamila Gomes** Ai mds kkkkk manda primeiro no privado kkk  
Haha - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** Boa!!!!  
Curtir - Responder - 4 sem

**Kamila Gomes** Ana Carolina Carolinha ansiosa para ver hahal  
Curtir - Responder - 4 sem

Ver mais respostas

Escreva uma resposta...

**Rafael Silva** Com medo, mas quero ver 🙄🙄🙄🙄  
Amei - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** Tenho váriasss de tul 🙄  
Curtir - Responder - 4 sem

**Rafael Silva** Me manda 🙄❤️  
Curtir - Responder - 4 sem

Escreva uma resposta...

**Gabriel Faria Nascentes** #Medo 🙄  
Haha - Responder - 4 sem

**Ana Carolina Carolinha** Tango, apresentador, lendo texto do Nelson Rodrigues...  
Curtir - Responder - 4 sem

**Gabriel Faria Nascentes** Ai meu core, SOCORRONEY  
Curtir - Responder - 4 sem

Ver mais respostas

Escreva uma resposta...

**Álex Elme Bellório** KKKKKKKKKK SOCORRO 🙄  
Haha - Responder - 4 sem

A screenshot of a Facebook comment thread. The comments are as follows:

- Aline Flym Flym Claro que não!!!!
- Ana Carolina Carolinha tenho uma gravação da Rebeca Leticia chamando o Yago Daniel da ladrão porque ele era da estrutural! Quem lembra??? O namorado dela " Calma Rebeca... "Augusto Boal na veia!!!!
- Rezende Heitor eu kkkk
- Layanne Bento Jesus ..
- Ana Carolina Carolinha ÉÉÉ Baiana!!! eu tenho tu de baiana!!!
- Layanne Bento Mds kkkkkkkkkkkk socorroooooo
- Saulo Batista Solta os vídeos logo KKKKKKK eu já tô rindo litros, isso pq eu nem vi ainda
- Ana Carolina Carolinha Já digo logo que os sons estão uma m... só vale pela imagem mesmo!!!
- Saulo Batista Não tem problema não kkkk
- Ana Carolina Carolinha acabei de ver um video com um aluno sendo um baseado gigante ao som de Bob Marley...
- Viskmir Gomes Apoio
- Ana Carolina Carolinha Viskmir Gomes dançando quadradinho e sem camisa!!!
- Viskmir Gomes Das antigasss Pierre Alves
- Julliana Verissimo N q isso kkkk
- Rairla Sousa Misericórdia kkkkkkk
- Diogo Ykaro Só coloca haahahaha
- Getúlio Cruz Acho q não. Estarão sendo valorizados.
- Gabriel Barbosa Doide
- Ana Carolina Carolinha ??????
- Fabricia Alcântara Só um pouco
- Rezende Heitor apoio
- Carlos Barbosa Adoraria kkkkk
- Carlos Barbosa inclusive adoraria ver pricilão no seu feed!!

On the right side of the screenshot, there are more comments and a video link:

- Millena Fernandes Que saudades prof Saudades da gente sempre bate um papo
- Ana Carolina Carolinha Vou tirar uma manhã para encontrar vc's!
- Millena Fernandes Ana Carolina Carolinha sim!!
- Ana Carolina Carolinha Novo vídeo CED 01 na timeline!!!
- Adriana Almeida
- Ana Carolina Carolinha Vídeo novo na time!
- Ana Carolina Carolinha <https://youtu.be/w18uRK-OfmM>
- Yasmin Feitosa Jesus amado!!! KSKSJDKSJAKSKASJS

A yellow circle highlights the video link comment, and another yellow circle highlights the comment from Carlos Barbosa.



**Kadyson Wasley** O pestinha nível hardware ta aqui na escola ainda kk  
 Haha - Responder - 15 sem 🤔 1

⬆ Ocultar 11 respostas

**Ana Carolina Carolinha** Vc é um amorzinho  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Kadyson Wasley** Hum... Eu ja sei  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Hully Ravena Ramos** Prof o Kadyson um amorzinho ?  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Hully Ravena Ramos** Ele é muito terrível isso sim  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Kadyson Wasley** Eita ...  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Kadyson Wasley** Eu??  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Hully Ravena Ramos** Sim vc  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Ana Carolina Carolinha** Que nada ele sempre topava fazer todos os papéis de bebê a cachorro!!! Na minha sala ele era uma amorzinho! A sua turma em geral!!!  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Hully Ravena Ramos** Então ele mudou pq esse menino tá terrível  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Patrick Henrique** Até que gostava 🤔🤔🤔 1  
 Amei - Responder - 15 sem

**Ana Carolina Carolinha** ... 1  
 Curtir - Responder - 15 sem

**Célio Eduardo** Fiquei curioso, não estou nessa descrição kkkkk Saudades demais das suas aulas professora 🤔❤️👍 1  
 Amei - Responder - 15 sem

**Ana Carolina Carolinha** Pra mim vc é uma soma de criatura amada mais inteligente de olhos brilhantes mais o que dava resposta certa na frente de todo mundo pouco se importando se ia se odiado pela turma!  
 Curtir - Responder - 15 sem 🤔 1

**Célio Eduardo** Ainda bem que aprendi a lição, hoje em dia me mantenho calado (acreditou que ainda inteligente, apesar de isso ser bem relativo), e mantenho meus amigos 🤔  
 Curtir - Responder - 15 sem

Escreva uma resposta...

**Millena Fernandes** Ah estudiosa (best da professora)kkkk Daqui da escola mesmo  
 Amei - Responder - 15 sem 1

**Ana Carolina Carolinha** ... dos malas que tinham pose de NERDs, dos inteligentes que davam a resposta primeiro que todo mundo e eram odiados pela turma...  
 Curtir - Responder - 15 sem 🤔 2

**Sara Vitória** Calados com cara de tédio Euuu 🤔 Sdds prof vc faz falta  
 Haha - Responder - 14 sem 🤔 1

**Vinicius Ferreira** Pra mim tu era a melhor professora do Ceduc que já conheci, sua paciência e dedicação com os seus alunos era admirável. Sou grato por ter sido seu aluno, bons momentos das brincadeiras, descontrações e das suas aulas de teatro de mímicas em artes! 🤔❤️👍 1  
 Amei - Responder - 14 sem

**Ana Carolina Carolinha** Que lindo! Obrigada Vinicius Ferreira!!!! Lembra quando delimitei dentro da sala a área que vc podia ficar pulando?!??  
 Curtir - Responder - 13 sem - Editado 1

**Vinicius Ferreira** Lembro demais!!!  
 Curtir - Responder - 14 sem

Escreva uma resposta...

**Daniela Alves** Sem duvida a melhor professora .... quanta saudade das aulas da escola 🤔 professora totalmente radical ❤️❤️❤️ 1  
 Amei - Responder - 14 sem

**Matheus Henrique** To atoa kkkkk estudando por conta própria em casa pra concursos militares  
 Curtir - Responder - 14 sem 1

**Ana Carolina Carolinha** Diogo Ykaro tinha me falado!!!  
 Curtir - Responder - 14 sem 2

Escreva uma resposta...

**Ariel Pimenta** Oi profa, estou estudando arquitetura. E uma parte dessa motivação veio das suas aulas onde eu realmente descobri minha paixão pelas artes. Espero que você continue dando suas aulas maravilhosas, muito sucesso para ti também!  
 Amei - Responder - 14 sem - Editado 1

⬆ **Ana Carolina Carolinha** respondeu - 1 resposta

**Kamila Gomes** Quantas sdds eu sinto das suas aulas de Teatro... bons tempos... hoje estou na UnB graças às suas aulas teóricas haha... meu muito obrigada professora !!  
 Amei - Responder - 14 sem 1

**Ana Carolina Carolinha** Está fazendo qual curso Kamila Gomes?  
 Curtir - Responder - 14 sem

**Kamila Gomes** Letras- PBSL 1  
 Curtir - Responder - 14 sem

**Ana Carolina Carolinha** Massa demais!!! 🤔🤔🤔  
 Curtir - Responder - 14 sem



Ana Carolina Carolinha está com Beatriz Souza e outras 4 pessoas.  
13 de maio de 2016

Queria a turma toda, mas estão aí minha galera que levou o ouro no vôlei! E 1º lugar do basquete nos 3º s anos! Inter classe CED 01 - União, enfrentamento, correria, superação, reviravoltas, uma gama de emoções nessa semana!!!! Se marquem aí...



Curtir Comentar Compartilhar

Pablo Henry Castro e outras 51 pessoas

1 compartilhamento

- Juliana Passos Os melhores hahaha
- Beah Lira Turma MARA
- Eduarda Pereira Muita raça, vocês representaram!! Tmj 3ºD
- Beatriz Souza A melhor conselheira
- Ana Carolina Carolinha

Ourooooo!

Há 2 anos  
Veja suas lembranças >

Ana Carolina Carolinha está com Beatriz Souza e outras 4 pessoas.  
13 de maio de 2016

Queria a turma toda, mas estão aí minha galera que levou o ouro no vôlei! E 1º lugar do basquete nos 3º s anos! Inter classe CED 01 - União, enfrentamento, correria, superação, reviravoltas, uma gama de emoções nessa semana!!!! Se marquem aí...



Curtir Comentar Compartilhar

Samantha Fernanda e outras 38 pessoas

- Leo Silva Que saudades
- Yann Eduardo
- Rodrigo Porto Saudades
- Juliana Passos



Curtir Comentar Compartilhar

Diogo Ykaro, Laura T. Luiz e outras 66 pessoas

Ver mais 2 comentários

- Brenda Barroso Faltou eu
- Ana Carolina Carolinha Me manda uma contigo
- Sidney Silva Que lindos nós
- Sidney Silva Te amo prof vc e a melhor

Ana Carolina Ca  
8 de dezembro de 2016

Duda Ribeiro E Beatriz Ribeiro Alves!!!!

ME SINTO PROFUNDAMENTE TOCADO(A)  
POR UM SENTIMENTO TÃO PURO,  
INTENSO E VERDADEIRO  
@artesdepressao



FOME  
Artes Depressão

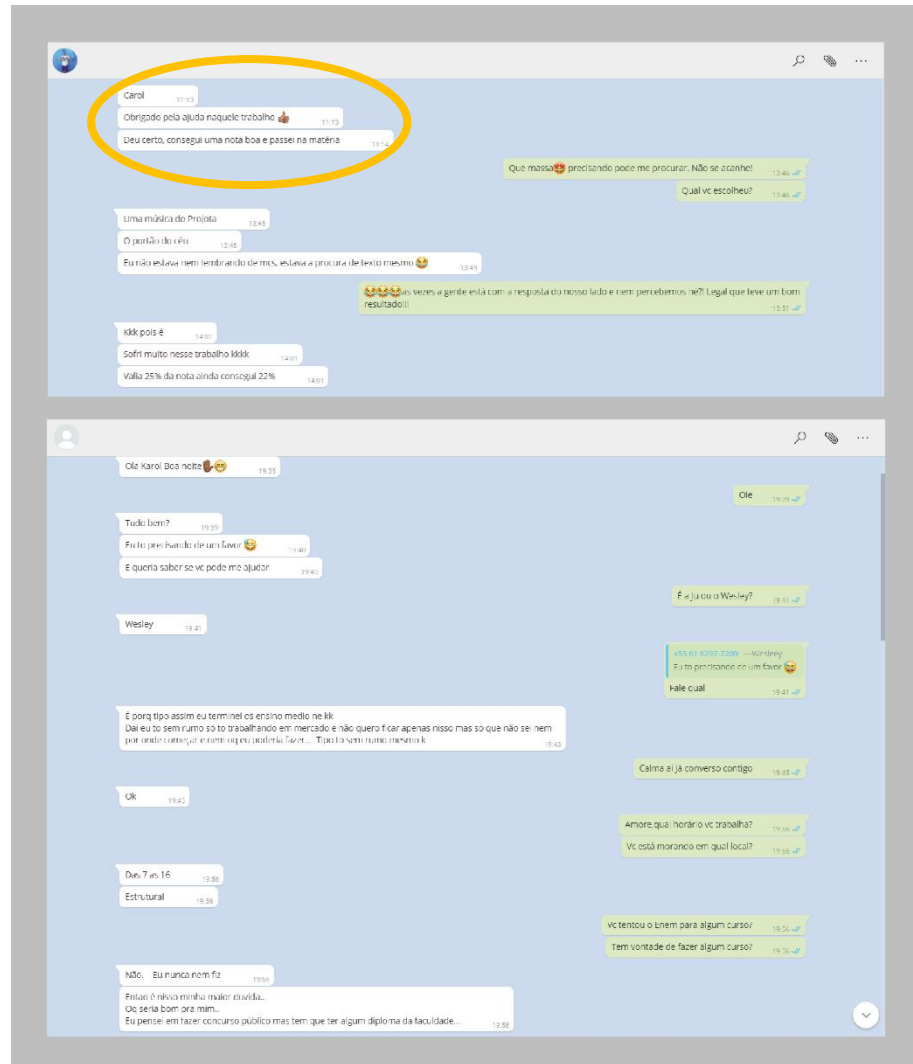
Artes Depressão  
7 de dezembro de 2016

Sentimento que transborda o vazio  
Instagram: @artesdepressao  
Twitter: www.twitter.com/artes\_depressao  
(Madame Moinette - Jean-Auguste Dominique Ingres)

Curtir Comentar Compartilhar

Ester Raquel, Kamila Gomes e outras 13 pessoas

- Beatriz Ribeiro Alves Nossa cara prof., vou sentir saudades de falar isso em todas as aulas kkkk Tô com fome prof
- Duda Ribeiro kkkkkk Bastante minha cara professora, sentirei saudades gosto muito de você cara.



Em um encontro de orientação com o professor Graça Veloso, ele me disse que o que considerava interessante nos meus relatos de ação docente é que eu não tinha pudor em utilizar ferramentas como estratégia pedagógica. Para mim, tudo valia: redes sociais, campeonatos de vídeo game, uso de celulares em sala etc. A frase que, primeiramente, gerou-me um tipo de espanto, agora acolho com afeição.

Realmente, eu não me acanho de usar gestos de animes como referência ou camisetas com frases de livros, séries ou filmes que eles apreciam, se isto funcionar como dispositivo de interesse pelo conteúdo que pretendo que eles compreendam. Se o discente se recusa a participar das aulas, peço que ele observe e registre da forma que lhe pareça mais interessante, tirando fotos, gravando vídeos, desenhando, fazendo mapas mentais ou escrevendo relatórios.

Como demonstrado no início deste capítulo com os *prints* de tela, pode-se perceber que tanto eu como meus alunos utilizávamos a rede social *Facebook* para resolver dúvidas sobre avaliações ou conteúdo, mostrar os resultados de seus trabalhos nas aulas de artes ou simplesmente para demonstrar carinho e gratidão em seus comentários.

Grande parte desta pesquisa foi possível pelo engajamento de antigos estudantes e pelas facilidades ocasionadas pela internet. Se queria saber o que os alunos lembravam das aulas de artes que ministrei, colocava uma chamada no *Facebook* e logo vinham as respostas nos comentários. Muitos dos depoimentos e relatos que utilizei para produzir os vídeos que acompanham este trabalho foram gravados pelos alunos em seus celulares e enviados via *WhatsApp* ou *Messenger*. “De fato, as novas interfaces, softwares que dão forma à interação entre sujeitos e computador, constituem-se outras maneiras de compreensão de mundo, e fazem com que ocorram novas apropriações de produção do conhecimento.” (SANTINELLO e VERSUTI, 2014, P.188)

Sendo assim, penso nas potencialidades do uso de qualquer dispositivo que sirva ao engajamento de alunos e à transformação da escola em espaços de aprendizagem e cultura, sobretudo, quando guiados pela cooperação. Sem o uso do filtro preconceituoso que julga que todos adolescentes só apreciam “porcarias”, é possível sim a existência de uma troca real de referências, anseios e produções.

No Laboratório Transdisciplinar de Cenografia – LTC, temos a prática de registrar nossos processos por meio de cadernos, fotos e vídeos. Uma das técnicas que aprendi nesse espaço foi o uso de mapas mentais para fazer uma síntese de um pensamento referente ao nosso trabalho. Tudo que vivencio com este grupo se transforma em pedagogia teatral nas minhas salas de aula.

Desse modo, para abranger a variedade de projetos desenvolvidos pelos alunos e turmas, estes deviam relatar suas vivências em forma de relatório ou de mapas mentais. Visto que o ensino de artes na educação regular é muito variado e se apoia em questões objetivas e subjetivas, encontrei no mapa mental mais uma forma para os alunos refletirem sobre as aulas.

O mapa mental é uma ferramenta desenvolvida por Tony Buzan<sup>4</sup> com intuito de facilitar a aprendizagem, memória e concentração. Questões como “Como aprendo a aprender?”; “Qual a natureza do meu pensamento?”; “Quais são as melhores técnicas de memorização?”; “E para desenvolver a criatividade?”; “Há possibilidade de desenvolver novas técnicas ou uma técnica superior às que existem?” foram foco de anos de estudo do autor.

O conhecimento do funcionamento cerebral e sua complexidade fez com que Tony Buzan buscasse noções que vinham de áreas como psicologia, neurologia, biologia, física, pedagogia, sociologia entre outras. Este diálogo resultou no conceito de mapa mental que é apresentado como uma ferramenta de estudo que recorre a utilização de associação de palavras e imagens.

Um fator preponderante no estudo do cérebro é a inteligência. Seu conceito tem sido alterado no decorrer do tempo: o que antes era medido por meio de testes de raciocínio lógico-matemático, agora vem abarcando a existência de variados tipos de inteligências em cada indivíduo.

Esta linha de pensamento influenciou bastante a definição do conceito de mapa mental que determina a necessidade do uso global das formas de raciocínios (objetivos e subjetivos), para que ele funcione melhor para a aprendizagem. Em termos gerais um bom mapa apresenta ênfase, associação, clareza, hierarquia, ordem sequencial e um estilo que faça sentido para si próprio.

As escolhas das palavras e formas que os discentes utilizam nos seus esquemas revelam suas concepções e interesses, ainda que estes não tenham consciência deste fato. Na busca de sintetizar suas percepções das aulas de artes, isto não se difere, posto que cada um tem o seu modo.

Paulo Freire (1995) pondera que aprender a ler, a escrever, alfabetizar, é acima de tudo, aprender a ler o mundo, ser capaz de compreender o seu contexto, não pelo que o outro falou, mas numa relação ativa que liga linguagem e realidade.

Assim fala o autor:

“... a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser

---

<sup>4</sup> Escritor inglês e consultor educacional, Tony Buzan é responsável pela sistematização dos mapas mentais.

alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.” (FREIRE, 1995, p. 11)

Nesta perspectiva, os resultados que se dão em forma de mapas mentais revelam o que o estudante apreendeu daquela vivência. Analisando seus desenhos, palavras-chaves e esquemas, fica evidenciado quais momentos e conceitos foram mais marcantes para cada indivíduo, o que nos dá pistas do que aluno compreendeu ou não. É uma forma de visualizar como cada pessoa para qual damos aula, percebe, compreende e atribui significados, lembrando que esta pessoa possui uma história de vida que vai revelando um pouco sua própria apreensão de mundo.

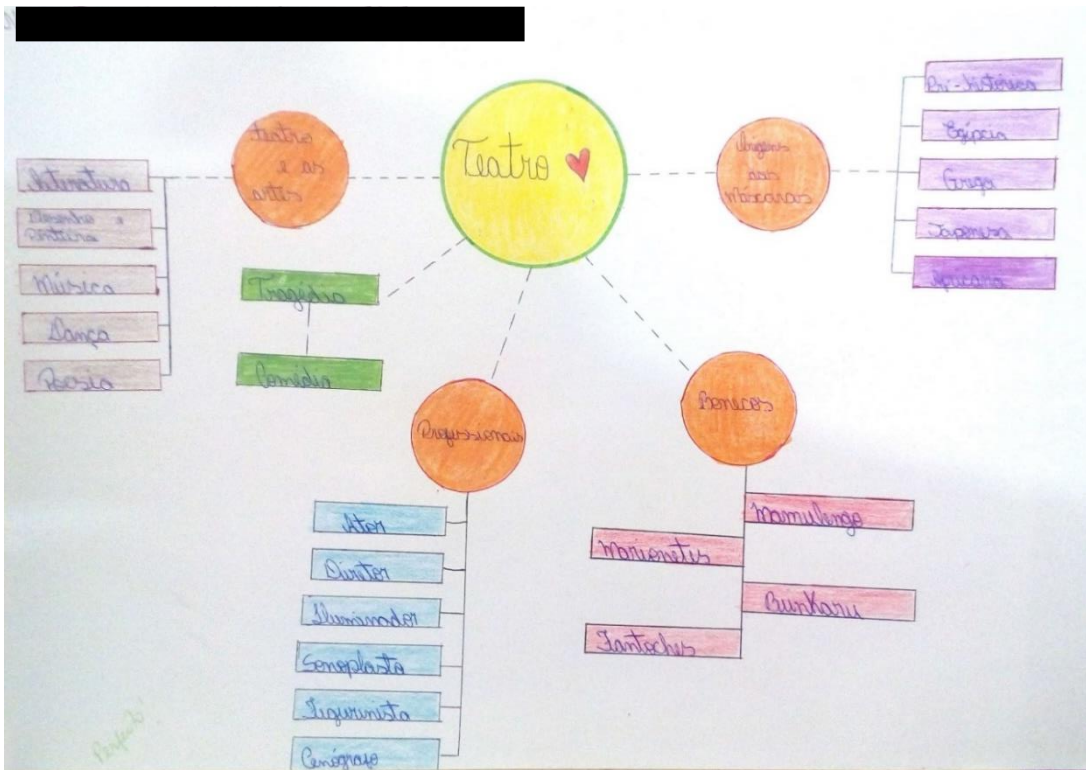
Baseada nisto, é possível dizer que cada turma teve o seu processo, experiências diferentes, que puderam ser compartilhados. Estes mapas tinham como objetivo não só registrar as aulas, mas também fazer com que estes pudessem ter uma noção ampliada do seu processo de aprendizagem em artes. Foi uma maneira de perceber como o processo de cada um e de cada turma aconteceu.

Muitas vezes, quando se trata de avaliação da aprendizagem, utilizamos como recursos a aplicação de provas e testes, seminários e entrega de relatórios. Nesse sentido, as avaliações são aplicadas para obter uma nota resultante do acerto de questões e assim verificar quais conteúdos foram aprendidos. Estes testes recorrem ao uso de memorização e capacidade interpretativa, apoiando-se nos requisitos da inteligência lógico-matemática e linguística.

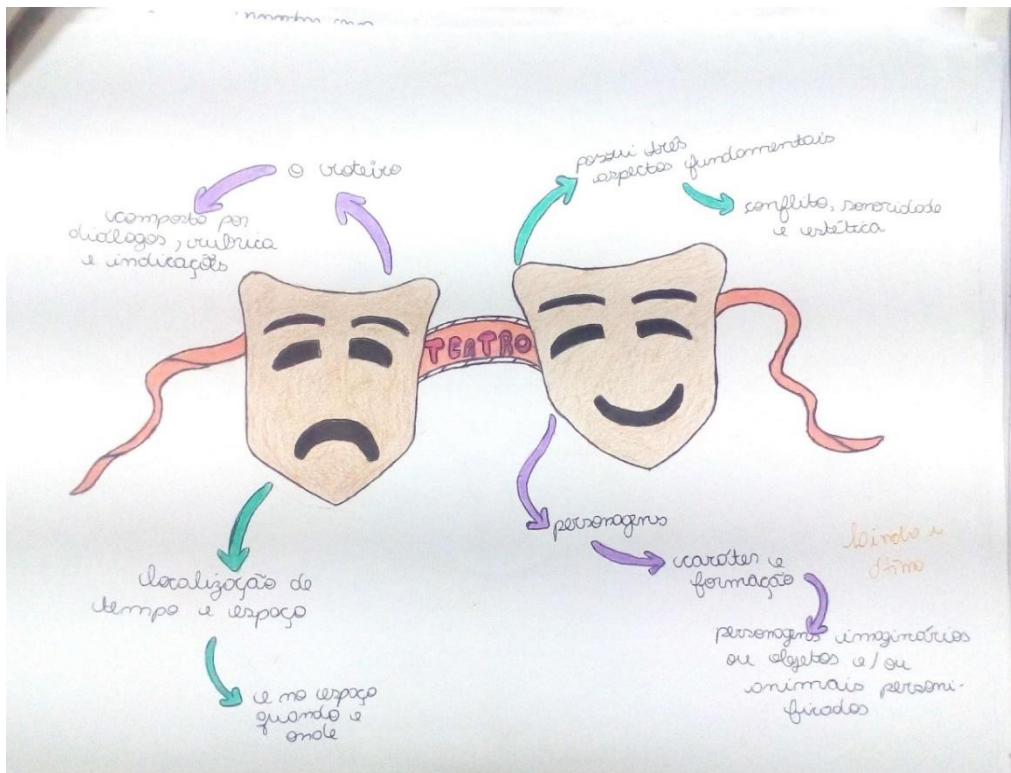
Os mapas mentais, por sua vez, dão oportunidade ao estudante de criar conexões e mostrar o que de fato ele considerou como aprendizagem, além de servir como uma forma mais leve de embasar suas reflexões. O mesmo tema gera diversos resultados, como pode-se perceber nos mapas produzidos por alguns estudantes para responder à questão “O que vocês aprenderam nas aulas de artes deste bimestre?”. Para a mesma indagação, algumas alunas foram mais específicas, falando apenas de uma aula (*Mapa 2,3,5 e 6*) e outras mais generalistas (*Mapas 1,4 e 7*), lembrando de conteúdos referentes ao bimestre em questão e períodos anteriores.



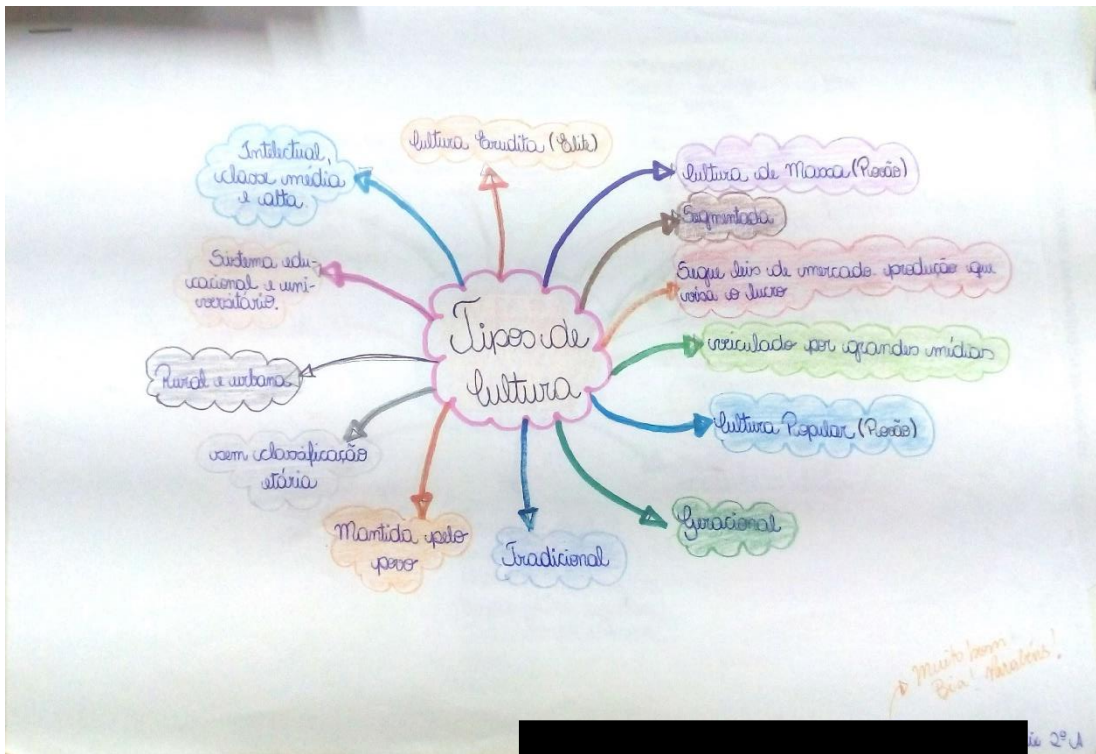
Mapa 1 Aluna relaciona o conteúdo de todas as aulas do 1º e 2º bimestre.



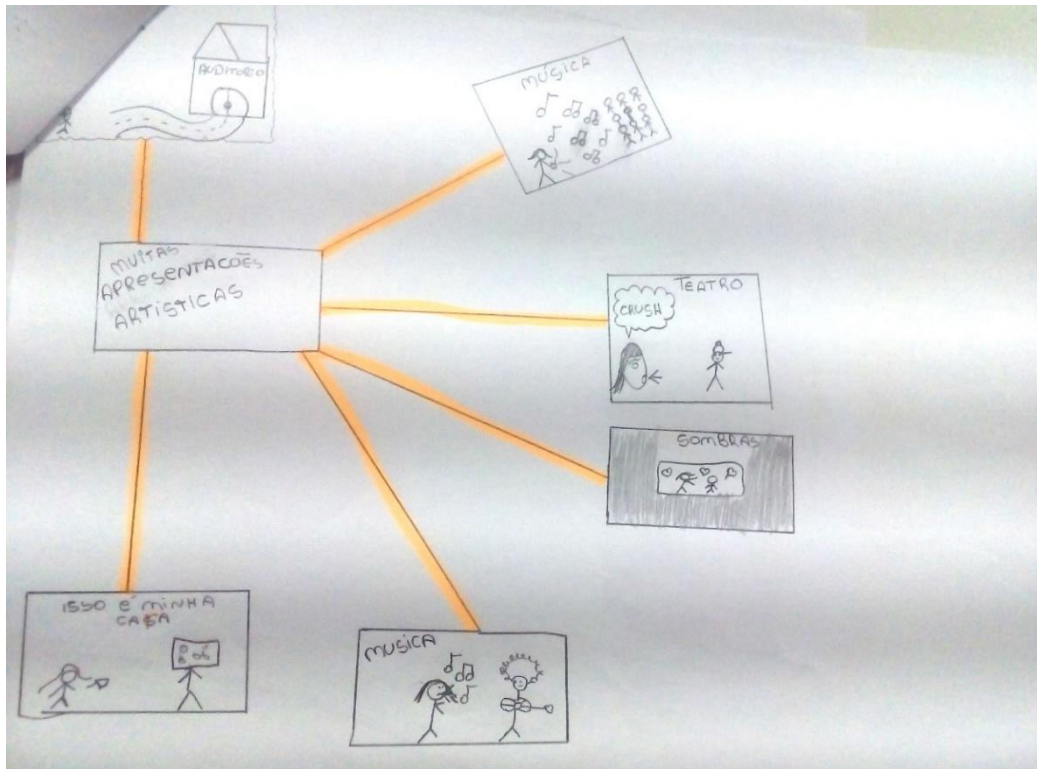
Mapa 2 Aluna discorre sobre a estrutura do texto dramático, conteúdo de uma aula dupla.



Mapa 3 Neste, outra estudante falou de uma parte da aula sobre Patrimônios

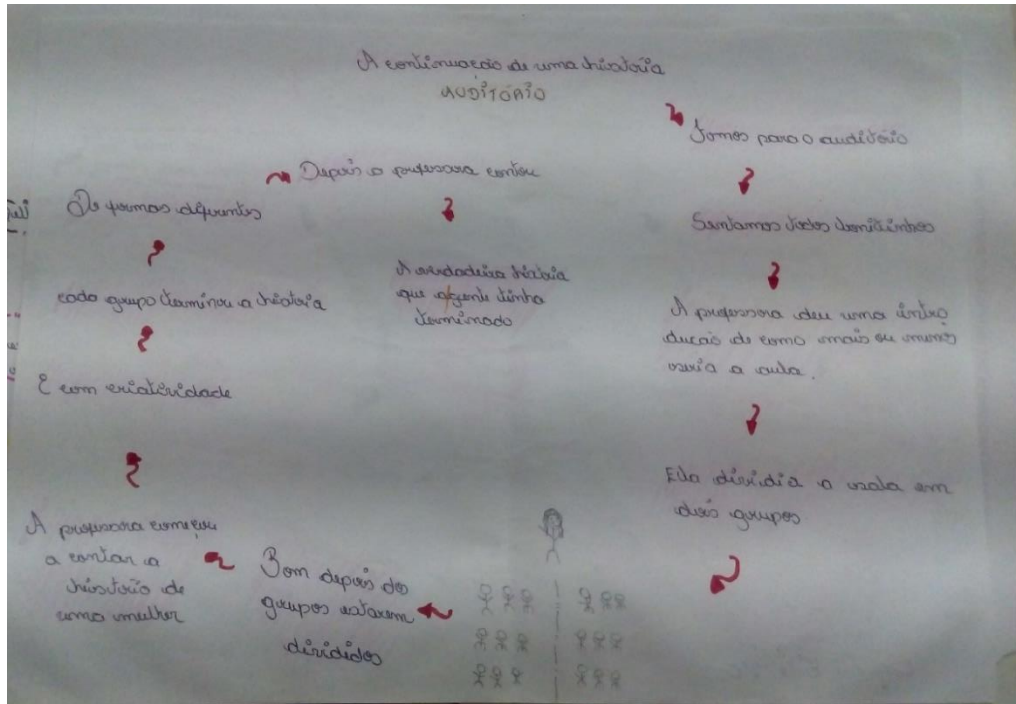


Mapa 4 Resultados de algumas aulas práticas

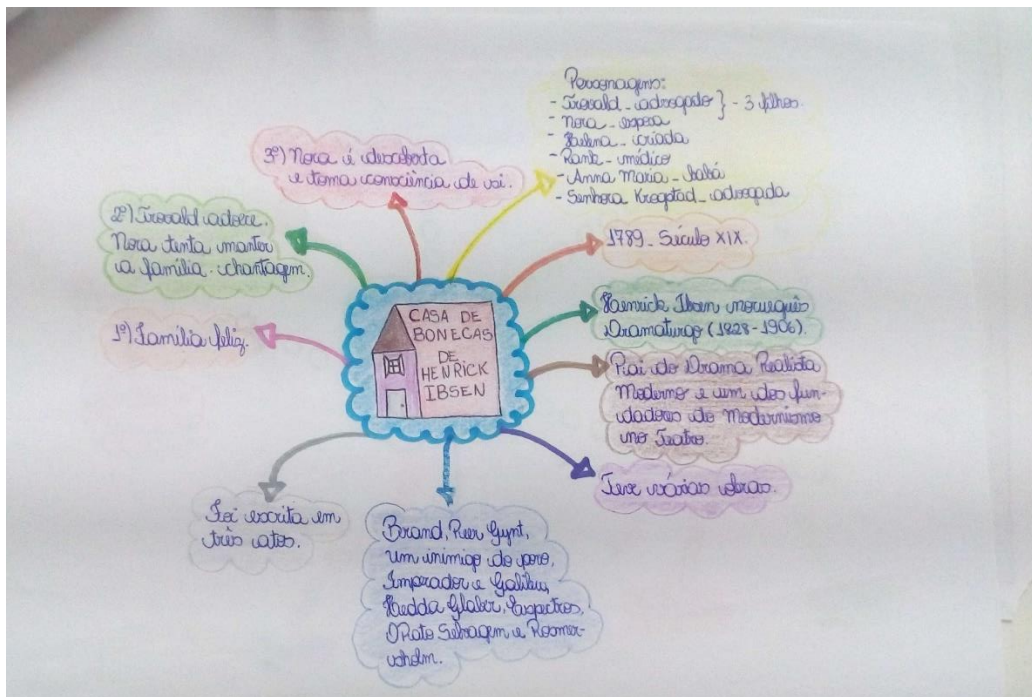




Mapa 5 Atividade específica de criação de roteiro a partir de uma introdução de uma reportagem

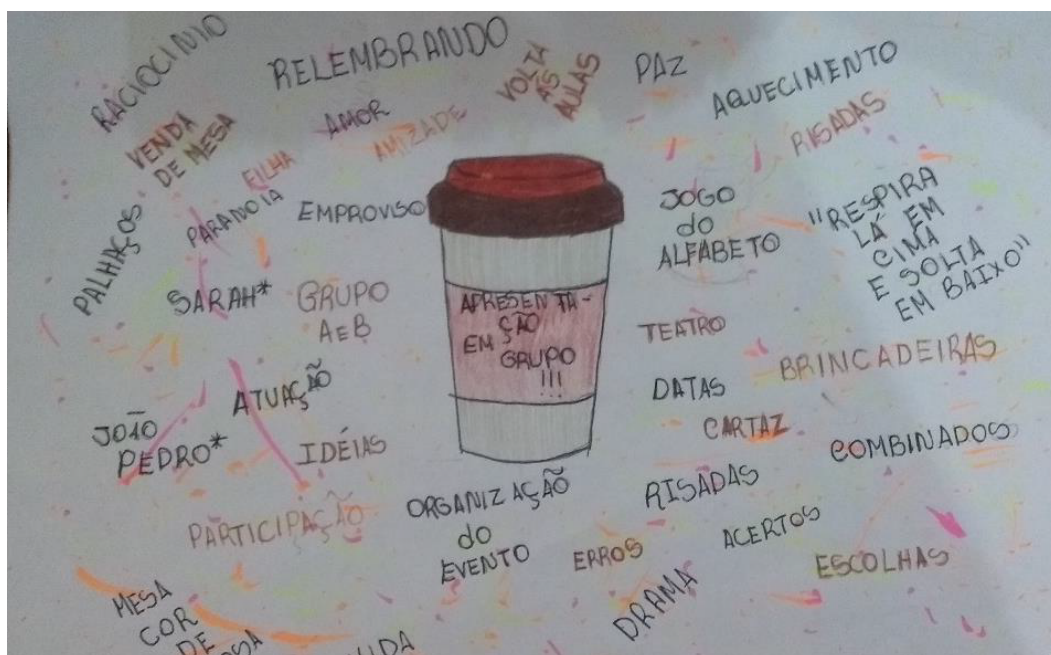


Mapa 6 Sobre texto para o PAS 2 -Casa de Bonecas





Mapa 7 Aluna relatando sobre as aulas práticas



Nota-se que uma questão resultou em muitas respostas. Embora apresentem características e assuntos diferentes, todos demonstram o desenvolvimento de capacidades, tais como: estruturação, síntese, memorização, visão global e integração do conhecimento.

A estruturação é o processo que antecipa uma ideia, todos temos necessidades de estruturar um conjunto de conhecimentos, seja no nosso cotidiano ou na vida acadêmica. No Mapa 1, percebemos uma estrutura por meio da utilização de cores. Já no Mapa 5 a estrutura é sequencial.

A síntese se apresenta no uso de recursos imagéticos como desenhos, palavras-chaves e frases curtas para resumir um conteúdo.

A memorização é um recurso que é acionado antes e depois da elaboração do mapa pois o aluno teve que recorrer ao uso de suas lembranças. Depois o mapa se converte num resumo esquemático que com o uso de caminhos, cores e conceitos-chaves facilitam sua revisão toda vez que necessário.

Um mapa mental possibilita visualizar todas as informações relevantes de uma temática num mesmo campo visual, favorecendo a visão global. Mesmo não

apresentando todos os detalhes, esta forma oferece uma rota que permite resgatar o todo.

Finalmente, a integração dos conhecimentos se mostra na capacidade dos estudantes elaborar suas vivências e explicá-las.

Como dito anteriormente, parte da pesquisa deste mestrado realizei com entrevistas. Neste processo, solicitei aos alunos por meio da rede social – *Facebook* – que me mandassem relatos de suas memórias sobre as aulas de artes e as formas de avaliações. Nos relatos, muitos alunos afirmaram que o mapa, além de divertido, era uma forma de ver e organizar os pensamentos. Para os que entrevistei, mostrei suas produções e eles ficaram surpresos de lembrarem exatamente do que estavam falando só olhando para sua produção (APÊNDICE 1). Transcrevo abaixo algumas falas:

*Pra mim foi uma forma de perceber que cada coisa é linkada a outra. E no final acaba virando uma arte também. (GT, 16 anos, aluna de 1º ano.)*

*O mapa mental era uma ideia bem legal, bem bacana, bem produtiva, com os mapas mentais você acessava muito o seu cérebro, ou seja, você escolhia uma palavra, e desta palavra se abria um universo. (GRM, 16 anos, aluno de 1º ano)*

*Era uma forma de entender toda aquela loucura que era a aula vendo no papel. É um modo de fazer prestar atenção na aula. DYS, 16 anos, aluno de 2º ano.*

*Tinha aqueles desenhinhos com setinhas, que no começo achei muito bobo. Só que aí eu fiz o resumo sobre a aula do teatro da Casa de Bonecas e eu vi que aquele negócio prestava. Mas mesmo assim tenho preguiça de fazer. YDS, 16 anos, aluno de 2º ano.*

*Nossa, eu aprendi isto na aula de artes e hoje uso para tudo, como organização do dia, aula de história, geografia, sociologia, queria conseguir fazer com as matérias de exatas, mas ainda não descobri uma boa forma. TSM, 17 anos, aluna de 3º ano.*

Sobre o primeiro comentário, no qual a aluna chega à conclusão que o mapa em si se torna arte, cito a definição de PEREIRA (2007) sobre o criar uma obra de arte, que diz:

*Criar uma obra de arte vai além da utilização da linguagem (desenho, pintura, escultura), vai além do domínio técnico, porque criar uma forma demanda reflexão, conhecimento sobre o objeto. Além disso, a obra de arte comunica ideias. (...). Na sala de aula, a criação artística parte de linguagens. São as maneiras de transformar ideias em formas visuais. (PEREIRA, 2007, p. 10)*

Embora não seja o primeiro objetivo ter ao final das conexões de ideias uma obra artística, a própria ferramenta que sugere criar padrões através de cores, formas e imagens, torna-se composição visual.

Buzan afirma que o mapa mental é uma forma de materializar o pensamento criativo com uso de cores, desenhos e padrões que são, para o cérebro, suas

primeiras referências. Assim, a associação e a aprendizagem ocorrem tal qual como aprendíamos quando crianças. A conexão das linguagens verbais e visuais, em um panorama gráfico, possibilita conduzir ideias e projetos complexos de uma forma simples.

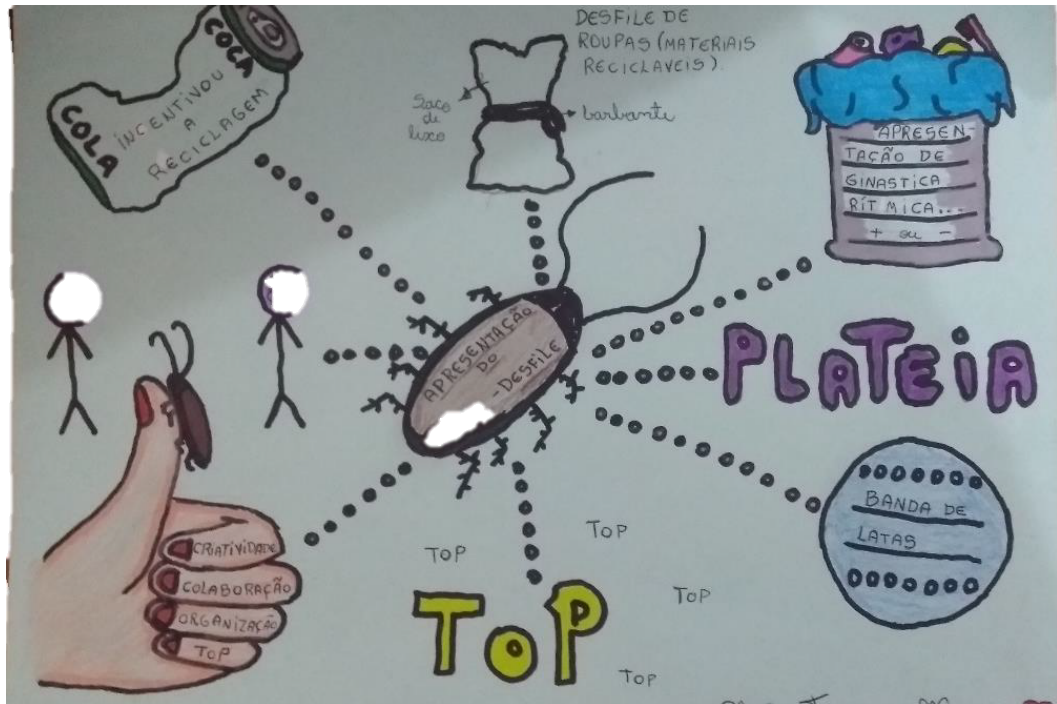
Por experiência, considero que é uma maneira simplificada de criar relações entre conceitos, ajudando a ter uma visão de um conhecimento complexo em um plano. Além do prazer que me proporciona, pois, ao gostar do resultado sempre volto a eles e acabo revendo a matéria ou a ideia.

Os estudantes, em sua maioria, afirmaram que é mais fácil e divertido para conectar ideias. Outros disseram que buscar apenas palavras para resumir uma aula ou vivência os ajudaram a melhorar sua capacidade de sintetizar uma ideia. Tiveram também os que falaram que no início era muito complicado, mas que depois acabaram entendendo os processos de elaboração.

Além disso, no levantamento de material para o desenvolvimento desta pesquisa, descobri que é uma ferramenta de resgate de conteúdos que possibilita uma análise e que de alguma forma transmite informações e percepções até para alguém que não vivenciou o fato.

Os mapas seguintes falam da culminância de um mesmo projeto, sendo que o *Mapa 8* trata do ponto de vista de quem assistiu e o *Mapa 9* do ponto de vista de quem fez. Existe nas imagens pontos descritivos comuns que nos leva a entender que o projeto tratou do uso de objetos feitos a partir de materiais recicláveis; das emoções e avaliações que as alunas tiveram e como aconteceu, mesmo não sendo partícipes do processo.

Mapa 8 Aluna falando sobre experiência como plateia



Mapa 9 Aluna que apresentou no Desfile e Banda de Reciclados



Na busca do sentido pedagógico, os mapas mentais podem ser criados com finalidades diversas. Em minha sala de aula, ele tem o objetivo de se constituir como forma de relato. Antes de solicitar os mapas, é preciso que os estudantes compreendam a função destes para que consigam interpretar e produzir suas próprias representações.

Cabe ressaltar que utilizo o mapa mental como mais uma técnica para que o aluno consiga demonstrar sua aprendizagem. O principal objetivo visa que o estudante, de alguma forma, registre sua vivência ou entendimento das aulas, tendo em vista que o registro colabora para apreensão do conhecimento. Ao registrar podemos obter uma melhor compreensão do que vivemos. Se o educando preferir escrever um relatório para organizar as informações, não considero coerente exigir que seu relato se dê por meio do mapa mental.

Espaço destinado para o seu mapa mental, **conceitos chaves**: projetos; teatro; educação

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência de dois anos é analisada neste trabalho. O tempo que frutifica emoções e sensações é o mesmo que constrói as memórias. Ao olhar para trás, percebo como a trajetória docente é uma caminhada de constante pesquisa e aprendizagem. Das aulas descritas até os dias atuais, já passei por todos os níveis de ensino da educação básica e confesso ser difícil para mim não abordar aqui, o que aprendi aplicando a mesma metodologia no contexto do ensino fundamental.

Mudam-se os níveis, as faixas etárias, e constato que a escola é sim, um espaço aberto e metamórfico. Entender escola como local de permanente criação é permitir a sua plenitude como espaço vivo, potente e criador.

Quando engajados, os educandos, mesmo fora de sala, realizam suas atividades sem atrapalhar as outras aulas. Mesmo cientes que ao propor um projeto com conteúdo baseado nos interesses dos alunos não é garantia de total retorno, pelo menos, estamos nos aproximando de um maior número de interessados. A sala de aula é um ambiente diverso e é necessário compreender a postura do alunato. Sempre ocorre uma divisão entre alunos mais ou menos interessados, entre aqueles que realmente se interessam por aprender, e outros que só se preocupam em obter notas. Entretanto, percebo que, quanto maiores as opções de papéis que vão se desenhando no caminho, mais fácil é motivar a turma como um todo.

As aulas de artes, nesta perspectiva, é um local de exploração, de tentativa e erro, e de descobertas de habilidades, seja na escrita, interpretação ou concepção de imagens ou materialidades. As relações construídas neste espaço tornam-se campo exploratório, objeto de pesquisa e produção artística que não ignora as nossas subjetividades.

Neste panorama, a pedagogia de projetos colabora em permitir a visão da complexidade de relações dentro do próprio campo das artes e do contexto escolar como um processo de aprendizagem aberto, sem hierarquia de saberes. Professores e estudantes caminham juntos na busca de inventividades. Aqui, a criação artística é a grande questão.

Desde o início da pesquisa, apoiar no discurso do estudante foi evidente na elaboração desta proposta. Pois, nessas falas encontramos diferentes formas de



compreensão da metodologia aplicada. É também um meio de rever nossa prática como professor. As expectativas humanas são complexas e nossos adolescentes, em sala de aula, estão imersos em suas próprias preocupações e nem sempre são claros os sinais que eles emitem, levando um professor julgar de forma errônea a atitude dos alunos. Devemos estar atentos. Às vezes, um aluno desinteressado pode ser o primeiro a se oferecer para ensinar algo que sabe aos seus colegas.

Assim, partindo dessa escuta, delineou-se o objetivo de evidenciar a relevância dos processos vivenciados em sala de aula. No decorrer da prática, percebi nos relatos dos estudantes, uma classificação das aulas de artes que as separavam em teóricas e práticas. Sendo que, para eles, tudo que envolvia os projetos, mesmo as pesquisas em livros ou internet era visto como aula prática também.

Dentro da abordagem transdisciplinar, esse binômio teoria e prática já está superado, a reflexão e o fazer são pares complementares. Entretanto, a maioria das escolas continuam treinando a mente discente nessa concepção dualista.

Ao longo da análise da fala dos estudantes, percebo que adequar os conteúdos propostos, tanto pelo Currículo em Movimento como a Matriz do PAS, para conceber os projetos que foram realizados, foi uma forma de aproximar o interesse do aluno, que está imerso nesta pressão que é o ensino médio, para que a partir deste interesse fosse possível ampliar o olhar para outras formas de aprendizagem.

Por mais que os discentes reclamem do labor e desgaste na produção destas atividades, ao final do processo, sentem-se orgulhosos com seus resultados. Costumam falar de seus progressos e das dificuldades e imprevistos no momento do planejamento e execução e, principalmente, lembram das suas apresentações e de seus colegas.

Fazendo um comparativo de todos os projetos desenvolvidos, os traços comuns em seus percursos são: primeiro, sempre havia uma aula expositiva sobre determinado conteúdo, depois um esboço de como poderíamos materializar aquele conteúdo e a realização de um levantamento de ideias com cada turma; segundo, as ideias eram testadas durante a aula, nestes testes grupos se aglutinavam ou alunos se destacavam e acabavam fazendo um trabalho para todos os grupos, como por exemplo, o aluno Pedro que, em dado momento, foi diretor de cena de quatro grupos diferentes, ou o Miguel que editou todos os vídeos da turma dele. Por fim, sempre

recorríamos às rodas de conversa em que se avaliavam o que funcionou e o que não funcionou.

As redes sociais como *facebook*, *WhatsApp* e *Instagram* foram as principais ferramentas de pesquisas, e permitiram-me um retorno rápido das reações dos envolvidos ao verem a si e seus colegas. Além de muitas reações, os *posts* com suas produções vinham acompanhados de uma série de comentários saudosos. Relatos de que adoraram fazer o trabalho, que sentiam saudades destas atividades e outros dizeres, o que prova a constante permanência das opiniões humanas, pois lembro-me bastante de seus muxoxos e reclamações durante a execuções das tarefas.

Uma questão que é ponto de minhas reflexões é que, mesmo com este retorno favorável, ao entrevistar os estudantes, percebi que a aposta na conjugação referencial teórico mais práticas processuais não se constitui como uma conquista autônoma dos discentes. Muitos disseram achar “legal”, mas não sabem identificar a metodologia.

A escola também se reconhece nos resultados, mas o percurso com suas demandas e errâncias são enevoados. Há uma dificuldade em identificar os momentos fora das salas de aula, dos ensaios, das repetições como partes essenciais que culminam nas intervenções culturais.

Embora as mudanças nas percepções do que é uma produção intelectual estejam em alta nos discursos pedagógicos, ainda é difícil para os modelos educacionais compreender a produção artística no mesmo patamar de uma produção científica. E isso se reflete principalmente na educação básica.

Assim, na busca de uma proposta pedagógica que permitisse o alcance de uma experiência estética acessível a todos os alunos, respeitando suas autonomias, foi preciso aplicar uma metodologia aberta que priorizasse a participação do estudante nos processos de decisão referentes aos percursos das aulas de artes. Nessa perspectiva, esta pesquisa é o registro das criações de um coletivo formado por docentes e discentes, que, acima de tudo, se propõe a testar possibilidades. Não se caracteriza por um manual, mas um convite à reflexão do pensamento transdisciplinar em experiência artística no processo de ensino- aprendizagem e que pode colaborar em outros contextos educacionais.

## REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. *Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. MEC/ SEMTEC, Brasília, 1999

BUZAN, Tony. *The mind map book: how to use radiante thinking to maximize your brain's untapped potential*, London:BBC Books, 1993

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*, São Paulo: Palas Athena, 1997

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. A Metáfora das Gaiolas Epistemológicas e uma proposta educacional, *Revista do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*, Volume 9, Número 20. 2016. ISSN 23592842

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do Espectador*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2015

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de Ler*, São Paulo/SP: Paz e Terra, 1995

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo/SP: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*, São Paulo/SP: Paz e Terra, 1983

HERNÁNDEZ, Fernando. *A organização do currículo por projetos de trabalho – Fernando Hernandez Montserrat Ventura; trad. Jussara Haubert Rodrigues*. 5ª ed, Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1998

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Tradução: Maria Viviana V. Rezende. 2ª edição revista – Brasília: MMA, 2006

LECOQ, Jacques. *O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral*, São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

MORIN, Edgar. *Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e outros ensaios*, 3ª ed. São Paulo/SP: Cortez, 2005. Brasília/DF: UNESCO, 2002.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes necessários à educação do futuro*. 6ª ed. São Paulo/SP: Cortez, 2005

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2004.

PAIVA, Sonia Maria Caldeira. *O Laboratório Transdisciplinar de Cenografia (LTC): locus do espaço e desenho da cena no Brasil*. 2016

PAIVA, Sonia. *Encenação: percurso pela criação, planejamento Teatral; participação de Márcia Marques*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2011.

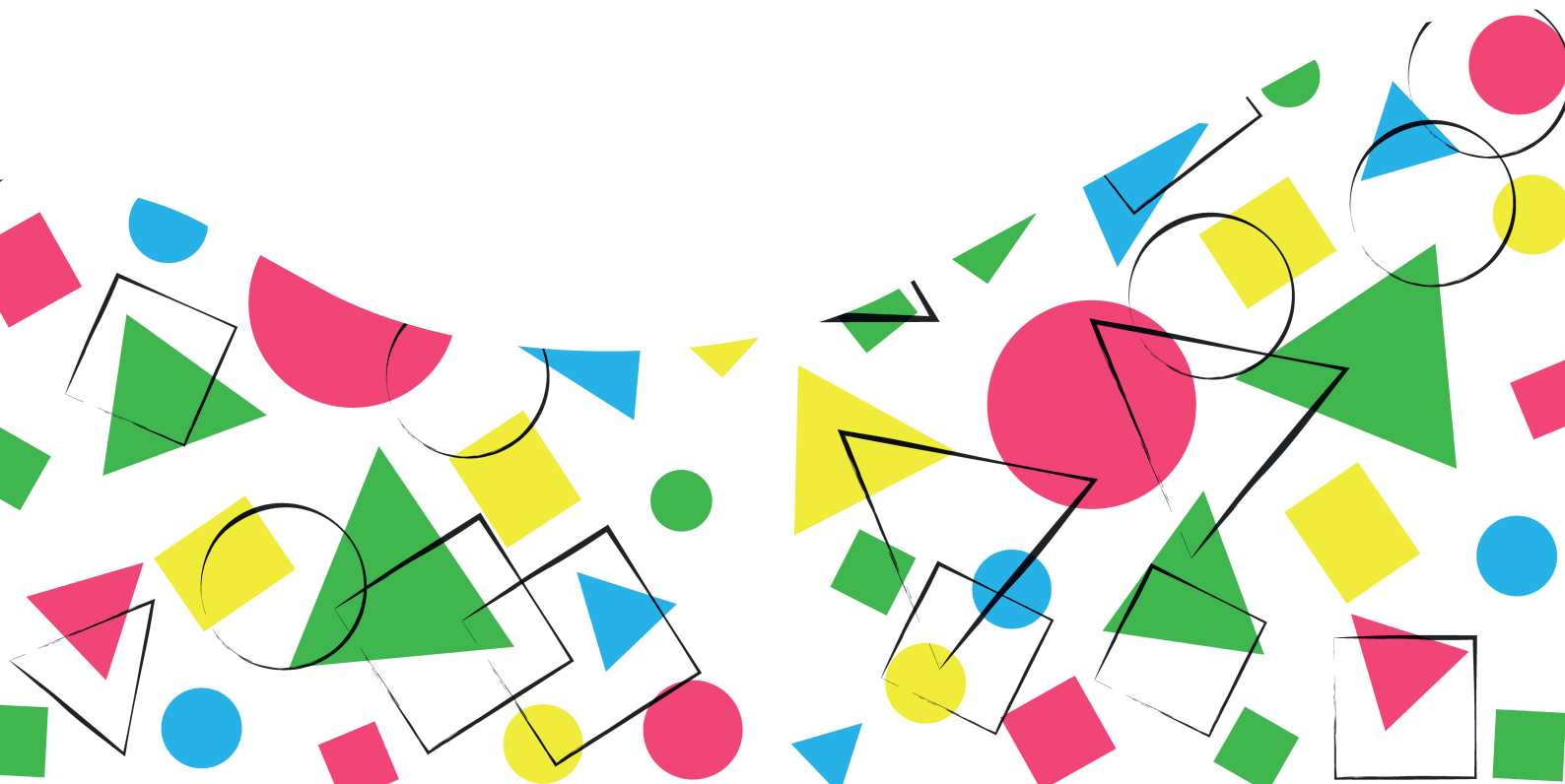
PEREIRA, Katia Helena. Como usar artes visuais na sala de aula, São Paulo/SP: Contexto,2007

SANTINELLO, J., and VERSUTI, A. Facebook: conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 185-197. ISBN 978-85- 7879-283-1. Available from SciELO Books UTUARI,Solange. LIBÂNEO, Daniela. PASCOAL, Ferrari. SARDO,Fabio. Por Toda Parte – Volume Único. Editora FTD, São Paulo, 2013

VELOSO, Jorge das Graças. Paradoxos e paradigmas: A etnocenologia, os saberes e seus léxicos. In:Repertório, Salvador, nº 26, p.88-94, 2016 <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/17456/11396>

VELOSO, Jorge das Graças. Saberes e Fazeres: significações e re-significações acadêmicas no universo do conhecimento comum. In: Anais da IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas.2014 Disponível em: <http://www.portalabrace.org/ivreuniao/dramaturgia.htm>

WEIL, Pierre. Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.



## APÊNDICE

### 1 – Mídia contendo:

1. Vídeo A fala das alunas e dos alunos (versão completa 20 minutos)
2. Vídeo A fala das alunas e dos alunos (versão curta 4 minutos)
3. Vídeo Alunos em ação (2'11")
4. Versão do portfólio em PDF

### 2 - Tabulação das entrevistas e depoimento dos estudantes

### 3 – Cópias de mapas mentais produzidos em sala de aula.

